



Lapsos DA Memória

1941,
The war
they're here
Now

#MeioAmbiente

ESCOLA DA ILHA

LAPSOS DA MEMÓRIA

LAPSOS DA MEMÓRIA

Vitória
2021

Copyright © dos autores. Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida ou arquivada, desde que levados em conta os direitos dos autores.

Ignêz Martins Pimenta; Isabelle Viveiros; Sandra Nitz (Orgs.).

1. Produção de textos. 3. Língua Portuguesa. 4. Ensino Fundamental. 5. Escola da Ilha.

Capa: Luiza Rossi Britto

Supervisão da arte da capa: Luciano Coutinho Cardoso.

Revisão Textual: Isabelle Viveiros.

APRESENTAÇÃO

A produção do quarto livro de textos feito pelos alunos do Fundamental II da Escola da Ilha é motivo de muita alegria para toda a nossa equipe. Com a pandemia ainda presente em nosso cotidiano neste ano de 2021, enfrentamos o desafio de retomar as aulas presenciais juntamente com alguns momentos remotos, síncronos e assíncronos. Os alunos retornaram à vivência escolar e encontraram um ambiente que agora estava organizado de forma diferente - a escola estava adaptada a todos os protocolos de segurança e saúde - e estes também necessitaram se adequar a essa nova realidade.

Com o andamento do ano letivo, os projetos se iniciaram nas mais diversas áreas de estudo. Na disciplina de língua portuguesa, dentre tantas outras propostas desenvolvidas, a produção de um livro de textos teve novamente um brilho especial. Este projeto, iniciado no ano de 2017, representa o desejo da escola de fazer com que nossos alunos experimentem as mais diferentes maneiras de se expressar linguisticamente, associando a produção de textos a uma prática significativa e prazerosa em suas vidas.

Proposta aceita, as turmas decidiram conjuntamente o nome “Memórias” como o tema do livro de 2021. Neste ano, os alunos mergulharam no mundo da ficção através da elaboração de textos narrativos cheios de imaginação e criatividade. Todos se dedicaram e se envolveram colaborativamente na produção do projeto, resultando em uma jornada repleta de novas recordações e aprendizados.

Além do trabalho coordenado pela professora Isabelle Viveiros, pudemos contar também com o envolvimento e as sugestões dos demais professores de nosso corpo docente, que juntos se dedicaram e colaboraram com o sucesso da produção desse livro.

Para a imagem da capa, os alunos foram estimulados a criar um desenho inspirado no tema escolhido para a obra. A ilustração favorita de todos foi eleita mediante o voto das turmas do segmento, tendo sido a capa ilustrada pela aluna Luiza Rossi Brito, do 9º ano, eleita a vencedora.

Diante disso, é com orgulho e emoção que apresentamos a todos o livro “Lapsos de memória”, com narrativas escritas pelos alunos das turmas do fundamental II (6º ao 9º ano) da Escola da Ilha no ano de 2021.

Que esse livro também fique na memória dos autores, nossos alunos, e de seus familiares de forma especial.

Que todos tenham uma leitura prazerosa.

Ignêz Martins Pimenta
Diretora Pedagógica

ÍNDICE

Segredo nas férias de verão em Marte	8
Robi, o Robô de outro planeta	11
Meus sonhos eternos	13
Em busca de novos ares	15
Sistema Solar	17
Vivendo Em Marte	19
Um segredo meu e das estrelas	21
Um dia em Marte	23
Um primeiro dia de viagem diferente	25
Viagem ao lado escuro da lua	27
Herdeira das Memórias	28
O Satélite	31
Uma viagem para Marte	32
Uma missão em Marte	35
Minha Viagem a Mercúrio	37
Um sonho de ir ao espaço	40
Um caos em Júpiter	42
História de Criança	45
Uma missão perigosa	47
Uma viagem ao Sistema Solar!	49
Uma viagem bem diferente!	51
Viagem ao espaço	54
Uma viagem no espaço!	56
Um dia no pantanal	58
Acordei!	59
A raposa mágica	61
O jogo	63
Cuide da natureza	65
Aventuras na roça	67
Memórias de uma destruição	68
Bicho humano	70
Rotina do dia	72

Uma caçada mal sucedida	74
Memórias reconstruídas	76
Aventuras no Parque	78
Grandes desastres em pequenas páginas	79
Semana de aprendizado	82
Uma longa viagem	84
Perdida na floresta	86
Perdidos na neve	88
Era para ser só uma expedição	90
Aquela semana mudou tudo	93
A viagem à fossa das Marianas	95
Diário de Bordo: 1º dia	97
Uma viagem ambiental.....	100
Uma experiência inesperada	102
O General misterioso	104
Ideias contidas em um amuleto	106
A Aventura	109
Catherine Bazelaire	111
O desastre do amor	113
Uma Época de Desastres com um Fim Inesperado	115
Além de uma figura paterna	117
As histórias do guarda Pierre Bunker	120
Tremenda peste	122
A triste vida de um soldado	124
Em um mar de multidões na busca por respostas	126
Alcançando a Felicidade	129
Memórias de Napoleão um dia antes de sua morte	131
Um soldado da Revolução Francesa	133
Família Scarlet	135
Minha grande navegação	137
A História que ninguém te contou	138
Lágrimas de Prata	139
Minha querida Johanna	142
Será que valeu a pena?	144

A vida segue	146
O que me prende aqui?	147
O esconderijo	149
Uma dor que nunca irei esquecer	151
Vírus 1 (cancelados) x Vírus 2 (canceladores)	153
Mofo Moderno	155
Prisioneiro R-8920	157
Um jogo maior	160
Que raça é essa?	163
Uma história para meus netos	165
Flor da Guerra	167
Milagres são bons?	170
Bruxas do Leste	172
Traumas eternos	174
Era tudo mentira... ..	176
Uma caminhada	178
A grande guerra	181
Recomeço do Soldado Hans	183
Sobreviver, mas a que custo?	185
Garotas na guerra	187
À morte	189

Segredo nas férias de verão em Marte

Era noite em Santa Maria de Jetibá, no interior do Espírito Santo, quando Jéssica olhou para o céu e perguntou:

- Será que alguém já tentou alcançar lá, o topo do mundo?

Ela queria saber como poderia chegar ao espaço. Os pais eram diferentes dela, pessoas mais simples, e só falaram:

- Ninguém nunca foi lá no alto. Como pretende chegar na imensa escuridão com luzes brilhantes com apenas 9 anos?

Jéssica ficou envergonhada, pois não sabia como responder. Correu para o seu quarto, mas não parou sua descoberta.

Muitos anos de estudo e filmes de ficção depois, ela conseguiu uma bolsa para estudar nos Estados Unidos. Essa faculdade desenvolvia projetos espaciais junto com a NASA. Os professores viram que ela tinha algo especial: a confiança.

Aos 27 anos, finalmente conseguiu montar sua própria nave espacial e, com a ajuda da NASA, deixou para trás a Terra e foi explorar Marte, Vênus e Mercúrio. Para chegar aos outros planetas do sistema solar, foi preciso passar pelo campo de asteroides, mas bateu em um e quase foi arremessada em direção ao sol, que tem aproximadamente 15 milhões de graus Celsius. Jéssica necessitava de potência máxima, porque sabia que a nave não resistiria a uma temperatura tão alta. Então, ela aumentou a velocidade.

Jéssica desviou de vários asteroides, mas viu que ocorreu uma avaria na nave e estava perdendo combustível. Primeiro, ela ficou em pânico, depois lembrou dos filmes de ficção que assistiu, como "2001: Uma Odisseia no Espaço", "Perdido em Marte" e "Interstellar".

- SM3000, temos que encontrar um lugar para aterrissar! E não pode ser muito quente! Tenho reserva de oxigênio e alimento para mais 3 meses. Onde podemos descer?

- Estou calculando... Temos alguns planetas que poderiam ajudar!

Respondeu o robô assistente que acompanhava Jéssica em sua viagem.

- Quais?

- Urano tem - 251 graus Celsius, é muito frio... Não dá! Netuno tem -245 graus Celsius, é congelante, e Júpiter também é muito frio, com 110 graus Celsius negativos...

- Isso é péssimo! E se voltássemos para Marte? Como eu sei que lá é verão, então agora deve chegar até 35 graus! Lá podemos nos proteger das radiações cósmicas e dos meteoritos dentro dos túneis de tubos de lava que são semelhantes às cavernas.

- Seria uma boa ideia voltar até Marte! Vamos torcer para que o combustível aguente!

- Vamos ligar para a NASA e pedir ajuda! Talvez eles tenham como enviar o combustível!

Jéssica comunicou à estação espacial, que disse que iria mandar um pequeno foguete com combustível. Depois ela fez uma nova rota até Marte. Alguns dias passaram até avistarem o planeta.

Só que eles não contavam com uma nova chuva de meteoros.

- SM3000, foi bom te conhecer, mas acho que vamos colidiiiiir!

Gritou Jéssica, que estava desesperada, e desmaiou.

Ao acordar, verificou se o SM3000 estava bem, mas ele foi rachado. Jéssica levou horas para reconstruir seu companheiro e finalmente conseguiu.

- Reiniciando...

- Que bom que você acordou, amigo! Jéssica, feliz, deu um abraço no robô.

Quando saíram da nave, olharam e perceberam que estavam em Marte, no planeta rochoso que tinha quase a mesma duração do dia que a Terra: 24 horas, 39 minutos e 35,244 segundos. Lá no alto havia uma montanha com 22 km de altura. O maior problema era a tempestade de areia, que poderia durar meses e cobrir o planeta inteiro. Então, eles tinham que correr até encontrar uma caverna segura.

- Olha, uma caverna, SM3000! Finalmente, depois da gente correr tanto!

Durante 2 meses só dormindo, explorando, comendo e reconstruindo a nave, tiveram uma surpresa, pois não estavam sozinhos, havia várias sondas e rovers enviados pelos Estados Unidos e China a poucos quilômetros deles. Tudo para conseguir informações de Marte. Mas não havia extraterrestres, como se imaginava.

- SM3000, quantos dias faltam para irmos embora?

- Calculando... faltam 2 dias!

- Acho que vamos sair deste lugar rapidinho, SM3000!

No penúltimo dia em Marte, descobriram alguns minérios brilhantes nas crateras e decidiram tirar fotos como uma lembrança. De repente, um susto! Algo se

movia na frente deles. Era gelatinoso, azul e tinha um formato de pinguim. E olhava assustado para Jéssica

- SM3000, isso não é adorável? Parece um pinguim, mas sem bico, pata e asas... É um ser vivo ou não?

- Isso é gosmento, Jéssica, mas parece que está vivo. E nos meus registros não há nenhum ser como esse em Marte!

O estranho morador marciano tentou se afastar com medo.

- Ei! Não vamos te machucar! Só queremos saber quem é você!

Nesse momento, ele soltou um som doce como se fosse uma ópera. A jovem astronauta ficou maravilhada.

- Como uma gelatina consegue cantar tão bem, SM3000?

- Não sei essa resposta, mas não paro de ouvir essas melodias!

- O que faremos agora? Se contarmos para a NASA, eles vão levá-lo e fazer experimentos na Terra. Só que esta é a casa dele e nós somos os invasores... Já estamos destruindo nosso planeta... Então, é melhor partirmos e deixá-lo em paz.

Assim, ela e SM3000 deixaram a fofa criaturinha em segredo e foram para a caverna aguardar o foguete com combustível. No outro dia, a nave foi reabastecida e saíram de Marte. Tinha chegado a hora de voltar para casa. Fim das “férias” no espaço.

Robi, o Robô de outro planeta

Robi era um robô de Júpiter, o maior planeta do nosso sistema solar, ele era o príncipe daquele planeta. Júpiter era sempre atacado por Urano, pois era bem grande e os alienígenas de lá eram inimigos dos cidadãos de Júpiter, os quais eram todos robôs. Por conta disso, eles tinham vários soldados, mas um destacava-se por ser muito forte: Berto, o melhor amigo de Robi.

Em um certo dia, Urano planejava um ataque com todos os seus soldados, com 50 naves. Eles eram liderados pelo comandante Arnaldo, o qual queria não só conquistar o planeta Júpiter, mas também vender as peças dos robôs. Porém, através de um informante robô infiltrado em Urano, Robi e seus companheiros de batalha souberam do plano de ataque inimigo e então se prepararam.

Os soldados mais novos de Robi se aglomeraram em uma fortaleza gigante, onde ficaram escondidos enquanto Berto foi à luta. Ele era tão forte que conseguiu derrotar 25% dos inimigos Uranianos. Após isso, não pode mais lutar por estar bastante cansado. O restante dos inimigos, comandados por Arnaldo, aproveitam o ocorrido para refugiar os soldados de Robi, os quais dispersaram-se para ajudar Berto.

Diante disso, chegaram muito mais inimigos e Júpiter acaba perdendo a luta. Com os outros soldados presos, Berto e Robi decidem fugir para o planeta Plutão para que pudessem se preparar e voltar o mais rápido possível. Curioso, Berto pergunta para Robi que tipo de planeta seria aquele onde os dois estavam. O príncipe de Júpiter, então responde-o:

- Isso não é bem considerado um planeta, meu amigo, é um planeta anão, porque ele está na parte externa do sistema solar e tem estrutura rochosa; na parte externa do Sistema Solar somente têm planetas gasosos e, na parte interna, rochosos, por conta dele estar no lugar errado ele não é mais considerado planeta.

Após conversarem e se planejarem, Robi e Berto voltam para Júpiter escondidos. Quando chegam, entram na maior nave que eles possuíam. Dentro dessa nave, acabam encontrando todos os seus companheiros soldados presos lá, mas os guardas inimigos uranianos chegam e eles tem que se separar

imediatamente. Em meio a isso, Robi encontra outros amigos, contudo Arnaldo chega e o príncipe acaba tendo que lutar com ele, pois não tinha escolha e nem saída.

Robi lança uma bomba em Arnaldo, mas este consegue se desviar. O inimigo do príncipe dá um chute no rosto de Robi, fazendo-o cair no chão; após se recuperar do pontapé, ele se levanta e usa todos os seus poderes numa rajada laser, mas Arnaldo aguenta o ataque e continua de pé.

Cansado, Robi recebe ajuda de Berto, que chega no instante oportuno para defendê-lo e tirá-lo da zona de perigo. Por sua vez, Berto batalha com Arnaldo e o derrota facilmente. Por outro lado, todos os soldados uranianos chegam. Nesse momento, Robi tenta hackear o sistema da prisão, enquanto Berto distrai os soldados inimigos.

Usando os seus incríveis poderes supremos de canhão, os soldados conseguem fugir da prisão e, assim, lutam contra o exército inimigo. Enquanto isso, Berto e Robi vão atrás do Arnaldo, o qual começa a fugir e, entrando numa nave espacial, ele tenta escapar pelos meteoros; contudo, o príncipe de Júpiter e Berto vão atrás com muita dificuldade em avistar o uriano, então eles sobem em cima da nave.

O Robi solta seu Ataque de Raio Laser e detona a nave do Arnaldo e cai um monte de meteoros nele. Por fim, eles têm que voltar para Júpiter, porém o caminho se torna mais difícil, mas os dois amigos conseguem fugir e chegar às suas casas. Para comemorar, eles decidem fazer uma festa com todos os amigos.

Na festa, todos se divertem muito, mas são informados de que Arnaldo continua vivo. De repente, ele chega e destrói a festa, mas todos os cidadãos de Júpiter presentes lá se juntam em um ataque que extermina a maior nave de Arnaldo, então eles decidem criar uma barreira virtual para ninguém invadir o planeta. Berto acaba sendo incentivado por Robi a criar uma academia de luta para ensinar todos de lá a lutar, Robi vira o Rei, e Arnaldo nunca mais foi visto.

Meus sonhos eternos

Em uma noite estrelada, fiquei deitado a noite toda observando as estrelas que iluminavam as paredes do meu quarto. Todo dia eu olhava pela janela e elas sempre me esperavam por lá.

Certa noite, perguntei à minha mãe:

- Mãe, a lua está diferente hoje. Por quê?

- Ah, filho, é só um eclipse...

- O que é isso, mãe?

- Existem dois tipos de eclipse, o Solar, que é o alinhamento na ordem Sol, Lua e Terra, e o Lunar, que é ordenado como Sol, Terra e Lua.

- Então, hoje é o Lunar?

- Exatamente.

Depois daquela explicação, fiquei fascinado pelo Sistema Solar e como funcionava. Queria entender bem de perto como aconteciam os eclipses. Fechei meus olhos, e parti para a aventura. Sonhei que embarquei em meu foguete e saí voando pelo espaço. Projetei a mesma imagem que vi da janela de meu quarto em minha mente. De repente, consegui ver o alinhamento correto dos dois processos.

Pulei da cama e fui contar minha aventura espacial a meus pais. Eles adoraram o jeito que contei e meu entusiasmo. Prometi a eles que estudaria muito para conhecer mais como funcionavam essas coisas tão impressionantes.

Certo dia, voltei cedo da aula e tive uma surpresa. Meus pais haviam comprado um telescópio pra mim. Fiquei muito feliz e, quando peguei, saí correndo para o meu quarto. Apontei o objeto em direção à janela e comecei a anotar o que via. Levei minhas anotações para minha mãe. Ela disse que adoraria ir comigo para essa aventura que não saía de minha cabeça. Não perdi tempo. Corri para minha cama e fechei meus olhos.

Peguei meu foguete, mas, desta vez, com minha mãe. Viajamos pela galáxia inteira e mostrei para ela como o universo era maravilhoso. Sonhei que andávamos sobre os anéis de Saturno e vimos o tamanho imenso de Urano.

No dia seguinte, contei para minha mãe sobre a viagem espacial que tivemos juntos e ela adorou. Meu pai ouviu e queria participar também.

- Do que vocês estão falando?

- Sobre nossa viagem espacial!
- Sim, papai. Fomos ver os planetas lá de cima...
- Que legal. Posso ir junto da próxima vez?
- Claro, papai.

Dessa vez, eu passei o dia inteiro pensando: onde poderíamos visitar?

Dormi e levei meus pais junto em meu foguete.

- Apertem bem os cintos!

Outra viagem se iniciou. Me senti mal durante a decolagem. Acordei em um hospital. Minha mãe e meus pais agarravam meus braços. Eu havia sido atropelado. Enquanto estava sonhando e andando pela lua, na verdade, sonâmbulo, saí de casa. Andei pela rua e um carro bateu em mim. Bom, continuei fazendo minhas viagens. Mas, desta vez, com minha mãe, meu pai e... Deus, nas nuvens!

Em busca de novos ares

O ano era 2740. A vida humana como conhecemos havia se extinguido. Por conta da poluição e das mudanças climáticas, o planeta Terra se tornou inabitável. A atmosfera densa causada pela emissão de CO₂ faz com que o calor seja retido, aumentando a temperatura. Porém, mesmo com tudo isso, alguns grupos humanos conseguiram sobreviver debaixo da terra, em bunkers. Peaze, o capitão do grupo B, construiu um robô que resistia às altas temperaturas para procurar materiais úteis para a construção de um foguete. A missão de Peaze era fugir da Terra com seu grupo e ir para um planeta melhor. O robô construído, além disso, tinha acesso a internet que foi salva antes que o “apocalipse” começasse.

Após 10 anos, em 2750, o foguete finalmente havia sido construído. Era um momento de felicidade para todas as dez pessoas presentes, em especial Peaze, que sonhou várias vezes com isso. Cinco horas depois, o grupo estava pronto para a decolagem.

Peaze ficou na sala de controle com seu robô, Pence. De repente, a sua tripulação começa a contar:

- 15 - o motor ligou - 14, 13, 12, 11 - faíscas na terra começam a surgir - 10, 9, 8, 7, 6 - fumaça começa a tomar conta do local - 5, 4, 3, 2...

Na hora da decolagem, Peaze sentiu saindo de seu corpo. Reviveu tudo o que havia feito para chegar até lá. Seus sucessos, seus fracos, suas memórias. Depois de um tempo nesse estado, voltou a realidade:

- 1... DECOLAGEM! - a tripulação grita.

Peaze começa a chorar de felicidade. Não conseguia acreditar que aquilo estava realmente acontecendo. Se beliscou várias vezes, até que percebeu o óbvio: tudo isso era real.

A 700 km de altitude, o compartimento de equipamentos se solta do foguete. 2 minutos depois, ele já saiu da Terra e agora está em sua órbita.

Depois de 50 dias, o estado emocional dos tripulantes estava melhor. Sempre nas horas das refeições eles admiravam a grandeza do espaço. De lá, conseguiam ver as estrelas, os planetas e os satélites, já que não havia poluição luminosa atrapalhando a observação. Viram a Terra girar, fazendo o movimento de translação e rotação. Em um dia que eles estavam conversando, um tripulante pergunta para Peaze:

- Capitão, nós iremos para qual planeta do sistema solar?

Antes que pudesse responder, Pence, o robô, interrompe:

- Na verdade, não iremos para nenhum planeta do sistema solar: Mercúrio possui uma gravidade aproximadamente duas vezes e meia menor que a da Terra, além de ser extremamente quente durante o dia e muito frio durante a noite, pois sua atmosfera não consegue reter o calor. Vênus, por mais que esteja mais distante do sol em relação a Mercúrio, é mais quente, pois sua atmosfera é mais densa e retém melhor o calor. Além disso, Vênus possui uma órbita invertida. Marte possui uma gravidade bem mais fraca do que a Terra e é bem frio. Depois de Marte, há um cinturão de asteroides que separa os planetas rochosos dos gasosos.

- Esses planetas gasosos são tipo bolas de gás? Que legal!

- Não, os planetas gasosos possuem núcleo e partes rochosas, portanto não são bolas de gás. Entretanto, a sua composição é composta majoritariamente por gases.

- Ah, entendi! Mas por que há um cinturão de asteroides, e por que ele divide justamente os planetas gasosos e rochosos?

Quando o sol estava se formando, ele era muito inconstante, lançando diversas aglomerações de materiais ao espaço. As mais densas se concentraram mais perto do sol, formando os planetas rochosos, enquanto as mais leves foram para mais longe, formando os planetas gasosos. O sol e Júpiter, por terem maior massa, atraem esses asteroides, ficando no meio do caminho. É como se fosse um cabo de guerra entre o sol e Júpiter.

- Ok, mas é possível viver nesses planetas gasosos?

- Definitivamente não! Há milhares de fatores para que seja impossível, seja a gravidade, o clima e vários outros fatores.

O foguete de Peaze continuou vagando pelo espaço por muito tempo, até que, enfim, encontrou o seu destino.

Sistema Solar

Em uma tarde, às 5 horas e 32 minutos, Philipe estava desobedecendo sua mãe, e quem desobedece tem suas consequências, ele acabou batendo a cabeça na parede e desmaiando.

Sua mãe o levou ao hospital, pois estava sangrando e a coisa não estava boa. O médico disse que não era nada grave, mas teria que ser feita uma cirurgia.

A mãe do garoto não concordou, então decidiram fazer uma votação na família, na qual a sugestão que a maioria concordasse iria prevalecer. No final, foi decidido que ele iria fazer a cirurgia, que seria realizada no dia seguinte.

Chegou o dia, o médico falou que Philipe tinha direito a um pedido, ele pediu que pudesse ter mais três pedidos, sendo o primeiro deles sobreviver por mais uma translação (que equivale a 365 dias e 6 horas) e uma rotação (que equivale a 23 horas e cerca de 55 minutos). Seu segundo pedido, foi que ele pudesse ver o espaço e entender um pouco mais sobre ele.

No seu terceiro pedido, ele deixou pra pensar no que pediria.

Marcou sua viagem para cinco dias depois, às 5 horas da tarde. Até lá ele ficou muito ansioso para a viagem, foi separando uma bolsa com suplementos e outras coisas que eram necessárias para sua sobrevivência enquanto estivesse no espaço.

Chegou o esperado dia, Philipe estava muito feliz, juntamente com sua mãe, seu pai e algumas pessoas enviadas pela Nasa (para a segurança do jovem).

A Decolagem foi autorizada e isso foi motivo de muita emoção na família do menino, tanto as pessoas que estavam no espaço, quanto as pessoas que estavam na Terra.

Ele conseguiu avistar o Sistema Solar e viu seus quatro primeiros planetas que se localizam na parte interna: Mercúrio, Vênus, Terra e Marte, conhecidos como planetas rochosos. Esses planetas possuíam maior densidade, em relação aos planetas gasosos, que por sua vez, tinham uma menor densidade e estavam na parte externa do Sistema Solar: Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. É claro que não podíamos esquecer do Sol, a estrela central do sistema solar, considerado uma anã amarela.

Não parou por aí, Philipe também viu o cinturão de asteroides, que estava localizado entre Marte e Júpiter, separando a parte interna da externa, além dos

planetas rochosos dos gasosos. Por falar em planetas rochosos, Plutão não era mais um planeta, pois ele era rochoso e ficava na parte externa, onde todos os planetas eram gasosos, sendo hoje considerado um planeta anão, assim como Ceres, Haumea, Makemake e Éris.

A viagem foi bem divertida, Philipe aproveitou muito, aprendeu e observou. O foguete já estava em sua volta e ele agradeceu pela oportunidade de poder ver um pouco do que não conseguimos ver aqui na Terra.

Após chegar em casa, viu que ainda tinha tempo de vida e aventura, então, decidiu utilizar esses recursos com muita sabedoria, nas viagens, aventuras e muitas outras coisas.

Vivendo Em Marte

Oi, meu nome é Scarlett. Meu sonho desde criança é ir para Marte e passar pelo menos 3 meses terrestres (sim, no Planeta Vermelho) para provar que é possível viver lá e assim fazer uma grande mudança para o mundo. Claro que eu iria ter que ir acompanhada e então foi decidido que iria: Eu (Scarlett), Blug (a robô) e Adam (meu namorado).

Para falar a verdade, eu já estou em Marte - surpresa! - e agora vou dar algumas informações sobre o planeta vermelho: Marte muitas vezes é descrito como o “Planeta Vermelho” porque o ferro predominante em sua superfície lhe dá uma aparência avermelhada. Marte é o quarto planeta a partir do Sol. É o segundo menor planeta do Sistema Solar e é o único planeta vermelho do Sistema Solar. Marte foi batizado em homenagem ao deus grego da guerra Ares e possui 2 luas: Fobos e Deimos.

Agora que já dei algumas informações, hora de se divertir. Tinham várias coisas para fazer, a gente poderia procurar pedras raras, tentar se comunicar com aliens ou apenas ficar passeando de carro espacial conhecendo o planeta vermelho, afinal só tínhamos 3 meses terrestres para explorar. Tudo bem que ele não era tão grande como a Terra, mas era um planeta e meu primeiro desejo lá era conhecê-lo. Então foi decidido que iríamos fazer isso primeiro. É claro que, para rodar Marte inteiro, iria demorar uns 2 meses se ficássemos parando para observar aquele planeta, sem contar as noites.

Na nossa primeira noite, Adam sugeriu que a gente observasse as luas Fobos e Deimos e as estrelas de Marte. Logo depois, fomos dormir, pois estávamos muito cansados. Acordamos cedo para seguir viagem. Eu estava animada e eles também, pois nossa próxima parada seria para visitar os aliens e eu estava nervosa, pois não sabia se eles eram bons ou maus. Chegamos na “vila de aliens” e lá, iríamos passar 1 mês terrestre, ou seja, 30 dias. Estávamos no mês de março, que neste caso tinha 31 dias terrestres, mas como um já tinha passado, agora só tínhamos 30 dias. Bom, os aliens foram super simpáticos, e nosso mês lá foi ótimo, estava tudo certo até chegar o dia de ir embora. Eles ficaram muito tristes, afinal estávamos indo embora de um lugar tão bonito e bem construído. Fiquei triste também e não queria ter que ir embora. Cada um deles fez um pequeno presente para nós levarmos para a Terra (a

maioria eram pedras que eram raras no meu planeta) e assim dar mais informações para os cientistas. Meu desejo era que, logo logo, a gente pudesse se ver de novo.

O mais interessante foi descobrir nessa viagem o poder da amizade e do amor que eles tinham naquele lugar, pois não brigavam e não faziam nada dessas coisas ruins que existem aqui na Terra, como por exemplo: matar, roubar e trair amigos próximos. Essa foi a lição mais importante que aprendi nessa viagem.

No mês de abril, foi feita a viagem de volta ao ponto inicial, que era onde a história começou e onde estava o nosso foguete. Quando chegamos, Blug nos falou que tínhamos apenas mais um mês em Marte e quando ouvi aquilo, comecei a chorar. Adam tentou me acalmar, mas eu estava triste demais, fui dormir com lágrimas nos olhos e muita dor de cabeça. Acordei cheia de olheiras e me sentindo cansada, quando de repente caí no chão e desmaiei. Quando acordei, não me lembrava o que tinha causado aquilo. Adam disse que eu estava desacordada há 5 dias e ele já estava pensando que eu tinha morrido, ou que eu estava em coma, pois estava respirando. Aqueles 26 dias que estavam faltando eles cancelaram por isso. Então, eles me falaram que só estavam esperando eu acordar para voltar à Terra.

Voltamos para casa, e quando chegamos, descobrimos que era apenas uma febre grande e que logo eu iria ficar bem. Depois de 5 dias, eu já estava me sentindo melhor e descobri que agora os humanos poderiam morar em Marte. À noite, Adam me pediu em casamento e dois anos depois eu estava tendo a melhor vida do mundo, com 3 filhas, um gato, um cachorro, Blug, eu e Adam. Me sentia completa e estava amando viver pela primeira vez.

Um segredo meu e das estrelas

Tudo começou, num dia muito bonito. Eu estava em minha casa sentada na varanda conversando à noite com minhas amigas: Sophia, Thais e Rafaela, olhamos para o céu que estava repleto de estrelas, tudo muito lindo. Comentei:

- Daqui elas parecem tão pequenas...

- Lembra que o professor Phil disse que na verdade elas são esferas gigantes?

- Perguntou Rafaela.

- Lembro-me sim, aprendemos que o sol também é uma estrela relativamente pequena, porém ele tem um diâmetro de 1 milhão e meio de quilômetros (o que equivale a cerca de 1 milhão de planetas Terra)- Respondeu Sophia.

- E ainda existem estrelas 5 milhões de vezes maior do que o Sol. - Afirmou Thais.

Eu olhando ainda para o céu, vi passar uma estrela cadente e rapidamente fiz um pedido.

- Nossa, passou uma estrela cadente aqui agora, você não viram?

- Que legal! Você fez o seu pedido?

- Sim!

E eu feliz, fiz um pedido muito legal e minhas amigas, como sempre curiosas, perguntaram o que eu tinha pedido.

- Duda, o que você pediu?!

- Não posso contar para vocês.

Me despedi delas e fui conversar com meus pais sobre como foi meu dia:

- Oi pai, oi mãe!

- Oi minha filha, como foi seu dia?!

- Muito bom, hoje eu vi uma estrela cadente e fiquei muito feliz por isso.

- Que bom!

Então eu dei boa noite para os meus pais e fui deitar, porque estava cansada, mas antes de dormir, dei uma olhada no Google Classroom. Parei na parte de Física e astronomia, abri por curiosidade e me lembrei de outra aula do Phil, da parte que ele falou sobre as "Fases da Lua". Uma das informações sobre fases da Lua, era essa: "As fases da Lua referem-se à mudança aparente da porção visível iluminada do satélite, devido sua variação da posição em relação a Terra e o Sol."

Sim, isso foi umas das coisas que o professor falou que me chamou mais a atenção, porque eu também sou apaixonada pela Lua. Voltei a pensar na estrela, queria saber se o meu pedido ia acontecer. Fui pesquisar se era verdade. E o resultado da minha pesquisa foi: "Estrelas cadentes podem sim realizar desejos". Porém também encontrei: "Rastros do cometa Halley, 28 anos depois de sua passagem, 56 milhões de quilômetros rente ao nosso planeta, voltam a cair na Terra criando um chuva de meteoritos, mais poeticamente conhecidos como estrelas cadentes" .

Fui dormir porque estava com muito sono, mas sonhei com minha estrela cadente. No outro dia, acordei e vi que meu pedido tinha se realizado, fiquei muito feliz e fui contar para minhas amigas.

- Rafa, meu desejo se realizou.

- Sério?! Que bom amiga, aproveite o seu pedido.

Você ficou curioso? É um segredo meu e da minha estrela.

Um dia em Marte

Ah me lembro até hoje do dia que pisei em Marte, era 2025 e eu era um renomado astronauta, nunca me esquecerei. Eu fui o primeiro humano a pisar no planeta vermelho, enfiado no foguete Skyline 1500.

Primeiramente vou contar sobre o pouso, que foi bem difícil por conta de tantas crateras, mas foi muito empolgante. Depois do pouso, peguei várias amostras do planeta, o chão era meio esfarelado, o que acabou facilitando meu trabalho.

Meu parceiro era Nelson Robin, ele era um cara interessante, que antes de chegar lá, percebeu por conta de estatísticas que Marte era o segundo menor planeta do Sistema Solar.

Nós ficamos por um ano no planeta e percebemos que Marte tinha calotas polares. Elas também mudavam durante o tempo, diferentemente da Terra. Foi incrível ter pousado perto do maior vulcão do sistema solar, tendo 25 km de altura e 624 km de diâmetro.

O que eu realmente não gostei foi ter ficado quase 2 anos terrestres longe da minha família. Marte era um planeta consideravelmente parecido com a Terra em termos de temperatura.

Quando era hora de voltar, recebemos um comunicado da NASA para irmos logo. Após isso, pegamos nosso foguete e fomos embora.

No meio do caminho, o foguete começou a surtar, Nelson desmaiou, eu enquanto tentava manter o controle da nave gritava: “Acorda Nelson, acorda, ou nós iremos morrer!”

Quando ele acordou, eu percebi que iríamos bater num cinturão de asteroides e chegar em algum planeta em uma velocidade altamente perigosa. Eu continuei tentando manter o controle do foguete, mas quando o asteroide bateu a janela rachou, e nosso ar já estava acabando. Comecei a orar por Deus para nos tirar daquela situação. Porém o que já era previsto aconteceu, a nave foi em direção da Terra com uma velocidade absurda! Como o sistema já não estava mais funcionando, me sentei e aceitei a morte, mas com uma pequena porcentagem de sobreviver entrei em contato com a NASA e falei sobre o ocorrido. Com a tecnologia da época, eles conseguiram montar uma plataforma que iria nos salvar, mas iríamos morrer por falta de ar.

Eu e Nelson com intuito de salvar um país, decidimos seguir com o plano, mas bem depois de atravessarmos a atmosfera a janela se quebrou por completo e para piorar, na hora de chegar na plataforma, foi perceptível que erraram por pouco o cálculo e nós caímos no mar, eu consegui fugir da morte pela janela, mas o Nelson acabou falecendo e o seu corpo nunca foi encontrado até hoje. Ele foi uma das pessoas mais importantes que já existiram, junto comigo, ele honrou seu legado e deixou sua marca na Terra, se eu pudesse salvá-lo seria a primeira coisa que eu faria.

Um primeiro dia de viagem diferente

Os dois irmãos gêmeos, Alberto e André, estavam quase terminando a faculdade, já no 3º trimestre, com 22 anos de idade. Curioso que estavam sempre influenciados por sistemas solares.

Um ano se passou e eles já tinham terminado a faculdade, eram astronautas da NASA. No primeiro dia de viagem como astronautas, estavam viajando pelo Sistema Solar, quando de repente, receberam um aviso de alerta, de mísseis de planetas próximos.

Duas horas se passaram, por volta das 14 horas e 30 minutos, o foguete, que os dois irmãos estavam a bordo, conseguiu detectar um asteroide bem na rota que estava indo para a Terra, e avisaram a NASA:

- Alô! Comandantes?
- Sim! O que vocês viram?
- É urgente!
- O que vocês viram?
- Asteroide diretamente à frente! – Gritaram juntos.

Os dois irmãos fizeram uma manobra, para que o foguete desviasse do asteroide que estava à frente e conseguiram evitar a colisão. Os dois venceram a batalha e foram campeões, foram promovidos a comandantes da NASA e continuaram trabalhando até o fim.

No segundo dia de trabalho na NASA, os irmãos receberam via computadores um alerta de meteoros vindo de planetas próximos e avisaram aos passageiros que estavam a bordo do foguete para tomarem cuidado com os meteoros que estavam próximos:

“Astronautas! Cuidado! Meteoro diretamente a frente! Repito. Meteoro diretamente à frente!”

Os astronautas estavam tentando se desviar do meteoro, mas não estavam conseguindo, cada vez mais apareciam muitos meteoros. Os irmãos contrataram cinco foguetes de mais segurança, para tentar destruir os meteoros que estavam à frente. Os foguetes usaram os seus ataques especiais, que conseguiram destruir os meteoros e finalmente conseguiram derrotar. Os dois irmãos foram heróis e agora assumem a presidência da empresa na NASA.

Viagem ao lado escuro da lua

Era uma vez dois astronautas, os nomes deles eram José e Sabrina. Eles foram chamados para uma missão espacial, resgatar as pedras dark.

Uma vez que o comandante da missão queria dois voluntários para ir ao lado escuro da lua, os dois astronautas se voluntariaram para a missão. Eles logo foram para o foguete e viajaram para o lado escuro da lua.

Quando chegaram, um alienígena estava indo atrás deles, eles pegaram suas armas laser e começaram a atirar no monstro, mas não adiantou nada. Foi quando José teve uma grande ideia, ele pegou seu escaneador de pontos fracos. O escaneador apontou os dois olhos do monstro, como sendo seus pontos de fraqueza. Sabrina e José atiraram nos olhos do monstro até que o monstro explodiu. Com a explosão, os astronautas descobriram que o monstro escondia um baú cheio de pedras dark. Essas pedras dark são pedras que só se encontram no lado escuro da lua.

Com a missão cumprida, os dois astronautas voltaram para a Terra e chegaram como heróis, pois eliminaram o monstro e trouxeram as pedras dark para a Terra. Eles ficaram ricos e viveram felizes para sempre.

Herdeira das Memórias

Nascida no ano de 1982 em Cairo (capital do Egito), filha de Ashraf e Zeniab Hassan, Layla Hassan teve com apenas 2 anos de vida imigrar com sua família aos Estados Unidos, por motivos desconhecidos. Antes dela se estabelecer em Queens, Nova York, recebeu a cidadania americana através de um processo conhecido como naturalização. Foi lá que Layla cresceu ao lado dos seus dois irmãos mais novos. Rami e Kaden. Um ano depois, eles sumiram de forma misteriosa.

Em sua infância, Layla sempre enlouquecia seus pais, pois ela sempre desmontava seus brinquedos, em vez de brincar com eles. Ela também não gostava de surpresas e objetos que pareciam funcionar com magia. Crescendo, Layla começou a mostrar uma propensão a quebrar regras e não gostar de natureza regimentada de educação formal, devido a uma experiência desagradável de ser punida por jogar de acordo com as regras. Isso cimentou sua tendência existente de reverter a autoridade.

No entanto, no ano 2000, após o colegial, Layla foi pressionada por seu pai a se matricular no ensino médio, apesar de seus planos de não continuar os estudos. No entanto, ela mostrou-se promissora em engenharia e isso levou seu pai a inscrevê-la na Universidade da Califórnia em Berkeley, no âmbito do programa de engenharia elétrica.

Layla permaneceu comprometida com seus estudos e se viu prosperando na atmosfera altamente politizada do campus, brigando com a administração da escola. Foi nesse período que ela conheceu Sofia Rikkin, que fazia parte de uma delegação chamada Abstergo, em turnê no campus com o programa de recrutamento de “jovens inovadores” da empresa.

Sofia ficou intrigada com o interesse de Layla por tecnologia e, como tal, ofereceu-lhe um emprego na Abstergo, onde poderia trabalhar em Engenharia Aeroespacial.

Durante seus primeiros anos na Abstergo, Layla foi notada pelos seus colegas por sua estrita aderência à política e aos protocolos. Nas ocasiões em que era forçada a agir fora desses limites, frequentemente tomava um tom de desculpa. Isso foi demonstrado em pelo menos uma ocasião, quando ela enviou um e-mail a Juhani Otso Berg sobre o uso do estacionamento alocado nos escritórios da Abstergo. Eventualmente, no entanto, a frustração de Layla com falta de respeito percebida

pelos seus colegas a convenceu a agir fora do protocolo da empresa e tentar “provar a si mesma” assumindo a missão de viajar pelo universo em busca de conhecimento.

Então, voltando aos tempos atuais.

Abstergo depois de ter usado várias de suas ideias para fazer ajustes em seu foguete, resolveu dar uma promoção a Layla. Agora ela iria se tornar uma astronauta! A primeira, de várias. Claro que Layla ficou feliz em saber desta notícia, pois finalmente ela ia receber o reconhecimento que tanto queria de seus colegas.

Chegou o grande dia... 24 de Março de 2010 foi o dia onde a primeira pessoa iria para o espaço, e essa pessoa era Layla.

Layla então ficou esperando na sala de controle de seu foguete, começou a contagem da decolagem:

- 10,9,8,7,6,5,4,3,2,1... DECOLAGEM!

Layla foi logo lançada em 28.440 km/h em uma velocidade absurda, tendo em média 2 minutos para sair da Terra e ficar em sua órbita.

Aquilo que ela estava vendo, era magnífico, um vasto universo que ela podia explorar e descobrir conhecimentos que ainda não tinham sido descobertos. Porém a prioridade dela não era essa, e sim ver se existia algum perigo que pudesse prejudicar a Terra, ou até mesmo se podia ter vida além dela. Layla não obedeceu a essa ordem e foi logo explorar os planetas.

A primeira coisa que ela notou, é que havia uma bola gigante de fogo a cerca de 149 600 000 km da Terra, então logo ela associou esta bola gigante de fogo com o Sol. Ela percebeu que havia outros planetas em sua órbita e pelos seus estudos quando pequena, o Sol é o resultado de um processo de fusão nuclear - ocasionado devido a altas temperaturas e grande pressão. Sua enorme massa é formada por 73% de hidrogênio e 25% de gás hélio. Os outros elementos, como o ferro, níquel, oxigênio e silício, correspondem somente a 2% da massa.

Continuando, em meio vasto universo, lembrou que não poderia ir para nenhum planeta do sistema solar, pois eles eram gasosos (composto por gases) e rochosos (formados por rochas e materiais pesados). além disso existiam vários fatores, sendo alguns deles: clima e gravidade. Um exemplo é o planeta rochoso Mercúrio (que fica 77,3 milhões de km da terra), por possuir uma gravidade aproximadamente duas vezes e meia menor que a da Terra, e além disso ser extremamente quente durante o dia e muito frio durante a noite, possuindo uma atmosfera que não consegue reter o calor. Um outro exemplo, agora sendo de um

Planeta Gasoso que não poderíamos ir é Urano (que fica 2,8 bilhões de km da terra), Pelo fato de seu núcleo ser sólido, que é envolto por uma grande camada de gás, porém esse é extremamente comprimido, a pressões muito altas, nas camadas internas, logo abaixo da região visível, assim sendo impossível de ir para Urano.

Layla depois de ter se lembrado dos seus estudos, logo percebeu o erro que sua curiosidade iria ocasionar. Então logo deixou essa sua ideia de explorar os planetas para uma outra hora e foi cumprir sua missão: ver se havia algum perigo na Terra, ou até mesmo VIDA além da terra.

Cinquenta dias depois, Layla já tinha verificado cada canto do vasto universo, viu que não havia nenhum perigo que pudesse comprometer a Terra. E, infelizmente, não conseguiu encontrar nenhum tipo de “vida”, como a Abstergo havia falado com ela. Então logo voltou para constatar que a missão estava concluída e avisar que foi bem sucedida. Mesmo ela não conseguindo visitar os planetas e anotar mais conhecimentos que seriam adquiridos neles, ela gostou do resultado da missão, e espera fazer de novo.

O Satélite

Hoje o governo encomendou um grande trabalho para a NASA (e eu faço parte da equipe), exatamente para 9 de dezembro, mas entregar era quase impossível, ele queria que construíssemos uma nave espacial e um robô para fazermos estudos sobre o planeta Terra e a Lua, porém impossível era uma missão que adorávamos, porque a gente já tinha chegado à Lua. Era para a nave ser grande e se o sistema sofresse uma pane, estaríamos lá para reprogramar o robô. A ideia era falar sobre tudo o que estava acontecendo e tirar fotos pelo mundo todo, então mandamos 3 satélites.

Quando percebemos, já era 19 de outubro, fui o último a sair da NASA e ir para casa. No caminho vi um passarinho, ele tentou voar só que caiu, tentou novamente, abriu as asas e voou bem rápido, então pensei em fazer alguns testes no satélite. Após dias falhando, testamos algo diferente, já em novembro descobrimos uma maneira da nossa nave conseguir ficar muito tempo no espaço, como a bateria durava muito pouco, pensamos que era melhor fazer com teto solar para repor a energia gasta.

Finalmente nossa ideia deu certo, nós colocamos os tetos solares na posição que o sol iria nascer e o satélite começou a girar na posição do Sol, então lançou a nave e foi muito rápido, todos comemoraram. Após anos de estudo, o robô conseguiu identificar que a Lua tem várias fases, como: crescente e côncava, quarto crescente, crescente ou convexa, cheia, minguante convexa, quarta minguante, minguante côncava e nova, e esse ciclo fica se repetindo, tendo a duração de 29 dias. Descobrimos que o eclipse lunar acontece no alinhamento do Sol-Terra-Lua, graças ao robô e os satélites que também ajudam na localização das pessoas, lugares, automóveis, etc. Exemplo disso é como os policiais localizam onde está acontecendo algo de ruim, como os crimes e acidentes. Quando o criminoso foge com o carro, o satélite consegue tirar várias fotos da placa e assim indicar sua localização.

Com a finalização do trabalho, o governo ficou muito satisfeito e a NASA feliz em ajudar a população.

Uma viagem para Marte

Acordei às 5h para trabalhar. Nunca fico animada nessa parte do dia, mas acho que hoje foi o dia que eu fiquei mais nervosa e ansiosa na minha vida inteira. Sendo assim, nem dormi durante a noite e quando o meu despertador tocou, pulei da cama e comecei a me arrumar. Talvez eu estivesse com expectativas demais, porém eu não conseguia agir de outra forma.

Quando cheguei no meu local de trabalho (NASA), sentei no meu lugar e comecei a fazer cálculos. Depois de umas 2 horas, um homem de terno e gravata pediu a atenção de todos. Nessa hora, o meu coração quase saiu pela boca, pois era esse o momento que eu esperava tanto!

Esse homem informou para as pessoas que ainda não sabiam, o fato de que seriam enviadas seis pessoas para viajar para Marte. Começou a falar os nomes e eu não piscava nem por um segundo.

- Primeira pessoa: Luisa, segunda: Fernando, terceira: Valentina

Por enquanto, eu estava bastante preocupada, pois o meu nome ainda não havia sido citado.

- Quarta pessoa: Eliza, quinta: Manuel, e por fim, Laisa. Bem, para os viajantes, estamos preparando os foguetes, e, provavelmente, vocês poderão partir depois de amanhã. Todos de volta ao seu trabalho.

Realmente eu comemorei antes da hora e acabei não tendo muita sorte. Não conseguia me concentrar no trabalho de nenhum jeito, então dei um tempo curto e bebi um copo de água. Depois disso, me senti um pouco melhor e consegui ter uma concentração maior. Consegui concluir o que eu tinha que fazer e fui para a minha casa.

No caminho, a minha expressão facial estava completamente ao contrário do que quando eu estava indo para a NASA. Ao chegar em casa, pedi comida no Outback e fui direto para a minha cama. Fiquei na mesma posição até o meu almoço chegar.

Almocei em pouco tempo, e exatamente quando eu terminei, o meu celular vibrou. Quando entrei no WhatsApp, vi que a mensagem era do meu chefe. Cliquei imediatamente. Nela, estava escrito: “Uma das pessoas citadas se demitiu, pois parece que ela queria se formar em medicina. Logo, você é a nova viajante para Marte”.

Meu coração disparou e eu estava com um pouco de falta de ar! Corri para o meu quarto e comecei a pular na cama, como se eu fosse uma criança de 5 anos. Finalmente o meu sonho seria realizado!!

Ao passar dois dias, em uma quinta feira, os foguetes já estavam preparados, e eram 9h30min quando eu entrei em um deles. Junto a mim estava o Manuel. Na contagem regressiva, os 3 foguetes decolaram e eu senti um frio na barriga, mas a minha alegria era maior. Como a Terra é vizinha de Marte, não passamos por nenhum outro planeta. Quer dizer, os outros foguetes não passaram, mas eu fui apreciar todos os 8 planetas do sistema solar, inclusive os gasosos. Tivemos que passar pelo cinturão de asteroides, que separa a parte interna (planetas rochosos) da parte externa (planetas gasosos). O único planeta que eu entrei foi Marte, pois eu tinha que economizar o combustível e também por causa das características físicas dos outros planetas. O inverno marciano é de -125 graus Celsius, e o verão, 22 graus Celsius.

Em Mercúrio, o lado mais perto do Sol chega a 427 graus Celsius, e no lado oposto, a temperatura é de -187 graus Celsius. Vênus chega a 484 graus Celsius de dia e 462 de noite. Júpiter tem a temperatura média de -110 graus Celsius. A temperatura média de Saturno é de -138 graus Celsius. Urano possui -195 graus Celsius. E por último, Netuno é o planeta mais frio do sistema solar, possuindo -245 graus Celsius.

Bem, depois de passar por todos os planetas, fomos em direção a Marte. Os outros foguetes já haviam chegado nesse planeta (pelo menos já deviam ter chegado), e nós estávamos prestes a entrar. Saímos do nosso foguete e pisamos impressionados no chão de Marte. A primeira coisa que fiz foi imaginar o que eu poderia fazer, agora que eu estava fora da Terra. Pensei em encontrar marcianos, e, talvez, se eu conseguisse entender alguma coisa do idioma deles (o que não era provável) tentaria responder com mímicas. Então, sem pensar em mais nada, comecei a minha procura.

Depois de umas 4 horas, finalmente achei um ser super estranho, mas isso me deixou muito entusiasmada. Corri até aquela coisa e o cumprimentei, como quem diz: "Oi! Tudo bem?" Para ser bem sincera, eu estava com um pouco de medo. O ser não tinha uma cara muito amigável, e parecia um E.T. Ele não respondeu. Achei que não tinha entendido, então fiquei pensando em outra maneira de fazer com que ele entendesse o que eu queria falar, mas que eu conseguisse pensar, ele soltou um som

com uma voz baixa e fina. Mudei de ideia em relação ao gênero. Agora, parecia ser fêmea. Pela sua expressão corporal, parecia estar me cumprimentando de volta.

Continuando com as mímicas, falei para me seguir, pois eu iria apresentar os outros viajantes. E acredito que a tradução da resposta dela foi:

- Não posso, preciso encontrar os meus pais.
- O que aconteceu com eles? - Eu perguntei preocupada.
- Foram capturados por astronautas. Eu consegui me salvar.
- Sinto muito. Não vou poder te ajudar, tenho que voltar para a Terra. Espero

que encontre, boa sorte!

- Valeu!

Fiquei angustiada em não poder ajudá-la, mas tive que seguir a minha viagem. Logo, quando eu estava entrando no meu foguete, a avistei abraçada com outros marcianos, que deveriam ser seus pais. Agora sim estava pronta para decolar! E em outra contagem regressiva, os foguetes decolaram de volta para a Terra.

Uma missão em Marte

Um dia estava em casa entediado, então fui brincar no parquinho do meu condomínio. Quando vi um ponto brilhoso no céu caindo em direção ao gramado, fui correndo e avistei uma espécie de nave, então fui explorá-la, mas sem querer apertei um botão e a nave começou a voar para o espaço, além disso, ficava falando uma língua esquisita.

Tinha uma janelinha que dava para ver o espaço, logo identifiquei um planeta muito parecido com uma estrela vermelha, parecia uma estrela de fogo. A nave aterrissou nesse planeta. Fui recebido por um alienígena que disse:

- Bem vindo terráqueo!

- Você fala a minha língua? - Perguntei.

- Sim, falo várias línguas.

- Que planeta é esse?

- Estamos em Marte, é o quarto planeta depois do Sol, somos vizinhos.

- Nós, da Terra, já tentamos nos comunicar com vocês de Marte, mas não temos tecnologia suficiente. Qual o seu nome?

- Meu nome é Globylooknackzo.

- Acho que vou te chamar de Marciano. Me chamo Kenzo. Onde você mora?

O marciano apontou para o alto de uma montanha enorme. Eu fiquei assustado com o tamanho e exclamei:

- Nossa! Que montanha mais alta!

- Essa é a maior montanha de todo sistema solar, chamada de Olympus Mons, composta por uma grande cratera, além de planícies e antigos leitos de rios. É um vulcão!

- Como pode um planeta menor do que a Terra ter uma montanha tão grande...

Mas por que vocês invadiram o meu planeta?

- Porque estamos preocupados. Ouvimos dizer que a NASA está recrutando terráqueos voluntários para simular como é viver em Marte.

- E qual o problema?

- O problema é que o planeta de vocês está destruído, com várias crises, inclusive hídrica. E temos medo de vocês virem para cá destruir o nosso planeta também.

- Posso dizer por mim, não por todos... Até que a temperatura aqui é agradável, não é?

- Hoje sim, pois estamos com 25° C, mas se você viesse no inverno, chegamos a ter temperaturas de -140° C.

Já estava anoitecendo, quando olhei para o céu e vi duas luas, achei bem legal e o Marciano me explicou que em Marte eles têm duas Luas. De repente começou uma tempestade de poeira e eu disse:

- Preciso ir embora, pois sou alérgico a poeira, me leve de volta.

- Tudo bem, mas prometa que vai tentar convencer os terráqueos a não virem morar aqui em Marte.

- Prometo que vou tentar.

Entrei na aeronave e em questão de segundos já estava no parquinho de novo, minha mãe estava preocupada me procurando, eu disse que não tinha ouvido ela me chamar porque estava do outro lado do condomínio brincando. Subi para minha casa e fiquei pensando na missão que eu tinha.

Minha Viagem a Mercúrio

Blog da Anaju: Viagem a Mercúrio.

Oii! Eu sou a Ana Júlia e vou contar um pouco sobre minha viagem para Mercúrio.

Para quem não sabe, eu trabalho na Nasa há 5 ou 6 anos.

Isso foi há cerca de quatro anos atrás, quando eu tinha apenas 28 anos. Eu havia acabado de chegar na Nasa e um dos assistentes virou para mim e disse:

- Você é Ana Júlia Rodrigues Gomes?
- Sim, sou eu mesma! - Respondi com clareza
- Ah, você é uma astronauta certo?
- Sim, eu sou.
- Bom, minha chefe quer vê-la, tem algo a ver com uma viagem espacial.
- Viagem? Bom, ok. Sua chefe está em qual sala?
- Na sala 15, pode esperar que ela já te chama.
- Ok então.

Vocês não tem noção de como eu estava animada, eu iria fazer uma viagem espacial!

Depois de esperar uns 30 minutos (os mais longos da minha vida), a chefe finalmente me chamou:

- Você é a Ana Júlia Gomes, certo? Eu sou Silvana Martins, prazer.
- Sou eu mesma, prazer em conhecê-la.
- Bom, eu fiquei sabendo que a senhorita é muito qualificada, não é?
- Sim, senhora!
- Estamos planejando uma viagem a Mercúrio, aceita ir?
- Mas é claro!! Quando vai ser?
- Não tem motivo para ter pressa, você ainda vai ter cerca de um ou dois anos

de treinamento.

- Ah ok.
- Agora, se me der licença, tenho ligações importantes a fazer.
- Ah, Tchau!
- Tchau.

Bom, eu fiz esse treinamento e sinceramente, foi bem mais legal do que eu imaginava! Nós aprendemos que no sistema solar existem 8 planetas: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno.

Aprendemos também que alguns planetas têm atmosfera, assim como a Terra! Vênus tem uma, por isso, é mais quente que Mercúrio, mesmo que Mercúrio esteja mais perto do Sol.

No final, eu e mais quatro pessoas fomos selecionadas para a missão.

Eram George, um americano que tinha cabelos escuros como o breu da noite e uma pele clara como a luz do dia. Vitória, uma outra brasileira, que tinha sardas tão visíveis que pareciam espinhas. Melanie, uma britânica que era tão habilidosa com ferramentas, que quando você a via consertar algo, parecia mágica! E por fim, Oliver, um homem bem mais velho que a maioria, ele devia ter uns 38, 40 anos.

Nós entramos em um foguete bem grande, com quartos, banheiros, salas pequenas para conviver, se divertir e muito mais.

George sabia pilotar muito bem, então nós o deixamos pilotar.

10, 9, 8 - Nessa hora meu coração começou a bater bem forte - 7, 6, 5, 4 - minha pressão começou a cair, parecia que eu iria desmaiar - 3, 2, 1!

Todos nós começamos a gritar, sem exceções. Depois de uns dois minutos, nos acalmamos e começamos a viajar tranquilamente. Foram dias de viagem muito bons. Uma das coisas que mais me chamou atenção, é que as camas não estavam deitadas, e sim em pé!

Finalmente chegamos em Mercúrio. Foi uma viagem longa e um pouco cansativa, mas finalmente chegamos ao tão esperado destino. Lá era um planeta rochoso, ou seja, era composto por rochas e coisas do tipo. Em algumas imagens, Mercúrio é representado como vermelho, mas a sua superfície era meio bege avermelhada. Passamos apenas algumas horas terrestres lá e descobrimos que estava perto do ano novo por lá. O ano em Mercúrio dura apenas 88 dias e um dia dura 56 dias! Então em um ano, se passam apenas 1 dia e meio! Lá estava bem quente, principalmente por estar muito próximo do sol. Tivemos que usar roupas especiais, se não viraríamos churrasquinho. Peguei várias amostras de rochas e coisas do tipo, a Nasa ficou bem contente.

Falando em Nasa, vou falar sobre minha volta! A volta foi bem parecida com a ida e quando chegamos na Terra, a Nasa deu medalhas a cada um de nós, por completar com bravura a missão.

Foi uma das melhores experiências da minha vida, e agora a Nasa quer mandar pessoas para observar de perto Júpiter, e até pisar lá se possível! Não é demais? Bom, eu vou me candidatar o mais rápido possível! Tchau galera!

Um sonho de ir ao espaço

Um dia, um menino viu uma reportagem na televisão sobre o espaço e pensou:

- Nossa! Um dia quero ir para lá!

Conversou com os pais sobre o assunto e eles aceitaram, depois de muita conversa.

- Mas nós vamos todos equipados, viu? - disse a mãe

- Tá bom! - disse o filho, empolgado.

O pai também concordou. Em seguida, foram arrumar as malas. No dia seguinte, acordaram bem cedo, se arrumaram e foram para a estação de foguetes. Esperaram horas e finalmente entraram. Durante a viagem, ocorreram muitas turbulências.

- Mãe, estou com medo!

- Calma, está tudo bem! São só balanços!

O menino se tranquilizou.

O dia foi escurecendo e anoiteceu. Cansados todos foram dormir, sem comer nada.

No outro dia, acordaram às 5h10min da manhã e continuaram a viagem. Três horas depois, chegaram no espaço. Todos ficaram muito impressionados com os planetas, estrelas, o sol e os asteroides.

O filho, impressionado, disse:

- Uau, é verdade tudo isso?

- Sim, filho - disse a mãe impressionada.

De repente, um guia apareceu e começou a explicar algumas coisas:

- O sistema solar é composto por 8 planetas.

- Quais são? - Perguntou o menino.

- Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno.

- E Plutão, não é um planeta?

- Então, Plutão deixou de ser um planeta...

- Ah tá.

Todos foram comer algo, depois da explicação do guia.

Depois que terminaram de comer, o guia mostrou algumas esculturas do sol e dos planetas

- Nossa, isso é incrível. - Disse o menino .

- Sim. Concordaram a mãe e o pai.

Depois de horas, resolveram voltar para casa. Então foram para a estação de foguete e embarcaram. Já era noite, bem tarde. Todos dormiram bem rápido, pois estavam muito cansados.

Eles chegaram na madrugada. Com sono, acordaram, subiram para o apartamento, comentaram sobre a viagem e depois foram para a cama, mas o menino não conseguia dormir, pois não parava de pensar na viagem que tinha feito.

Porém, depois conseguiu e deu tudo certo.

Um caos em Júpiter

Ameerah é uma menina Inglesa, muito inteligente por causa da pressão obtida em seus estudos pelos seus pais. O conteúdo que ela mais gosta de estudar é sobre o sistema solar. Ela sempre quis ser astronauta, e para isso se tornar realidade, Ameerah estudou muito, de forma que seu pai e sua mãe se orgulhavam muito dela.

Ameerah cresceu, fez 18 anos e resolveu entrar em uma faculdade de astronomia. Ela teve muito sucesso, conseguiu uma bolsa 100%, seus pais ficaram muito orgulhosos. Ameerah terminou a faculdade, e sim, ela conseguiu: Ameerah Norsbawl entrou na Nasa. Dois anos depois de conseguirem chegar em Marte, ela fez uma proposta ao seu chefe, que era a seguinte:

- Eu quero ir para Júpiter!

Ela não pediu, ela afirmou. E assim aconteceu.

Dez anos depois, Ameerah anuncia para a população que:

- Bem, hoje eu, Ameerah Norsbawl, nascida na Inglaterra, vou explorar junto com meu parceiro Harry Baonsen Coulier, nascido na Suécia, o maior planeta do sistema solar, Júpiter.

No foguete...

- Eu não estou acreditando nisso, nós estamos indo para Júpiter.

- Harry, acredite, nós estamos em um foguete em direção à Júpiter, isso é incrível.

- Sim, realmente, mas você não pensou nos desastres que acontecem em Júpiter?

- Sim, eu pensei em tudo, de acordo com meus cálculos, aquele ciclone não vai nos atingir durante 3 anos.

- Peraí, a gente vai ficar mais de 1 ano lá?

De repente a nave de comando diz:

- Atenção aqui é da nave de comando, avistamos um asteroide pequeno para a nave, porém enorme em comparação com um ser humano, desviem dele para que vocês possam chegar em bom estado em Júpiter.

- Claro, obrigado por avisar.

Já em Júpiter:

-Uau Ameerah, bela escolha de planeta.

- Obrigada, minhas escolhas sempre são ótimas.

- Amee.

-Oi?

- Suas escolhas são maravilhosas, mas os cálculos não.

- Porque você está falando isso?

- Por causa daquele ciclone que está se aproximando de acordo com os radares.

- Tem um ciclone vindo? Eu preciso me aproximar!

- Ameerah, o que você está fazendo? Sai daí! O ciclone está se aproximando.

- Não! Eu prometi para os meus pais que eu iria jogar uma bandeira no meio desse ciclone, e eu vou jogar.

- Ameerah! Não faz isso é perigoso!

- Eu não quero saber, eu vou cumprir a minha promessa.

- Amee! Não!

- Adeus.

- Ameerah, não faça isso, por favor!!

Dez horas depois:

- Harry!

- Amee, você está viva? É você, Amee?

- Sim, sou eu.

- Você está muito machucada. Vem aqui, vamos para a nave.

- Ok.

- Nós temos combustível suficiente para voltar para a Terra?

- Não! Nós iremos morrer aqui.

- Não diga isso, tem alguma solução, eu comuniquei o ocorrido para a nave de comando e ela mandará uma solução.

- Bom dia para os terráqueos, boa noite para os jupiterianos, nós estamos mandando uma nave e combustível suficiente para as duas naves voltarem para a Terra. - disse a nave de comando.

- Isso é incrível comandante, aqui é o astronauta Harry.

Na Terra:

- Bem, essa foi a história da nossa viagem, eu sou a astronauta Amee.

- E eu sou o astronauta Harry.

História de Criança

No Rio de Janeiro, existia um menino chamado Lucas, o pai de Lucas era policial e violento com o próprio filho, além disso, passava tempo demais no trabalho. A mãe de Lucas era bombeira e também passava muito tempo no trabalho, mas pelo menos pensava no filho. Como os dois ficavam muito tempo fora, a avó dele ficava cuidando dele.

Um dia ele foi até a sua avó e perguntou para ela:

- Vó, quando a senhora era criança, o que queria ser?
- Meu netinho, eu queria ser cozinheira, mas por que a pergunta?
- É que eu quero ser astronauta e ir para a Lua. Este é o meu sonho.
- Então siga o seu sonho sem medo.
- Obrigada vó.
- De nada, meu netinho.

Ele foi crescendo. E Lucas conseguiu realizar o seu sonho, ele foi para a Lua e voltou. Ele queria contar a todos o que descobriu, ele montou um lugar para contar histórias. E em uma segunda, já começou a contar suas histórias:

- Olá crianças, tudo bem?- Disse Lucas.
- Olá Lucas.- Disseram às crianças.
- Eu visitei um lugar muito legal, fui até a Lua e descobri várias coisas, querem escutar?
- Sim! - Todas responderam.

- Já ouviram falar em Eclipse Lunar? Vou contar mais. Isso acontece quando acontece o alinhamento especial dos astros: Sol, Terra e Lua . A luz solar quando chega na Terra faz com que uma sombra seja formada na parte de trás do nosso planeta, denominada "Sombra da Terra". Quando a Lua entra nessa região, os observadores na Terra não conseguem enxergá-la, dizemos então que ocorreu um Eclipse Lunar.

- Que legal!
- Queria poder contar mais, só que já tá na hora, tchau crianças até amanhã.
- Tchau.

No dia seguinte, Lucas percebeu que o tempo estava meio estranho quando ele estava indo ao trabalho. No meio do caminho, apareceu um disco voador, ele ficou

assustado e achou meio impossível, mas ignorou o seu medo e foi em frente ao disco. Quando ele tinha visto, era um alienígena saindo de lá e logo que ele desceu, Lucas perguntou a ele:

- O que você está fazendo aqui?

- Eu sou Máximo e vim representar o meu planeta Marte.

- Então existe vida em Marte?

- Sim, existe, mas não se preocupe, não vamos machucá-lo, eu só vim procurar um lugar para morar.

- Pode morar comigo.

- Obrigada caro humano.

- Mas, é verdade que Marte é um planeta rochoso?

- Sim é verdade, também é verdade que a Lua não é um planeta e sim um satélite.

- Nossa que fascinante.

E assim Lucas e seu novo amigo viveram juntos na Terra, mas com o tempo, Máximo foi trabalhar junto com Lucas, contando histórias às crianças. E pode ter certeza de que todos o acolheram muito bem.

Uma missão perigosa

Era o primeiro dia de aula de Giovanna em uma das melhores escolas do Brasil e ela gostou muito, pois ela viu que tinha várias matérias e professores bem legais e o que chamou mais a atenção dela desde o início foi astronomia, porque ela sempre gostou muito de saber sobre o espaço, a via láctea e o sistema solar.

No dia seguinte, era a sua primeira aula de astronomia, então ela se arrumou e foi à escola. Ela gostou muito da aula e aprendeu que a Lua não tem luz própria e ela reflete a luz do Sol muitas vezes na atmosfera. Sem contar que logo nesse dia ela conheceu Emily, uma colega da mesma turma dela, e começaram a se falar por *whatsapp* quase todo dia, viraram muito amigas.

Alguns anos mais tarde, ela ia se formar em astronomia (sempre foi o que ela mais queria), Emily e ela continuaram muito amigas, até fizeram a mesma faculdade. Estava quase na hora delas se formarem, estavam muito nervosas e ansiosas.

- Vem Emily!
- Espera, já estou indo!
- Nossa eu estou muito nervosa! E se não der certo?
- Não seja pessimista, vai dar certo, confia Gi...
- Ok.

Mesmo estando muito nervosas, elas foram em frente. Deu tudo certo até aquela hora.

Depois daquele dia, elas descansaram um pouco, até que elas receberam uma ligação de um desconhecido dizendo: "UM ASTEROIDE ESTÁ EM DIREÇÃO A LUA E A NASA PRECISA DE VOCÊS PARA TENTAR RESOLVER ESSE PROBLEMA NA LUA. NOSSA EMPRESA DISSE QUE VOCÊS ERAM MUITO BOAS. VOCÊS ACEITAM?" Elas não tinham opção, pois a Lua estava em perigo e elas precisavam ajudar, então elas disseram que sim.

Emily e Giovanna tiveram que montar uma equipe de trabalho e dedicaram muito tempo pesquisando e estudando. Em um tempo recorde, desenvolveram um projeto que iria enviar mísseis teleguiados para interceptar os asteroides. Porém elas tinham pouco tempo para isso.

Começaram a construção da plataforma de lançamento e tudo era muito difícil, pois era necessário o lugar certo e posição correta para se lançar os mísseis. Uma outra situação grave, seria descobrir a hora e o dia certo em que o asteroide iria se

colidir com a Lua. E depois de muitos e muitos cálculos, chegaram a um cálculo exato, onde tinha a dia, a hora e os minutos, mas se esse projeto não desse certo, a população estaria em risco.

As notícias não paravam de correr pela internet e todos os jornais da TV, a população estava em pânico total. Agora era contagem regressiva, faltavam dois dias para o asteroide se colidir com a Lua e os mísseis já estavam preparados para o grande momento. Porém, uma grande tempestade surgiu de repente, podendo sabotar o projeto todo.

No dia seguinte, o Sol apareceu, e no tempo determinado o asteroide surgiu nos ares e os mísseis foram lançados, nesse período todos estavam olhando e acompanhando na TV, no final deu tudo certo e elas ficaram muito famosas pela missão.

Uma viagem ao Sistema Solar!

Em uma escola no Nordeste, na cidade de Recife, existia uma garota de 12 anos chamada Maya, muito inteligente. Ela gostava da aula de Astronomia e tinha o sonho de ser astronauta, ou cientista.

Um certo dia na escola, perguntaram aos alunos o que eles queriam ser quando crescessem. Na vez da Maya, ela respondeu que queria ser astronauta. Nesse momento, a sala inteira riu, porque algumas pessoas falaram que não era possível, que era “profissão de homem” e que nunca uma mulher iria chegar ao espaço. Tudo isso a deixou muito triste e chateada, achando que nunca iria completar seu sonho.

Até que ela foi crescendo e se dedicando cada vez mais aos seus estudos, e quando completou seus 22 anos, ela concluiu a sua faculdade e conseguiu o que ela tanto desejava: IR PARA O ESPAÇO. Isso poderia ser realizado com a ajuda de seus pais, sua amiga, que a apoiou, e da diretoria de sua escola, com parceria da NASA.

Sua viagem começou passando pelos planetas rochosos: Mercúrio, Vênus, Terra e Marte. Em Mercúrio, ela descobriu que a velocidade da translação pode atingir 180 mil km/hora.

Observando um pouco Vênus, ela percebeu que ele era bastante parecido com a Terra em vários aspectos: tamanho, massa, densidade, composição e gravidade. A espessa e densa camada de nuvens faz a luz solar ser refletida, transformando Vênus no planeta mais brilhante do sistema solar.

Sobre a Terra, ela já sabia, por conta de seus estudos em astronomia: era o quinto maior planeta do sistema solar e o único a ter uma camada de gases na atmosfera que garante condições para a existência de vida.

Chegando ao último planeta rochoso... Marte. O dia em Marte dura 24 horas, 39 minutos e 35,244 segundos, sendo bem parecido com a Terra. Um ano é igual a 500 dias terrestres, então, em um ano em Marte, se passam 1 ano, 320 dias e 18,2 horas.

Ela ficou super feliz por ter conhecido um pedacinho de cada planeta rochoso, mas teve que fazer uma paradinha em Marte para terminar de abastecer o foguete. O combustível estava em um compartimento dentro do foguete.

- Vou pegar esse combustível aqui antes que o do foguete acabe. Melhor prevenir, antes que algo ruim aconteça comigo e com o foguete - disse Maya.

Ela abasteceu e continuou sua jornada, agora pelos planetas gasosos, começando por Júpiter. Júpiter é o maior planeta do sistema solar e conta com um campo magnético poderoso, e em algumas regiões de sua atmosfera, ele chega a ser 20 vezes mais forte.

Ela foi para Saturno. Em alguns estudos e palestras ouvidas ao longo de sua vida sobre astronomia e ciências, ela conseguiu descobrir que Saturno é observado desde o século 7 a.C, por astrônomos que viviam na Mesopotâmia.

Indo para Urano, ela pensou:

- Queria que toda essa viagem durasse muito mais tempo, para conseguir aproveitar cada hora, cada dia, cada minuto e segundo, em todos esses planetas que eu sempre tive tanta vontade de ir... mas eu já estou aproveitando ao máximo, sou a primeira astronauta da história a viajar por todos os planetas desse sistema. Ah! já estava quase me esquecendo, devo passar pela lua também, por que não passaria?! Afinal, estou no espaço.

Continuando essa saga épica, foi para Urano. Urano é o sétimo planeta a partir do sol, ficando na distância 2.870.000.000 quilômetros do astro. Por conta da distância, sua temperatura é bem mais fria que a da Terra.

Finalmente, penúltima parada... Netuno. Netuno é o planeta mais frio do sistema solar. No topo de suas nuvens, as temperaturas podem chegar até -221 graus Celsius.

Indo agora para a Lua: a Lua influencia muito no nosso planeta. A gravidade dela sobre a terra provoca as marés, o movimento de vai e vem dos oceanos, isso ocorre de 12 em 12 horas.

Depois de toda essa viagem, voltou para a Terra, ela foi convidada a várias entrevistas, reuniões e até capas de revistas, virou a notícia mais chamativa do jornal, recebendo também vários prêmios... mas tinha algo nela que ainda tinha que ser feito, tudo aquilo que ela fez não foi apenas para realizar seu sonho, foi para realizar o sonho de uma amiga que há muitos anos lutava contra o Câncer de Leucemia e que também, como ela, gostaria de ter feito essa missão. A amiga e ela fizeram um teste para saber se suas medulas eram compatíveis antes da viagem. Em sua volta para a Terra, Maya descobriu que sua medula era compatível, então fez a doação para ajudar a amiga, que se curou do câncer.

Uma viagem bem diferente!

Era uma vez uma menina chamada Anna. Ela morava no Brasil, mas seus pais receberam uma promoção para ir para a Califórnia.

Anna estava dentro do carro, chegando em seu novo apartamento na Califórnia, quando olhou para o céu e disse:

- Será que alguém já foi para fora do planeta?

Ela queria conhecer outros planetas quando fosse maior, ver como era lá e como poderia chegar. Anna então pesquisou no Google várias formas de viajar ao espaço, mas nenhuma delas era muito boa. Ela também perguntou aos pais, já que talvez eles soubessem de alguma coisa.

Foram muitos anos de estudos e pesquisas, até que finalmente ela encontrou uma escola na Flórida que ensinasse astronomia avançada. Ela passou alguns anos nessa escola e assim que terminou, foi fazer faculdade sobre os planetas e as coisas que existiam fora da Terra. Após alguns anos, ela estava acabando a faculdade. Com quase 24 anos, ela e os amigos dela da faculdade receberam um trabalho que era tentar construir uma nave.

Era algo bem complicado, e o prazo não era tão grande, mas a recompensa era. O grupo que fizesse o melhor foguete, iria conhecer a Nasa! Foi um trabalho duro, mas com quase cinco dias faltando para o fim do prazo, eles terminaram. Foram eles então.

Lá era incrível, muitos astrônomos, astronautas, matemáticos, naves e mais um pouco. Não foi isso que chamou a atenção de Anna. Na hora da saída, quando ela passava pelo corredor que ligava a porta, ela viu um cartaz onde dizia:

“Estamos procurando pessoas para trabalhar aqui. Necessário: Ensino Fundamental e Médio concluídos, com formação em astronomia e matemática”.

Era exatamente a oportunidade que Anna esperava, a chance da sua vida. Ela tinha todos os requisitos necessários e era habilidosa construindo foguetes. A única coisa que faltava era se formar. Anna se dedicou muito aos estudos.

Ela descobriu que Plutão não era mais um planeta e que depois do cinturão de asteroides só haviam planetas gasosos. Também descobriu que a Terra não era o único planeta que tinha um satélite natural, Júpiter por exemplo, tem 79 deles!

Anna conseguiu se formar e foi para a entrevista de emprego da Nasa. Ela não sabia ao certo se já tinham contratado alguém, mas ela foi. Felizmente, faltava apenas

um cargo: o de construtora. Ela foi contratada e logo já estava envolvida em um projeto. Anna construiu o AGG3000, um foguete com capacidade de ir e voltar de Vênus. O AGG3000 foi considerado um dos melhores foguetes construídos pela Nasa!

Dois meses antes do lançamento, um dos guias do foguete foi diagnosticado com uma doença contagiosa e terminal, cuja cura era desconhecida. A chefe veio falar com Anna, já que ela era grande entendedora do assunto:

- Anna, por gentileza, venha até minha sala, preciso conversar com você.
- Bom, ok, estou indo.

Lá em sua sala, ela olhou sério para Anna e disse:

- Anna Orlandi, você acha que tem capacidade suficiente para ser uma auxiliar na expedição do AGG3000?

- O QUE??? Eu.... auxiliar.... AGG3000.... Essa história está muito doida, você deve estar me confundindo com alguém!

- Não, não. De acordo com sua ficha, você se formou em 1º lugar em astronomia, certo?

- Si-Sim, certo, mas.... eu nunca viajei para o espaço antes!
- E daí? Tudo tem sua primeira vez, certo?
- Bom, tem né, mas.... tem tanta gente aqui....
- Você aceita ou não viajar pelo espaço?
- Claro que aceito, só não entendo por que me escolheu.
- Tenho meus motivos.
- Ah, ok então.
- O que está esperando? O treinamento já vai começar!
- Ah sério? Estou indo!! Tchau!
- Tchau.

E lá se foi Anna fazer o treinamento. Tudo correu bem, e finalmente chegou o grande dia. 10, 9, 8, 7, 6 - Que nervoso 5, 4, 3, 2, - Respira, estou muito nervosa 1, e lá foram elas, a Anna e a monitora Manu.

Eles pararam em Marte primeiro, ela conheceu o planeta e fez algumas anotações. Depois saiu e tentou ir para Júpiter, no caminho passaram por vários asteroides que causou um pequeno arranhão na nave vazando o combustível. Ela voltou para Marte, ligaram para NASA e eles mandaram mais combustível, mandaram um manual e uns instrumentos. Após colocarem o combustível e consertarem a nave,

tentaram ir a Júpiter, Saturno e para os outros planetas, só que ela não conseguiu, por causa do frio (Júpiter: $-110\text{ }^{\circ}\text{C}$; Saturno: $-139\text{ }^{\circ}\text{C}$; Urano: $-220\text{ }^{\circ}\text{C}$; Netuno: -245°C), então voltou para Marte, fez mais umas anotações e retornou para a Terra.

Viagem ao espaço

A minha viagem ao espaço foi uma coisa emocionante, jamais esquecerei. Foi com certeza a viagem mais incrível da minha vida e se pudesse iria de novo. Nunca ia imaginar que o meu grande sonho de ir ao espaço ia se realizar. Nesse texto irei contar tudo o que aconteceu nessa minha grande viagem ao espaço.

No início, era só uma ideia, não estava levando a sério, mas depois fui pensando no quão legal seria e resolvi ir. Fui com minha mãe e mais ninguém. Minha família estava no Brasil, sendo que eu estava nos EUA, na Califórnia. Comecei a me arrumar e quando estava tudo pronto, fui para Flórida, onde está localizado o Cabo Canaveral e fui para a Base da Força Aérea. Naquela hora, fiquei ansiosa e nervosa pelo fato de nunca ter ido em um foguete, minha mãe também estava animada e com medo. O foguete foi lançado e nessa hora parecia que meu coração ia sair pela boca, mas me acalmei depois de um tempo.

Depois de horas voando naquele foguete, finalmente chegamos ao espaço. ficamos chocadas de ver todos os planetas tão de perto e eu não conseguia respirar de tão impressionada. Minha mãe não entendendo nada do que estava vendo me perguntou:

- Filha? Você está entendendo alguma coisa? Não sabia que o sistema solar era tão complicado!

- Como assim mãe? Você não estudou astronomia na sua escola não?

- Claro que estudei, mas já esqueci. A minha memória não é tão boa. - disse ela, com cara de inocente.

- Ok mãe, eu te explico, mas não vamos gastar muito tempo, quero aproveitar a viagem!

A primeira coisa que você precisa saber é que o sistema solar é composto por 8 planetas e o sol, que é uma estrela. A ordem dos planetas de proximidade ao sol são: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. Plutão não é mais um planeta por conta dos motivos que vou explicar.

Os planetas são divididos em 2 categorias, os rochosos e gasosos. Eles são separados pelo cinturão de asteroides, uma estrutura astronômica. Os rochosos são os que estão mais próximos do sol, de Mercúrio até Marte. Os gasosos são os mais distantes: de Júpiter até Netuno. Plutão tinha as características de um planeta rochoso, mas estava distante do sol, onde ficam os gasosos. Por isso não é mais um

planeta. Por exemplo, os planetas gasosos são maiores, sendo os rochosos menores e Plutão não tinha o tamanho padrão dos gasosos.

- Humm, interessante, não sabia que esse negócio de sistema solar era tão legal. - disse minha mãe apaixonada pelo conteúdo.

- Agora que você já sabe o básico, vamos aproveitar a viagem.

Eu estava exausta de tanto explicar coisa para a minha mãe, mas resolvi seguir em frente e curtir o resto da viagem.

- Olha mãe! Estamos nos aproximando de Netuno! Que emocionante! Dizem que ele tem 14 luas cada uma com o nome de uma divindade mitológica grega da água, a distância dele em comparação com o sol é de aproximadamente 4.5 bilhões de quilômetros. A temperatura dele na superfície fica por volta de 210 graus celsius, mas pode chegar a mais altas no centro que podem ultrapassar 5000 graus celsius.

- Que bonito! É uma maravilha!

Foi inacreditável ver todos aqueles planetas de perto! Eu amei a viagem mas já estava na hora de voltarmos. Gostaríamos de ver mais, mas minha mãe me prometeu que iríamos de novo outro dia pois segundo ela, essa experiência tinha sido incrível também.

Enfim, saímos do foguete e durante a viagem de Florida para Califórnia, ficamos conversando sobre a nossa maravilhosa viagem ao espaço.

Uma viagem no espaço!

Lucas e Gabriela, dois adolescentes de 15 e 13 anos, respectivamente, estão indo para casa depois de mais um dia de aula e no caminho falam sobre os planetas.

Ao chegarem em casa, Gabriela estava muito cansada e acabou adormecendo antes mesmo do almoço. Ela sonhou que estava bem perto de Vênus e de repente apareceu seu professor de física, Phil:

- Gabi, quer morrer queimada?

- Professor, o que faz aqui? Queimada como assim?

- Lembra que expliquei na minha aula que Vênus é o mais quente dos planetas, com uma temperatura que chega a 471°C.

- Nossa, tinha me esquecido disso! Ainda bem que no planeta Terra não é assim.

- Pois é, mas se continuarmos destruindo o nosso planeta, o efeito estufa vai piorando cada vez mais. Entre no meu foguete e vamos viajar pelo espaço sideral.

Quando entrei dentro do foguete nem acreditei, lá dentro estavam duas amigas minhas (Yasmin e Alice) e um menino terrível que era muito levado, seu nome era Cauã. Adorei encontrar minhas amigas, mas nem tive tempo de conversar com elas, porque o Cauã saiu apertando tudo que era botão no controle de painel do foguete. O professor ficou desesperado, mas já era tarde. O foguete partiu de Vênus rapidamente e sem destino. Nós gritávamos feito loucos, mas o foguete não parava, de repente o foguete diminuiu sua velocidade e Yasmin tirou muitas fotos do espaço, conseguimos detectar uma explosão cósmica no universo.

O professor explicou que provavelmente o resultado dessa explosão foi por causa de um buraco negro:

- Acredito que a explosão aconteceu porque uma galáxia inteira caiu no tal buraco, evento que produziu grande quantidade de gás.

- Muito legal essa nossa viagem, podemos ver na prática o que estudamos na teoria - Disse Alice.

O foguete sem controle aterrissou na Lua do planeta Terra. Cauã logo quis descer do foguete, mas o professor disse que não podíamos explorar a Lua sem equipamentos adequados:

- Gente, não temos oxigênio e nem hidrogênio, isso significa que não vamos conseguir respirar lá fora.

- Ah, estou com sede professor! - Disse Yasmin.
- Eu também - eu concordei.
- Lamento dizer que aqui não temos água também - Respondeu o professor.
- O que a gente vai fazer agora?- Disse Alice.
- Bom, não temos alternativas, vamos ter que resolver essa questão da água.

Tenta procurar no foguete!- Respondeu o professor.

- Ok, acho que achei uma garrafa de água, pega para mim professor! - Disse Alice.

- Claro que eu pego, só que temos um problema, tem pouca água, então divide.
- Tá bom.

O foguete começou a decolar rápido e todo mundo começou a gritar.

- Gente, para de gritar estamos chegando na Terra - Disse o professor.
- Nossa, que bom não aguentava mais ficar aqui.

Gabriela imediatamente acordou porque a mãe dela a chamou para jantar e percebeu que tudo aquilo era um sonho. Foi jantar e contou todo o sonho dela para o Lucas.

Um dia no pantanal

Essa história começou há um mês, na minha casa. Meu pai e minha mãe estavam planejando viajar para Mato Grosso do Sul, para nós conhecermos o Pantanal e vermos mais um lugar desse país tão grande.

- Filho, nós vamos para Mato Grosso do Sul para ver o Pantanal.

Então esperamos até o dia da viagem (que era uma sexta feira dia 22), a gente se arrumou e foi para o aeroporto. Ficamos 2 horas esperando o voo, porque tínhamos chegado muito cedo por precaução.

Enquanto nós estávamos sobrevoando o estado, a gente viu várias queimadas acontecendo simultaneamente, e como eu aprendi na aula de ciências, se houver muitos incêndios, a fauna (seres vivos) e a flora (plantas e flores) serão prejudicadas, além disso também se morrerem muitos animais de uma única espécie, os ecossistemas que elas fazem parte podem ser devastados.

A partir daí, nós fomos para o hotel e depois de olharmos pela janela e ver mais queimadas, ouvimos sons de carros de bombeiro tentando apagar as chamas dos incêndios. Depois de várias horas de trabalho dos bombeiros, o barulho acabou, uma notícia em um jornal dizia que os bombeiros viram vários animais mortos e partes das árvores destruídas. Depois descobriram que o incêndio foi causado por agropecuários querendo mais espaços para a criação de gado, gerando assim mais dinheiro.

Então temos que aprender a cuidar da natureza, da fauna e da flora para que no futuro as pessoas possam ter uma chance de uma vida melhor, saudável e consciente.

Acordei!

Um dia, tive um pesadelo muito louco, sonhei que eu e meus amigos viajamos para para a casa de um outro amigo nosso (Vitor), que se mudou para o Mato Grosso do Sul. Fomos eu, Fred e Gabriel.

Já no meio da viagem, Fred ficou olhando uns pássaros e começou a me perguntar:

- Você sabe por que os pássaros conseguem voar?

- Claro que sei, porque eles têm asas. - Respondi.

- Ué, mas galinha tem asa e não voa. - Disse Gabriel.

- Gente, os pássaros têm toda uma estrutura óssea preparada para voar, além das penas, eles têm ossos pneumáticos. - Explicou Fred.

Ao chegarmos no Mato Grosso do Sul, Vitor nos recebeu com uma pílula mágica e disse:

- Tomem essas pílulas e teremos superpoderes de pássaros.

No começo, não acreditamos, mas ao tomarmos, nos transformamos em pássaros do Pantanal: eu me transformei em um lindo Tucano, Gabriel em um tuiuiú, Fred numa Arara bem colorida e Vitor em um Carão. Foi incrível a sensação de voar e ser livre. Estávamos na época das cheias e vimos do alto os rios vazarem e inundarem tudo. O calor era enorme, um clima tropical. Aproveitamos para fazer um lanchinho: comi frutas, Gabriel atou os insetos, Fred foi de sementes e Vitor com seu bico fino logo furou um caramujo para se deliciar.

Gabriel disse:

- Gente, olha quanta variedade de seres vivos!

- Cuidado para não ser comido. - Respondi.

Resolvemos nos aventurar pegando uma carona em cima de um jacaré de mais de três metros, mas de repente o Gabriel, escorregou e caiu na boca do jacaré, como um bom carnívoro, devorou o pobrezinho por inteiro. Entramos em pânico e culpamos Vitor pela ideia absurda.

Fomos buscar ajuda de um caçador que fazia uma pesca ilegal no Pantanal, mas lembramos que éramos pássaros, então Vitor pegou novas pílulas para nos transformarmos em humanos novamente, tomamos e voltamos ao nosso formato. Corremos até o caçador e pedimos ajuda, contamos nossa história e ele não acreditou. Foi então que Fred encontrou uns ovos de jacaré e deu a ideia de nos

comunicarmos com o jacaré para trocar os ovos pelo Gabriel. Tomei a pílula novamente e voltei a ser Tucano.

Me aproximei das margens e falei:

- Me desculpe o incômodo, mas será que poderia devolver nosso amigo?

- E porque faria isso? - Perguntou o jacaré.

- Porque achei uns ovos e acho que são seus.

- Deixa eu ver.

- Primeiro meu amigo.

- Então nada feito.

- Tudo bem, toma aqui seus ovos. - E os coloquei na margem do rio.

- Chegue mais perto para ajudar seu amigo a sair de dentro da minha boca, pois ele se machucou um pouco.

Quando eu cheguei perto, o jacaré me abocanhou e eu acordei assustado. A única coisa boa desse pesadelo foi que passei a gostar de comer mais variedade de frutas, assim como o Tucano.

A raposa mágica

Eu estava na minha casa e me deparei com um livro no chão, era velho com uma capa de couro e nas suas pontas havia ouro. Como nunca reparei nesse livro tão chamativo? Bom, eu gosto de ler bastante, então, sentei no sofá da sala e comecei a ler:

Estava em uma das minhas missões, tinha uma coisa que eu deveria fazer na floresta, era encontrar o grande tesouro, fui enviado com esse propósito, quanto mais eu entrava, mais ficava com a esperança de achar o tesouro. A verdade pode ser dura, enquanto eu explorava aquela mata, dei de cara com um rio e caí nele. Não foi surpresa, fui encontrado boiando no rio por uma equipe de busca ao tesouro, fui resgatado pela agência e por sorte consegui sobreviver.

Um mês depois do incidente, fui mandado novamente para a missão, mas com uma equipe. A líder se chamava Marina, rapidamente ficamos amigos. Chegamos na floresta e passaram ordens para nossa equipe, ela disse que o tesouro estava enterrado, ou em algum rio, sendo impossível achar por helicóptero, ou avião. Minha equipe foi procurando até acharmos uma caverna, todos entraram, fomos aos poucos ao fundo da caverna até acharmos uma porta gigante, com o que parecia uma cara asteca. Antes de entrarmos, nos comunicamos com a agência sobre a localização e não demorou 5 minutos eles já estavam lá, fomos parabenizados, mas eu ainda tinha uma dúvida, o que tinha através da porta? E minha pergunta foi respondida na hora.

Após arrombarem a porta, havia uma raposa brilhante que parecia ter poderes mágicos. Porém aquela raposa parecia estar triste por ser capturada, então por instinto peguei uma granada de fumaça e joguei perto da raposa, consegui pegá-la e corri, mas eu corri muito, mesmo eu correndo sabia que eles conseguiriam me rastrear. Então, com uma faca, tirei o rastreador. Doeu muito, mas a raposa olhou para o meu braço e me curou, agora eu entendi o seu real valor. Não deu um minuto, Marina estava atrás de mim, ela falou que eu não podia roubar algo da agência e me golpeou no estômago. Não queria feri-la, mas soldados bem treinados começaram a disparar inúmeros tiros contra nós dois. Consegui me abaixar e esquivar, criando uma chance de me esconder. Já Marina não teve essa sorte e vários tiros pegaram ela, não teve chance dela sobreviver. Após me esconder e fugir, eu fiquei muito triste, mesmo estando contra mim, ela era minha amiga.

A raposa parecia dizer algo querendo me levar a algum lugar. Então comecei a segui-la. Chegamos, era outra caverna, mas antes que eu pudesse entrar nela, fomos surpreendidos por vários soldados escondidos. A raposa deu um grito e todos eles desmaiaram. Entramos na caverna e lá vimos outra porta, mas nem precisamos arrombá-la, a raposa conseguiu abrir com o poder da mente, eu acho. Parecia que a porta não aceitava a entrada de humanos, ou seja, só a raposa entrou, e quando ela entrou, saiu um laser do céu e reflorestou a floresta, que havia sido destruída.

Eu havia me esquecido que essa história foi eu que escrevi.

O jogo

Era dia 23 de outubro de 2030, em uma quarta à tarde eu estava brincando com um jogo que havia acabado de ganhar da minha tia. Parecia ser muito antigo, tinha algumas marcas de ferrugem e estava todo empoeirado, ela havia achado no porão.

Sou uma pessoa muito curiosa, então não pensei duas vezes, tranquei-me em meu quarto e me preparei para jogar. Peguei o *DVD* escrito "Jogo dos biomas". Naquela época, eu amava muito ciências. Quando apertei em "começar o jogo", me senti estranha, um pouco leve, talvez. Senti meus olhos fecharem e uma espécie de "manual" com todas as dicas e instruções do jogo, surgiu no meu subconsciente. O meu objetivo ali era descobrir todos os biomas que aparecessem para mim, porém eu só tinha 30 minutos.

No começo, eu achei que era apenas um sonho, porém nas últimas três linhas do "manual" estava escrito: "Caso erre algum bioma, você nunca voltará ao seu mundo." Quando li isso, não tive muito tempo para pensar, apareci em um lugar muito lindo, repleto de plantas com folhas semelhantes a lâminas, quase não se via árvores e o local era bastante plano, parecia que eu estava no paraíso. Logo, recebi um papel com seis espaços para serem preenchidos e uma caneta preta. Não queria perder tempo e já notei o bioma que estava: "Pampa". Percebi isso rapidamente por conta de sua baixa temperatura e quantidade de árvores.

Senti meu corpo sendo sugado e me deparei com um lugar extremamente quente, com rios secos. Assim que avistei plantas com as folhas em formato de espinhos, percebi que estava na Caatinga e já fui anotando para não perder tempo.

Dez minutos se passaram. Surgi em um local de florestas densas e árvores muito altas, então eu me dei conta que estava no maior bioma brasileiro, a Amazônia.

Outro lugar onde fui, o vento estava muito forte, havia várias montanhas e espécies diversas de plantas. Quando estava caminhando para conhecer o lugar, me deparei com uma extensa restinga, logo percebi que estava na Mata Atlântica, o bioma mais devastado do Brasil por conta da expansão agrícola.

O bioma que havia aterrissado também era plano, o rio estava bastante alto e havia vitória-régias, lá me deparei com vários Tuiuiús, Ariranhas e Capivaras. Estava me aproximando do rio, quando surgiu um jacaré com dorso escuro e faixas transversais amarelas na cauda. Ele era bem grande, parecia ter mais de 2 metros

de comprimento, levei um susto e saí correndo daquele local, com certeza estava no bioma Pantanal. Percebi isso por conta de sua fauna e aparência semelhante a de um pântano.

Havia sobrado apenas um espaço para ser preenchido, já tinha conhecimento de que era o bioma Cerrado, porém, ainda havia 10 minutos, então resolvi conhecer um pouco mais o local. As árvores eram lindas e tinham troncos grossos e tortuosos, avistei muitas espécies de plantas e animais, fiquei admirando por um bom tempo aquele belíssimo lugar. Os minutos passaram voando, apesar do que havia acontecido, queria ter ficado mais tempo por lá.

Hoje, graças aquela aventura que vivi e as experiências maravilhosas que tive, me apaixonei ainda mais pela natureza e estou fazendo faculdade de Biologia.

Cuide da natureza

Olá, eu sou Miguel, estou no ano 2050 e estou aqui para contar sobre alguns lugares que conheci durante a minha vida. Vou começar com a Austrália, que já foi um país considerado por muitos como um dos lugares mais perigosos do mundo, devido a fauna existente em seu bioma, com muitos animais perigosos, como a cobra Marrom que chegava a ter um metro e meio de comprimento e estava entre as 10 cobras mais venenosas do planeta. Por ser um animal muito abundante no país e causador de muitas mortes humanas, existia um profissional treinado para retirar essas cobras de uma residência, por exemplo.

Outro animal perigoso que já conhecia nessa região foi o Casuar, que chegava a ter um metro e meio de altura, com garras perigosas que poderiam perfurar sua barriga, as suas asas não o faziam voar, mas escondido nelas haviam espinhos e na sua cabeça uma crista que poderia ser usada para acertar seus inimigos, sem falar que ele era muito agressivo e não adiantava correr já que ele poderia chegar a velocidade de 50 quilômetros por hora. Outra criatura era a Caixa de água-viva, que foi a água-viva mais perigosa de sua época, com um veneno mortal que poderia matar em poucas horas, tinha um tamanho de dois a três metros de comprimento e a altura era de um a três centímetros, sendo quase invisível, por causa dessa característica ela foi incrivelmente perigosa.

O mundo tem muitos lugares incríveis e agora irei contar uma história de um lugar muito perigoso, não por causa de seus animais, já que a maioria deles não representava perigo e mesmo que representassem, estavam longe demais da sociedade, mas era perigoso pelo seu ambiente hostil. Esse lugar era a zona abissal da Fossa das Marianas que fica no Oceano Pacífico, a leste das ilhas Marianas. Um lugar com 11 quilômetros de profundidade, onde a luz não chega, a pressão é gigantesca! Só para entender, seria a mesma coisa de centenas de toneladas em cima de você, a temperatura é muito abaixo de zero, a água só não congela por causa da pressão e isso fazia com que a água das profundezas fosse mais densa que a da superfície. Um lugar onde a vida era escassa. Essa região é tão hostil que existiam mais pessoas no espaço do que lá.

Em 23 de janeiro de 1960, eu nem havia nascido, mandaram um submarino com tripulantes para lá, no começo estava indo tudo bem, mas quando chegou a 800 metros uma proteção plástica externa não resistiu à pressão e simplesmente explodiu, causando um abalo fortíssimo em todo o submarino. Apesar do medo de que a operação desse errado, os cientistas decidiram prosseguir. Ao meio-dia, eles haviam chegado a mais de 9 mil metros, haviam perdido a conexão com a superfície, e a temperatura na cabine era de 7°C, tinha tudo para dar errado. Se eles encostassem em qualquer coisa, o submarino poderia não suportar, mas, mesmo assim, eles continuaram e foram para o lugar conhecido como o mais profundo do mundo, a 10.911 metros de profundidade, um lugar onde não há mais possibilidade de vida, ou melhor, era o que pensavam, porque mesmo naquela profundidade eles encontram vida. Até hoje não sabemos como aqueles seres sobreviveram e reproduziram. Inesperadamente, eles conseguiram restabelecer a conexão com o navio de apoio na superfície, através do sistema de comunicação sonar e conseguiram voltar à superfície.

Estou contando isso agora para que vocês saibam como nosso planeta é incrível, com muitos ecossistemas e biodiversidade. Agora, em 2050, muitos animais já foram extintos, mas se no passado tivéssemos cuidado melhor da natureza, isso não teria acontecido. Cada parte da nossa biodiversidade é importante, pois faz parte de uma teia interligada a outras e se uma pequena parte for alterada, influencia até mesmo na geografia do ambiente. É muito importante cuidar do nosso planeta e de todos que nele habitam.

Aventuras na roça

Em um feriado de Setembro de 2017, viajei com meu pai, minha mãe e meu irmão para o interior em Jaguaré. Um lugar que fica no norte do Espírito Santo, no município de São Mateus. Fomos visitar o sítio dos meus padrinhos. Meus primos também foram com a gente. Chegamos lá à noite e estava bem escuro. Conseguimos ver as estrelas iluminando bem o céu, já que lá no sítio não tinha poste de iluminação.

Começamos a brincar e conhecer a casa onde íamos ficar. Meus primos, que já tinham ido lá algumas vezes, começaram a brincar com uma arma de chumbinho. Eles ficaram atirando numa lata vazia de Coca-Cola e outros alvos que eles colocaram na varanda. Eu e meu irmão começamos a brincar com eles e logo depois, sem perceber, estávamos entrando no meio da plantação de mandioca que circulava a casa. Nessa hora, a minha mãe começou a gritar para gente voltar, porque estava muito escuro e meu padrinho disse que ali tinha cobra. Voltamos rapidinho da plantação e fomos dormir. Não sem ver os vaga-lumes, que iluminavam a varanda. Foi a primeira vez que vi esses insetos.

De manhã bem cedo, fomos na horta pegar cenouras e também visitamos a plantação de mandioca que vimos de longe na noite que chegamos. Começamos a cavar para pegar umas mandiocas e ficamos surpresos com o tamanho da raiz que tiramos. Era tão grande que a gente comeu uma parte lá e ainda trouxe um bocado para casa quando voltamos. Também pescamos no reservatório de água que tinha lá. Descobri que meu avô, pai do meu pai, nasceu ali na fazenda vizinha. A gente plantou um pouco na horta e pegamos umas rúculas e alfaces para fazer salada para o almoço.

Para mim, foi uma aventura ir ao sítio do padrinho, porque foi a primeira vez que eu fui visitar o campo. Como dizem por aí, a primeira viagem a gente nunca esquece. Realmente foi uma das melhores aventuras que eu fiz!

Memórias de uma destruição

Olá, meu nome é Catarina, hoje eu vou contar um pouquinho da minha história. Tenho 19 anos, quando eu tinha sete anos presenciei uma grande demolição do território onde ficava a vila em que morava, mas para isso preciso explicar do início. Minha bisá junto com o meu bisô fizeram parte da criação de uma vila, lá meus avós, meus pais foram criados e eu também. Isso porque as leis e regras dadas ao povo, não eram devidamente justas para todos, um exemplo eram os impostos, que eram altos para o salário da população.

Então meus bisavós, que ainda não eram casados, mais algumas pessoas, se juntaram e decidiram que aquele era o limite. Mais de um terço da população foi embora, quem não foi era porque acreditava que aquilo era loucura. Então, eles começaram a construir casas, fazer plantações e preparar o território.

Depois de um bom e longo tempo, tudo começou a dar certo, as plantações ficaram fortes e cresceram, a população aumentou, nossas casas estavam prontas, bonitas, o território ficou bom e fértil, lá tinha até piscina.

Porém, nossa alegria durou pouco. Meus pais, que viraram dois dos líderes da vila, começaram a perceber que tinham pessoas nos vigiando, os trabalhadores, seus trabalhos, as plantações, a terra e até as crianças. Por esse motivo, começamos a ter duas reuniões a cada três dias, pois isso poderia ser perigoso para nós e para a população em geral. Depois de um tempo, veio um homem com um grande número de pessoas querendo comprar o terreno, mas não tiveram sucesso. Eles ficaram insistindo por um longo período, até que perderam a paciência e decidiram destruir tudo e tirar a gente de lá.

Em uma noite, eles colocaram espécies invasoras no campo em que nossos animais ficavam. Plantas invasoras no nosso rio, que era fonte de água e alimento, colocaram aves como pássaros e morcegos nos campos de frutas e depois de tudo isso tentaram nos tirar à força, mas falharam. Como esses animais ficaram lá por muito tempo, começamos a ficar sem alimento. Infelizmente a água não sustentou. Pouco a pouco, as famílias começaram a desistir de ficar lá, foram indo para outros lugares e até mesmo para a nossa antiga cidade. Então, a solução para os caçadores foi colocar mais animais em nossa vila, porém desta vez, no campo onde ficavam as casas. Tinham cachorros, cobras, águias, gaviões, hienas e hipopótamos de médio

porte, entre outros. Foi horrível, a pior cena da minha vida. Eles destruíram as casas, as aves comeram os frutos e acabaram com as árvores.

Muitas pessoas saíram feridas, a fauna e flora da nossa vila foram totalmente destruídas. Com tudo isso que aconteceu, quando eu cresci virei bióloga da fauna e flora brasileira, por isso hoje resgato animais em risco.

Bicho humano

Oi, eu sou um... um como vocês humanos me chamam mesmo? Ah, é Mico Leão Dourado, mas meu nome de verdade é Daniel, eu vim pra contar a história da minha amiga, a Bia. Bom, então vamos do começo.

Quando tudo aconteceu, ela tinha dez anos e tinha acontecido uma coisa muito triste. O irmãozinho dela faleceu, ele foi vítima de uma bala. Deixa eu explicar melhor, a família deles sempre morou aqui no Mato Grosso, isso mesmo, no Pantanal. E eles adoravam vir aqui na mata para acampar e essas coisas, até que um dia eles deram de cara com uma caçada ilegal e quando atiraram acertaram no irmão da Bia. Coitada, fiquei muito triste, estava vendo tudo, eu sempre estive acompanhando ela. Foi horrível, a família toda ficou arrasada, ele era bem novinho, só tinha seis anos, então todos eles se afastaram da natureza, incluindo a Bia, mas, nessa época, eu não a acompanhei, pois nunca me arrisquei a ir para o lado dos humanos.

Depois de algum tempo, a Bia começou a sentir saudades da natureza, o ar puro, os animais, o vento. Quando ela tomou coragem e pediu aos pais para voltar, eles negaram, ela não ficou triste, nem chateada, ficou irritada e na verdade não considerou a resposta deles. Decidiu que precisava voltar e foi o que fez. Quando as aulas voltaram, ela saía de casa e ao invés de ir para a escola, ia me visitar. Passamos dias incríveis e foi muito legal, mas parece que para os humanos esse negócio de escola é importantíssimo e os pais dela não ficaram nada felizes quando descobriram. Bia teve que ficar com uma estagiária que cuidava para que ela não fugisse da escola. Não importava quantos planos ela fizesse, nada dava certo, não dava para fugir. Até que o melhor amigo dela deu uma ideia perfeita, enquanto a professora estava no banheiro, ele chamaria a estagiária e a Bia fugiria. Deu certo!

Quando ela conseguiu, não ficou feliz por muito tempo. Assim que ela chegou lá, viu tudo destruído, o fogo consumindo a natureza, os pássaros caindo, os peixes fugindo, as capivaras caídas e outros animais, a terrível destruição e ela não pensou duas vezes antes de entrar nas chamas. Foi aí que me viu, eu estava no meio do fogo, quase morrendo, mas ela me enrolou em sua blusa, eu não via nada, só sentia e ouvia as chamas chegando mais perto e ela gritando de dor, era agonizante. Aquilo penetrava em meus ouvidos, o desespero e a angústia. Eu vi os bombeiros chegando e gritando para me largar, mas só me segurava mais forte. Até que, quando abri os

olhos, vi a Bia sem uma perna, o médico e os pais. Então parei para pensar: “Será que ela é mesmo uma humana?” Porque desde bebê, eu ouvi que os humanos eram destruidores, que só se importavam com eles mesmos, até porque eles se achavam superiores e sempre se colocariam em primeiro lugar. Bia não, ela se sacrificou por mim e mesmo quando teve oportunidade de me deixar e se salvar escolheu ser fiel e ficar comigo, então, se os seres humanos são realmente assim, ela realmente é um deles?

E você? Você mesmo, que leu tudo, o que você acha? Seria ela um bicho humano?

Rotina do dia

Dia 20/03/4010

Olá, meu nome é Aoi, eu tenho 20 anos, e hoje vim mostrar minha rotina diária no ano de 4010. Primeiro eu acordo e calço meus novos sapatos térmicos da Apple, hoje está fazendo frio mais que o normal, então eu botei eles no modo quente. Como a minha casa é de dois andares, eu desci as escadas e primeiro peguei o resto de água que sobrou de ontem e fui regar as minhas plantas. Desde os cinco anos de idade eu quis ter plantinhas reais em casa, já que todas que eu tinha eram falsas, plantas reais hoje em dia são muito caras, por causa do desmatamento e das queimadas de anos atrás. As minhas plantas e árvores reais são muito boas e trazem um ar mais fresco para a minha casa, já que as árvores captam gás carbônico e produzem oxigênio por meio da fotossíntese, diminuindo a poluição, a emissão de gases e também ajudam a saúde física, psicológica e social.

Depois disso, eu vou na cozinha comer minhas pílulas de comida, eu já comi comida de verdade quando eu era uma criança, era muito bom! Mas infelizmente é muito caro e difícil de achar uma pessoa que entregue aqui onde eu moro, pois os equipamentos para poder sair de casa são muito caros, então eu não ligo muito e continuo comendo minhas pílulas, tenho que comer duas de manhã, posso comer quantas eu quiser no almoço e no jantar eu posso comer no máximo oito. Os animais que existem hoje em dia ou são domésticos, como cachorros e gatos, ou estão presos no laboratório do governo para não serem extintos, lá eles fazem experimentos com alguns animais e reproduzem outros. O único animal vivo que pode sair livremente no lado de fora são as aves, já que os pássaros têm toda uma estrutura óssea preparada para voar, além das penas, eles têm ossos pneumáticos caso aconteça uma enchente muito grande e outras aves têm óleo impermeabilizador que faz elas não se molharem com os alagamentos de chuva ácida (hoje em dia eles evoluíram e o óleo impermeabilizador serve pra isso também, mas há anos eles só eram impermeáveis a água) .

Mais tarde, eu fui trocar de roupa e chequei o nível de poluição do ar no meu celular, normalmente nós podemos ficar no máximo cinco minutos sem equipamentos para respirar e etc., a boa notícia é que hoje podemos ficar pelo menos 15 minutos fora de casa entre 12h e 13h, já que esse horário é o mais seguro de hoje.

Agora é o horário que o governo nos dá sete litros de água, eu separo 4 litros para beber, um para tomar banho e dois para regar minhas plantas, se sobrar água eu uso no dia seguinte para alguma coisa.

Após eu fazer essas coisas, eu provavelmente iria estar fazendo um exercício do lado de fora, mas o governo nos proibiu de fazer exercícios já que eles aumentam nossas necessidades, então esse horário eu apenas fico relaxando, mexendo no celular, ou conversando com as minhas amigas virtualmente, depois do horário seguro de ficar do lado de fora, eu apenas vou para o meu quarto e descanso até dar horário do jantar, ou eu apenas fico trabalhando no meu computador mesmo.

Quando a noite chega, eu levanto da minha cama e vou para o segundo andar regar minhas plantas novamente e tomar minhas pílulas de comida, a minha rotina a noite é simples, pois não tem muito o que fazer, aliás, lembrem-se de nunca deixarem as portas ou janelas abertas, nunca se sabe quando vai chover ácido, ou vai ter uma chuva de areia, ou mesmo uma infestação de mosquitos! Depois disso tudo, já está à noite, então eu tomo banho e escovo os dentes com a água que sobrou e vou dormir!

Uma caçada mal sucedida

Eu estava na minha casa, brincando com meu neto, bagunçava tudo, mas nem ligava, ia junto nessa, em uma hora a casa estava horrivelmente suja, meu filho o acalmou e foi dar uma volta, comecei a ver TV, um programa que gostava, “Domingão do Jorjão”. Algum tempo depois, eles voltaram e a criança já saiu correndo para mexer nos brinquedos, fiquei conversando sobre a vida com meu filho, mas o que eu temia aconteceu, sem querer meu neto abriu a porta do meu escritório e se deparou com vários animais empalhados.

Nessa hora, ele começou a chorar, falei com meu filho sobre o assunto, iremos ou não contar isso para o meu neto? Nós decidimos contar a verdade. Comecei:

“Há muitos anos eu era caçador, um dos melhores, minha mira com meu rifle era impecável, meus amigos chamavam isso de olho da morte, na maioria das vezes eu não caçava por peles, mas por contratos.

Minha última caçada aconteceu em um dia lindo, eu e meus amigos estávamos indo para uma fazenda, que ficava na frente de uma reserva florestal, o dono do lugar veio e nos falou o que tínhamos que fazer. Matar uma alcateia de lobos que estava matando suas ovelhas, eram os últimos da região, pegamos nossas armas e entramos na floresta.

Procuramos rastros, depois de algumas horas achei pegadas, chamei os outros e fomos, depois de um tempo o rastro acabou, achei o corpo de uma ovelha. Nós vasculhamos o local, mas nada encontrávamos, até que um lobo surge da mata e ataca um dos meus amigos no pescoço, ele gritava muito, mas eu não era conhecido por olho da morte a toa, mirei e acertei o tiro bem na cabeça da criatura, tentei ajudar o ferido, mas a mordida foi fatal.

Não havia muito tempo para pensar, estávamos cercados, com uma fúria imensa pela nossa perda, um a um os lobos desabaram no chão, até que todos estavam abatidos. Voltei, falei para o dono da fazenda que a tarefa estava cumprida, mas não peguei o dinheiro, estava abalado.

Um ano depois, aquela mesma pessoa pediu para que eu matasse os coelhos que estavam comendo sua plantação, recusei, não queria lembrar do que aconteceu anteriormente, mas soube exatamente a besteira que fiz. Aqueles lobos eram um dos últimos e maiores carnívoros. Com a ausência de predadores, os herbívoros se

multiplicaram aos montes e não havia espaço nessa pequena floresta, então eles estavam saindo para outros lugares para achar comida.

Mais um ano depois, apareceu no jornal que a reserva estava um caos, para impedir a proliferação dos coelhos, caçadores introduziram uma espécie invasora, que mataram a maioria dos animais nativos.

Apenas dois meses depois, aquela mesma pessoa me fala que poderíamos matar um urso com ele, não podia recusar, estava mal financeiramente, peguei minha arma e fomos caçar, horas e mais horas se passavam e nada. Até que, de repente, o monstro saiu de um arbusto e levou um tiro do meu acompanhante, mas ele não parou, deu um pulo e deu um arranhão fatal no proprietário da fazenda, mancando, a criatura ferida me ignorou e voltou para sua toca, o segui e dava para ver que ele não sobreviveria por muito tempo. Ele chegou em sua toca e deitou no lado de um esqueleto que parecia ser de um urso filhote, ele olhou para mim, com um olhar de “Por quê?” e morreu, ele queria vingança, deu para ver.”

Meu neto saiu correndo da sala chorando, meu filho foi acalmá-lo, eu olhei para o teto e pensei “O que eu fiz?”.

Memórias reconstruídas

Era dia 08/06/2045, quando eu e minha irmã mais velha, Alice, decidimos voltar ao local de nossa antiga casa para relembrar momentos bons que tivemos por lá.

Nossa casa se localizava no Canadá, em uma parte onde o ecossistema predominante era Tundra. Ao chegarmos lá, percebemos que não estava tão frio quanto costumava ser, estava até meio quente. Os animais que viviam circulando por ali já não apareciam mais e a maioria das plantas típicas do ecossistema, como musgos, líquens e ervas, estavam secas.

Quando vimos isso, ficamos muito tristes, pois aquele lugar costumava ter bastante natureza e nós sempre procurávamos pequenos animais para fotografar por lá, como raposas e lebres, que são animais comuns desse ecossistema, porém todos esses animais desapareceram.

Ao ver isso, começamos a pensar que talvez esse fosse o motivo da nossa mudança, a falta de conservação do ecossistema. Isso poderia ser facilmente evitado se preservássemos as árvores, cuidássemos bem dos cursos de água, déssemos destino apropriado ao nosso lixo, reduzíssemos o consumo de água e de energia elétrica, evitássemos andar apenas de carro, comprássemos apenas o necessário e pensássemos não apenas em nossa própria espécie, mas também nas outras que habitam esse ecossistema.

Após isso, eu e Alice decidimos tentar fazer algo para ajudar a natureza, iríamos plantar novas plantas no local das secas e vir regar toda semana, para isso dar certo as plantas teriam que ser do mesmo tipo das que estavam lá antes, ou algum outro tipo que tivesse nesse bioma, pois caso contrário isso poderia acabar gerando um desequilíbrio ambiental.

As plantas desse ecossistema desenvolveram o crescimento maciço, isso ajudava a evitar o ar gelado. Outra adaptação que elas desenvolveram foi o crescimento bem próximo ao solo, o que as protegia das fortes rajadas de vento que ocorriam com frequência por aqui. As folhas pequenas ajudavam a acumular a umidade. Mesmo com as condições climáticas difíceis, existia uma grande diversidade de plantas na Tundra Ártica.

Após plantarmos alguns arbustos, ervas e fomos embora, daqui a algum tempo se continuarmos tentando ajudar, talvez os animais voltem a circular por ali, talvez o

clima volte a ser frio como era antes, talvez tudo volte ao normal, a única coisa que nos resta agora é esperar.

Aventuras no Parque

Em 2017 viajei com minha família para comemorar meu aniversário que sempre foi comemorado com festa. Dessa vez, meus pais escolheram uma viagem para a região Sul do Brasil. Fiquei super animado porque foi minha primeira viagem de avião.

Chegando lá, descobri que ficaríamos num hotel. Relaxamos, assistimos a TV e descansamos até o dia do nosso passeio, quando exploramos os pontos turísticos da cidade.

Um desses lugares é um parque ecológico onde conseguimos chegar por um teleférico. Foi bem legal, mas eu fiquei com muito medo porque era muito alto. Lá a vegetação era de Mata Atlântica, um bioma muito destruído no Brasil.

Lá de cima, pude ver o mar, a natureza e os prédios, bem altos, um lugar bem bonito e legal. Encontrei pessoas se aventurando na tirolesa e por causa do meu medo, acabei não indo. Lá no parque, fizemos um passeio numa trilha pela mata.

No dia seguinte, fomos ao Beto Carrero, o maior parque de diversões da América Latina. Estávamos no parque assistindo o show do Madagascar, quando de repente chegaram os guardas que faziam parte do show. Eu achei que eles iam me prender e quase quis sair correndo para outro lugar. Também teve outro show do Velho Oeste que aconteceu durante uma viagem de trem.

Durante a viagem, o trem entra num túnel em formato de cobra. Aí meu irmão ficou com muito medo, não só dessa parte, mas de bandidos que tentaram assaltar o trem. Ele ficou com muito medo. De novo. Não sabia que era uma encenação.

Lá, de perto eu vi os animais que só conhecia através do livro que meu avô costumava me mostrar. Animais como: gorila, girafa e elefante. Acho que alguns estão em extinção.

Essa viagem foi muito legal. Lembrando dessa viagem me deu vontade de voltar lá em Santa Catarina.

Grandes desastres em pequenas páginas

Naquele dia, acordei em um sobressalto com o sino da biblioteca tocando, me apressei a descer aquelas escadas como se a minha vida dependesse disso, na esperança de ser Molly. Ainda meio zozona por ter levantado tão rápido, forcei meus olhos a enxergar o que estava na minha frente, por mais demorado que tenha sido descer aquelas escadas, consegui chegar ao piso um a tempo de ver um senhorzinho adentrando pela porta da entrada, definitivamente não era Molly. O senhor que parece quase uma cópia do meu falecido avô me lançou um sorriso, enquanto seu olhar percorria cada parede, estante e livro da biblioteca. Talvez estivesse só procurando algo?

- Licença, bom dia! Posso ajudá-lo? - Disse me aproximando dele.

- Bom dia! Na verdade, sim - Disse ele ainda observando cada canto da biblioteca - Você saberia me dizer se Archie já chegou para trabalhar?

“Como vou contar para esse senhor que o meu avô faleceu há mais de 2 anos, e que ele deixou a sua biblioteca em minhas mãos?” Era o que estava se passando na minha cabeça no momento em que ele me disse aquilo.

- Bom, na verdade, ele faleceu há alguns anos e agora sou a dona daqui, sinto muito por ser a pessoa a te dar essa notícia - falei tentando segurar a enorme tristeza que me invadiu assim que me lembrei e na expectativa de parecer o mais amigável possível.

Ele passou por mim sem dizer sequer uma palavra e saiu andando por entre as enormes estantes que o cercavam, e só nesse momento reparei que ele estava carregando um livro gigante nas mãos, com uma capa azul-marinho e alguns mínimos detalhes em dourado.

Por ter literalmente me ignorado, acabei decidindo deixá-lo andando pela biblioteca, já que era, aparentemente, o que ele queria fazer. Subi as escadas novamente (enormes, por sinal), anotando na minha cabeça pela milésima vez que devia comprar um elevador para a biblioteca. Quando cheguei até a minha mesa no piso três, encontrei o bandido do livro por cima de uma pilha de papéis (dos quais eu tinha fugido a semana inteira). “Por que raios esse livro está aqui? Como aquele senhorzinho chegou aqui antes de mim? Tá? Definitivamente tem alguma coisa estranha! O que está acontecendo?”

Provavelmente, você está tão confuso quanto eu estava naquele momento, mas vou tentar explicar, tudo bem? Basicamente, meu avô faleceu há mais de dois anos e (de acordo com o seu testamento) ele destinou a sua renomada biblioteca para mim! Nesse dia, faz três meses que eu assumi a direção da biblioteca, quando literalmente do nada, chegou um senhorzinho MUITO parecido com o meu avô, perguntando por ele? Além disso, ele também deixou um livro extremamente estranho na minha mesa, que mais tarde me traria sérios problemas.

Tomada pela curiosidade, acabei decidindo abrir o livro e dei uma folheada, afinal, que mal faria, né? Quer a resposta? Quando dei por mim, já estava sendo puxada para dentro do livro! Olhei ao meu redor e ainda estava na biblioteca, então acabei acreditando que era sono mesmo, mas aparentemente algo havia mudado. Como meu expediente já havia acabado, acabei decidindo sair e voltar para o meu apartamento, porém quando pisei o pé na calçada, escutei um estrondo gigante, seguido por gritos e uma correria enorme, pela qual eu quase fui atropelada, quando me dei conta do que estava acontecendo já era tarde demais. Brasil, janeiro de 2015, rompimento da barragem de Brumadinho.

Quando penso que é definitivamente o meu fim, escuto um barulho suave de páginas se passando. Como, literalmente, um milagre, eu já me encontrava em um cenário totalmente diferente.

Vila Socó - 1984.

Nesse momento, eu realmente não sabia o que estava acontecendo, até hoje não sei, na verdade. Mas eu acabei perguntando a uma menina, que devia ser uns três anos mais nova que eu, onde estávamos e em que ano.

- Oi! Licença, onde estamos? E em que ano, por favor? - Ela me lançou um olhar desesperado e murmurou alguma coisa parecida com "Vila Socó, em fevereiro de 1984, por quê?".

Nem consegui respondê-la, fomos interrompidas por alguns gritos e um cheiro extremamente forte de gasolina. Observei o meu redor e só consegui ver pequenas residências pegando fogo e um incêndio gigante se alastrando pela vila, olhei para o alto a tempo de ver uma casa enorme desabar em cima de nós, mas não sem antes me abaixar e desejar que tudo isso não passasse de um sonho, como se alguém tivesse escutado as minhas preces, o barulho se cessou, e quando abri o olho, toda

tragédia havia desaparecido e eu estava novamente na biblioteca, sendo acordada por Molly, que dizia freneticamente:

- Lily, você tá bem? - ela disse com a voz mais calma e doce do mundo - Quando eu cheguei tinha um senhorzinho saindo apressado e quase desesperado da biblioteca, aconteceu alguma coisa?

- Você está muito pálida, quer uma água? - Ela acrescentou, como eu não respondi, Molly só foi até o segundo piso atrás de alguma coisa para beber.

Até hoje não faço a menor ideia do que aconteceu, só sei que por algum motivo visitei, por alguns minutos, lugares e tempos onde aconteceram enormes desastres naturais, ou tudo não passou de uma invenção da minha mente lotada de trabalho e sono, mas até hoje guardo o livro que aquele senhorzinho deixou para trás na biblioteca.

Semana de aprendizado

Uma vez eu estava indo viajar com a minha turma, era algum tipo de colônia de férias. Nós ficaríamos por duas semanas num bosque próximo a um acampamento onde os professores se estabeleceram.

Algumas horas depois, nós havíamos chegado, logo que descemos do ônibus nos deram barracas e uma maleta para cada pessoa, na qual guardavam objetos (incluindo nossas coisas que levamos) nos ajudariam a nos estabelecer no bosque. Nos designaram ao lugar onde montaram as barracas e nossa professora de ciências naturais (que estava comandando o projeto) nos disse:

“Durante a noite as barracas devem ficar nesse local, mas durante o dia vocês podem mudar a barraca de lugar. E durante essas semanas nós faremos algumas atividades.”

Uma de nossas estagiárias nos avisou que na maleta havia um mapa da área onde estávamos, caso nos perdêssemos, e que no mapa havia figuras que denominavam diferentes tipos de vegetação e de locais para passarmos o tempo.

Quando terminaram de nos falar tudo o que precisávamos saber para que nos divertíssemos e que nada de ruim acontecesse, arrumamos nossas barracas e a maioria das pessoas saíram para se divertir, mas eu fiquei para ver o que de fato havia na maleta e lá tinha: 1 quite de primeiros socorros; 1 lanterna; algumas barras de cereal; material para construir um filtro de água; 1 garrafa dobrável; 1 copo de silicone retrátil; 1 mapa; 1 quite com materiais para produzir fogo e uma mochila de pano.

Depois de olhar a maleta e arrumar minha barraca fotografei o mapa com uma câmera que imprime fotos e guardei a foto comigo. Passamos a maior parte do tempo no bosque, quando a nossa prof. de ciências chamou todos e disse:

“Agora que já descansaram e se divertiram vamos por seus conhecimentos à prova! Cada um de vocês vai pegar um caderno de notas e uma caneta e vão fazer anotações sobre a fauna e a flora desse bosque e vocês passarão um dia inteiro no bosque, cada um vai ter uma hora para se preparar, lembrando que vocês terão que

levar comida e arrumar um local para dormir, agora que todos os avisos foram dados nos encontramos em uma hora.”

Depois de ter me preparado, fui ao local de encontro com minha bolsa (onde estavam minhas coisas), a maleta, a barraca e uma cesta de *picnic* onde eu coloquei minha comida e por incrível que pareça eu tinha chegado cedo! Depois de muito tempo de espera, os outros chegaram e fomos bosque a dentro.

Durante a atividade, eu encontrei dois girassóis, mas um havia sido plantado na sombra e o outro no sol, vi que o que estava na sombra não havia se desenvolvido tão bem quanto o do sol, porque ele não tinha feito fotossíntese e só havia crescido com os nutrientes da sua semente.

Quando voltamos, meus colegas acharam aquilo incrível (a flor que cresceu e a que não), então eu prometi que os levaria na semana seguinte.

Uma semana depois, eu fui levá-los ao local onde achei as flores, só que quando chegamos as flores e a grama encontravam-se queimadas e algumas árvores próximas estavam pegando fogo! Logo que vi o estado daquelas plantas, saí correndo para buscar ajuda, enquanto meus amigos foram pegar água. Por sorte, conseguimos conter as chamas, mas logo que acabamos vimos um homem atrás de uma pedra com um fósforo na mão, pronto para jogá-lo em uma das árvores secas no chão. Antes dele praticar sua ação, uma amiga minha me deu a ideia de cercá-lo, dito e feito cercamos ele e salvamos quase todas as árvores naquele bosque (claro exceto as que já haviam sido queimadas).

Quando voltamos (com o homem sobre custódia dos professores), um policial nos esperava, ou melhor, esperava aquele homem, o destruidor desconhecido foi preso e antes de ir o policial disse:

“Graças a vocês toda a biodiversidade e todas as vidas daquele bosque foram salvas.”

Uma longa viagem

Dia 08 de Agosto de 2023

Certo dia, aqui em Florença, foi dada a pior notícia que já podemos ouvir, mas antes de contar qualquer coisa, deixe-me contar quem sou eu e o que aconteceu. Meu nome é Isabelly e tenho 21 anos e nasci no Canadá. Desde pequena, sempre tive um grande sonho, que era ser uma gestora de turismo, mas vocês me perguntam, o que é isso? Gestora de turismo é uma profissão onde você viaja pelo mundo e faz relatos sobre o lugar que esteve, essa profissão mexe com o lazer e o entretenimento. Legal né?

Sempre fui uma ótima aluna, com notas excelentes, desempenho perfeito, entre outras qualidades, e Florença, o lugar que estou agora, foi o meu primeiro lugar de viagem para conhecer e dar relatos. Tudo estava indo de bom para melhor, até isso acontecer:

“Data de publicação: 06/07/2023 - Cientistas descobrem novo vírus que pode possivelmente criar uma nova pandemia mundial. Esse novo vírus pode ser tão devastador quanto a bactéria *Yersinia Pestis*, a bactéria que causou a peste negra, que ocorreu no ano de 1348. Veja mais.”

Sim, exatamente, o mundo mal tinha acabado de se recuperar da pandemia passada e já teria outra. Essa horrorosa notícia tinha deixado todos em pânico, então imagine a seguinte situação: tudo estava indo de melhor para o fim do poço, mais de 7 bilhões de pessoas estavam preocupadas e tudo poderia estar prestes a acabar, TUDO MESMO. Todas essas pessoas correram para o mercado, inclusive eu também em busca de suprimentos e outras coisas, além disso o mais maluco aconteceu, o governo de Florença e mais os outros do mundo todo decidiram que o melhor para se fazer era ir para as florestas mais úmidas possíveis, pois lá seria mais difícil de ser contaminado. O motivo era que esse vírus se propagava em lugares com clima seco.

Eu corri então depressa para o aeroporto e como era uma Gestora de turismo, tive mais chances de conseguir entrar no avião. O voo tinha como destino o aeroporto de Manaus, a capital do estado do Amazonas no Brasil. Tive sorte pois era fluente em 5 línguas: Inglês, espanhol, português, italiano e mandarim. Chegando no destino, eu mais 5000 pessoas corremos em direção a Amazônia, isso durou vários e vários dias de caminhada.

Quando chegamos, nem havíamos acreditado no que tínhamos feito e o que estava acontecendo. Estávamos muito cansados, tivemos que montar vários acampamentos e tentar se prevenir ao máximo para tentar não contaminar ninguém. Não podíamos nos abraçar, nem nos encostar, pois não sabíamos como era a forma de contágio do vírus se era por meio do ar, da água, etc.

Agora eu estou aqui no meio da floresta, com meu diário, escrevendo tudo que aconteceu nesses últimos dias. Já faz uma semana que estamos aqui, no meio da mata e até agora já tivemos vários problemas, mas o bom é que todos estão bem e ninguém ainda foi contaminado (pelo que se parece), o que dá esperanças que talvez o que estamos fazendo seja o certo, nos distanciando.

Perdida na floresta

Lembro-me direitinho quando eu me perdi na floresta. Eu e minha família estávamos indo acampar, entre eles eu estava mais ansiosa, pois seria a primeira vez acampando. Quando chegamos, montamos as barracas e arrumamos todas as coisas, demoramos muito para ajustá-las, então depois que acabamos, fomos relaxar um pouco. Resolvemos jogar alguns jogos como: pique bandeira, esconde-esconde, pique pega, etc. E por último resolvemos jogar uma partida de queimada, os times ficaram: eu e meu pai versus minha mãe e meu irmão. Ele é muito bom, mas eu até estava indo bem. O jogo estava 2x0 para eu e meu pai, meu irmão ficou com raiva e jogou a bola para longe na direção da floresta.

Eu resolvi ir buscar, fui correndo, mas quando vi eu estava perdida, acabei ficando tão focada em pegar a bola que esqueci por onde tinha ido. Por sorte, biomas do Brasil é minha matéria preferida em ciências. Eu sabia que estava em um bioma de mata atlântica que é um bioma de floresta tropical, geralmente com neblina constante, tem uma fauna com grande diversidade de espécies, tem árvores com grande porte.

Mas, voltando, resolvi explorar as regiões por perto, afinal, eu não poderia ter ido tão longe. Porém antes de sair, eu marquei o lugar que eu estava colocando alguma coisa. Dessa vez eu prestei muita atenção para não me perder de novo.

Andando por lá encontrei diversos tipos de animais como: mico-leão-dourado, bicho-preguiça, capivara, macacos, preguiças, cachorros-do-mato, tucano, araras, beija-flores, periquitos, sapo-cururu, perereca-verde, rã-de-vidro. Apesar de estar com medo por estar perdida e sozinha na floresta, eu fiquei impressionada com o tamanho da diversidade da fauna.

Continuei seguindo por várias direções, mas depois lembrei que perto do acampamento tinha uma trilha, se eu não me engano, ela ficava perto da onde nós estávamos jogando, então se eu achá-la vou conseguir voltar para as barracas.

Continuei andando, não foi muito difícil de achar, tinham várias placas indicando o caminho, continuei andando até achar o acampamento. Chegando lá, eu percebi que minha família estava muito preocupada, apesar de parecer mais tempo

para mim eu devo ter ficado uns 20 minutos lá. Eles ficaram tão preocupados que resolveram que não íamos acampar mais. Fiquei triste por não podermos acampar, mas pelo menos eu pude ver a maravilhosa fauna e flora da mata atlântica de perto.

Perdidos na neve

Até hoje me lembro daquela terrível aventura do dia que tinha ficado perdida em um inverno rigoroso onde eu morava. Meu nome é Emma e irei lhes contar nesse capítulo, a história de uma aventura e tanto.

Eu tinha 16 anos e enfrentava um inverno muito difícil em *Bank Island*, no Canadá, onde eu morava junto com meu avô. O Natal estava próximo, era dia 21 de dezembro e eu queria fazer uma surpresa para meu avô que sempre me deu muito amor e carinho, por isso queria retribuir tudo que ele já fez por mim, então fui vender alguns doces que tinha feito para conseguir dar um bom presente para ele. Fui com a ajuda de Fuyu (do japonês, inverno), minha cachorrinha, era um *Husky Siberiano* nativo da região, por isso, não sentia tanto frio. Como morávamos um pouco longe do vilarejo acabamos nos perdendo, neste momento eu já estava ficando desesperada, pois se lobos aparecessem eu estaria perdida, ainda bem que Fuyu estava lá para me confortar.

Precisávamos achar um lugar para passar a noite, o que seria difícil, já que estávamos em um vasto campo branco, coberto pela neve. Após uma longa caminhada, conseguimos achar uma caverna. Era pequena, mas grande o suficiente para passarmos a noite e no dia seguinte procurar por ajuda. Estava frio, porém consegui dormir um pouco.

No dia seguinte, acordamos cedo e fomos procurar por ajuda, estávamos com muito frio e muita fome, porém, em duas horas de caminhada, não encontramos ninguém, provavelmente todos estavam no conforto de suas casas se protegendo do frio, só de pensar nisso já ficava com mais fome ainda. Depois de algum tempo, Fuyu disparou em uma direção e eu não entendi o porquê apenas a segui. Quando ela finalmente parou, percebi algo meio ensanguentado em sua boca, logo vi que tinha conseguido um *lemingue*, como não tínhamos como cozinhar ele, eu deixei o alimento todo para Fuyu, afinal ela também precisava de comida.

Neste exato momento, eu ouvi um barulho atrás de mim e quando me virei dei de cara com um menino de mais ou menos 9 ou 10 anos, não sei, não me dei o trabalho de perguntar. “Olha, sua cachorrinha achou um *lemingue*” disse o menino “Sim” respondi, “O que faz aqui sozinho garoto?” Perguntei preocupada, afinal, o que

faria uma criança sozinha na neve? “Eu vivo aqui.” Fiquei em silêncio esperando-o contar o resto da história, como ele fez: “Quando eu tinha 7 anos minha mãe me abandonou aqui e tenho sobrevivido desde então, mas esse inverno tem sido difícil, e você? O que faz aqui?” Questionou o menino “Ah, eu me perdi” respondi meio triste, comovida pela história da criança “O meu nome é Emma, posso saber o seu?” Perguntei com compaixão “Meu nome é Matheus, quer ajuda para voltar para casa?” Perguntou ele sorrindo. “Eu aceito, bem, eu queria poder entregar isto a meu avô no Natal”, falei mostrando o presente que eu tinha comprado. “Relaxa vamos chegar lá antes disso, eu ajudo você”, disse o menino alegre. “Mas amanhã já é Natal”, avisei. “Eu sei, vamos passar a noite aqui e amanhã de manhã vamos botar o pé na estrada, a propósito, onde você mora?” Ele perguntou. “Hahaha você nem sabe onde eu moro, enfim, eu moro em uma casinha um pouco mais afastada do vilarejo, a única por perto”, respondi. “Ah eu sei onde é, não é muito longe, mas está anoitecendo, é perigoso aqui de noite, vamos acampar aqui”. Concordei com ele, com isso passamos a noite em outra caverna para acordar de manhã e seguir viagem.

Fim da tarde chegou e finalmente avistamos a casa, imediatamente começamos a correr em direção a pequena casinha e avistamos meu avô falando no telefone pela janela, assim que ele olhou para fora, imediatamente largou o telefone e veio me ver dando um abraço bem apertado em mim, pedindo para entrarmos logo. Ele desligou o telefone, pelo que parecia estava falando com a polícia local a respeito de meu sumiço e foi preparar alguma coisa para eu comer, até porque só havia me alimentado de barrinha de cereal nesses dois dias, estava com muita fome.

Depois de explicarmos o que havia acontecido e conversarmos um pouco, Matheus já ia indo embora quando meu avô pediu para que ele ficasse com a gente, o garoto ficou muito feliz e agradecido, já que ele não tinha para onde ir, por que não ficar lá com a gente? Após tudo isso fomos comemorar nosso Natal em família e tudo ocorreu certo. No final, eu consegui entregar o presente a meu avô e é isso que importa, além de agora termos um novo membro na família, o Matheus!

Era para ser só uma expedição

O ano era 2050, no norte da Califórnia, quando Adam Jack nasceu. Desde pequeno gostava do tema espaço, sempre pedia brinquedos do tipo. Cresceu com um sonho de ser astronauta da NASA e de descobrir coisas além do que o ser humano pode pensar.

Na escola, Adam tinha um QI maior do que os outros colegas de sala, se destacando principalmente nas matérias de ciências e astronomia. Com 27 anos, tornou-se astronauta da NASA junto com o seu fiel cachorro, o Scott, que era um pastor alemão muito amado por Adam, era literalmente seu melhor amigo. Adam acompanhou a vida dele desde quando ele nasceu. Eles fizeram o treinamento durante cinco anos juntos para a futura expedição.

Então o esperado dia chegou. Os dois, já equipados, entraram na nave que levaria eles para Marte. Mesmo com todos os treinamentos Adam estava inseguro, pois iria para um lugar jamais pisado pelo ser humano, mas isso ele relevou. Então, começou a contagem regressiva para o lançamento “5, 4, 3, 2, 1”, e o foguete saiu do chão fazendo uma forte fumaça.

440 dias se passaram, Adam e Scott chegaram em Marte, sentindo a força gravitacional um pouco parecida com a da Terra, a gravidade de lá é $3,721 \text{ m/s}^2$, já a da Terra é $9,807 \text{ m/s}^2$. Fazendo -89°C , ele decide fazer um experimento, descobrir se é possível acender fogo em Marte. Então ele riscou um palito de fósforo e... Aconteceu nada... tentou de novo e... Nada. Então decidiu usar a ciência para explicar aquele fato. Ele abriu seu *notebook* e anotou aquilo para mandar para a estação, ele digitou: “Não é possível acender fogo em Marte, pois o planeta não tem oxigênio suficiente na atmosfera capaz de acender fogo, sendo sua atmosfera composta de dióxido de carbono (95%), nitrogênio (2,8%), argônio (2%), oxigênio (0,1%)”. Quando clicou em *enter*, apareceu a seguinte mensagem:

“Sem sinal”. Adam saiu correndo em busca de sinal, subia em morros desesperado, quando percebeu que tinha um buraco, como se fosse a porta de um *bunker*. Então, ele entrou nesse suspeito lugar, até que ele percebeu uma pressão que o puxou para baixo rapidamente, logo, Adam percebeu que estava em um tubo de pressão sendo sugado para baixo da superfície.

Ele chegou numa estação no subsolo de Marte e ficou assustado, portanto, correu até uma sala em que tinha vários trajes espaciais futuristas e cilindros de oxigênio, então Adam vestiu os equipamentos, até alguém aparecer e oferecer um pouco de feijão, ele se assustou e deu um grito, pois achava que não tinha vida em “Marte”, o ser desconhecido se assustou também e foi embora.

Adam saiu daquela sala e se deparou com um monte de gente, estufas artificiais e muita tecnologia avançada. Ele chegou em alguém aleatório e perguntou:

- Em que ano estamos?

- 2568.

- Onde estamos?

- No Norte da Califórnia, como você não sabia disso?

- Não acredito! Então, por que a superfície está daquele jeito?

- Meu pai disse que nossos antepassados não cuidaram do meio ambiente e assim apenas sendo possível sobreviver debaixo da terra.

Ele fica chocado com aquela situação ao pensar que fez uma viagem no tempo! Até perceber que esqueceu Scott na superfície! Adam sai correndo desesperadamente em busca da saída, mas não encontra. Então, o segurança o para e vê que tem um pelo de cachorro em sua roupa. O segurança fala:

“A espécie canis lupus familiaris já foi extinta há muito tempo atrás!”

A polícia ao perceber que havia um impostor entre eles, puseram Adam na sala de ejeção. Segundos antes dele ser ejetado da estação, viu que na camisa do policial tinha um crachá que estava escrito: Charles Jack, Força Militar da estação de São Francisco. Ele pensou que deveria ser um parente dele ou simplesmente ter o mesmo sobrenome.

Logo começou a contagem regressiva, Adam já sem esperanças apenas esperou a contagem acabar, estava triste por não conseguir completar a missão levando essa informação para a Terra presente, provavelmente iria ser a sua

salvação, e que iria morrer sem dar o último tchau para sua família e para o seu fiel cachorro que está esperando ele voltar até agora, mas infelizmente não vai. A contagem acabou e Adam saiu voando nesse vasto espaço, e a sua última visão foi da triste imagem da futura Terra.

Ajude a Terra! Ela precisa!

Aquela semana mudou tudo

Me chamo Rory, sou uma atual bióloga, apaixonada pela natureza. Mas nem sempre foi assim! Irei contar a história de uma grande aventura que mudou totalmente os meus pensamentos.

Essa história se passa na época em que eu tinha 12 anos. Nas férias de janeiro, de 2009, meus pais me informaram que teriam uma viagem de negócios importante e que me colocariam em um acampamento. Naquele momento, eu não entendi por que eles me deixariam lá, mesmo sabendo que eu não gostaria! Eu só desejava um feriado legal, na minha cidade, com minhas amigas. Eles falaram que o acampamento duraria uma semana e que seria muito bom pra mim um pouco de contato com a natureza. Arrumei minhas coisas, me despedi deles e entrei na van que eles tinham alugado.

No caminho, eu percebi que não seria tão ruim. Eu poderia encontrar cenários novos para tirar fotos com a minha câmera, que é uma das coisas que mais gosto de fazer! Quando chegamos lá, os funcionários entregaram um cronograma das atividades e um mapa, pois disseram que seria mais seguro. Logo em seguida, deixei minhas coisas na minha cabana e comecei a tirar fotos do local.

Até esse momento, eu tinha certeza de que não me perderia, mas fui me distraíndo com as fotos e quando eu percebi, estava no meio da floresta completamente perdida. Nessa hora, a única coisa que se passava na minha cabeça, era que eu tinha que ter levado o mapa comigo! Nunca me senti tão arrependida. Eu passei um bom tempo tentando achar o caminho de volta e gritando por ajuda, mas nada adiantava. Até que eu caí em algum lugar e fui parar em um local completamente diferente! Eu fiquei muito confusa sem entender nada do que estava acontecendo. De repente, eu encontrei um menino chamado Vitor, eu contei para ele tudo que aconteceu e depois dele fazer muitas perguntas, ele me explicou sobre os portais dos biomas. Ele me contou que em cada bioma do Brasil tem um portal mágico que teletransporta qualquer pessoa para outro bioma. O portal da Mata Atlântica move a pessoa ao Cerrado, o do Cerrado chega na Amazônia, o da Amazônia leva a Caatinga, o da Caatinga ao Pampa, o Pampa ao Pantanal e o portal que fica no Pantanal, na Mata Atlântica. Cada portal demoraria aproximadamente um dia para ser encontrado.

Meu acampamento ficava na Mata Atlântica e nós estávamos no Cerrado. Lá, existiam gramíneas, arbustos, árvores de pequeno porte, antas, lontras, tamanduá-bandeira, onça pintada, entre outros. Após um dia inteiro de busca, encontramos o portal que nos levaria à Amazônia e entramos nele. Nesse bioma, o solo era pobre em nutrientes, clima quente e úmido, encontramos uma capivara, bicho-preguiça, um boto-cor-de-rosa, entre outros. Da Amazônia, fomos parar na Caatinga. Onde o solo era rico em minerais, pobre em matéria prima, o clima era semiárido e vimos uma asa-branca, gambá, tatu-peba, cascavel, entre outros. De lá, fomos para o Pampa, sua vegetação era composta por plantas herbáceas, arbustos e árvores de pequeno porte, como o capim-forquilha, o trevo-nativo e o algarrobo. Alguns dos animais que habitam os pampas são: tiê-sangue, anum-preto, jacu, saíra, macuco, corruíra-do-campo, papa-mosca-do-campo, jararaca-do-banhado, caboclinho-de-barriga-verde, quero-quero, joão-de-barro, sabiá-do-campo, jacutinga, pica-pau do campo, beija-flor-de-barba-azul, cobra-cipó, perdigão, onça-pintada, entre outros. Nós finalmente chegamos no último bioma, o Pantanal. Era composto por diversas espécies de peixes, mamíferos, répteis e aves. O bioma possui muitas espécies de borboletas, aves, mamíferos, peixes e répteis.

Depois de muita aventura, eu voltei pro acampamento com o mapa que o Vitor me deu, eu agradei muito a ele pela ajuda. Como lembrança eu tinha a minha memória e as fotos que eu tirei em cada bioma. Essas férias determinaram a minha atual profissão! E hoje em dia, trabalho com o que eu gosto.

A viagem à fossa das Marianas

1º DIA

Eu sou Pedro, um explorador, biólogo e pesquisador marinho. Hoje vou contar sobre uma expedição que fiz ao fundo do mar, ou para ser mais exato, na Fossa das Marianas, o lugar mais profundo da Terra, juntamente com minha equipe de exploração. Foi uma viagem muito longa até lá, saímos do Brasil e fizemos um voo direto para o Japão, onde ficamos três dias em Tokyo, depois fomos para a cidade de Numazu Shi Hakko. Então, arrumamos nossos equipamentos, pegamos o nosso barco e chegamos à Fossa da Marianas.

2º DIA

Estamos no segundo dia navegando e agora estou bem acima dela. Fomos montar os equipamentos do submarino, levou um tempão mas terminamos, estamos realmente prontos para começar, até que se iniciou uma tempestade com ondas altíssimas e uma chuva forte que não parava. Esse dia foi arruinado pela tempestade, mas tudo bem, quando uma porta se fecha, volte no dia seguinte.

3º DIA

Tudo certo, estávamos prontos para partir até o fundo da Fossa das Marianas. Nos preparamos e descemos, foram 7 horas de descida até lá no fundo e chegamos nos primeiros mil metros, onde encontrei uma baleia cachalote acompanhada de seu filhote, foi muito bonito. Chegando nos mil e seiscentos metros tudo começa a escurecer e aqui vive o peixe abissal, ele é uma mistura de uma piranha com uma lanterna, tem uma antena com uma bola luminosa na ponta que serve para atrair predadores, é assustador, ainda bem que eu não o encontrei descendo. Bom estou aproximadamente há três mil e quinhentos metros abaixo d'água, está um breu, não consigo ver nada, mas eu acho incrível como os seres que vivem aqui se adaptaram tão bem, eles desenvolveram uma coisa chamada bioluminescência, isto é, o que os ajudam a enxergar, a atrair presas e afastar predadores. Nos três mil e seiscentos metros, nós encontramos o polvo-dumbo, uma espécie de polvo que tem duas barbatanas membranares que se localizam na sua cabeça. O formato faz lembrar as orelhas do elefante Dumbo, um personagem da Disney, daí o nome. Vamos dar um salto bem grande para os seis mil e quinhentos metros de profundidade onde o

submarino japonês Shinkai foi. Agora vamos dar o último salto na Challenger Deep, a mais de dez mil metros, e lá no fundo é cheio de areia com pedras. Também encontrei alguns animais como Peixe-dragão das Profundezas, Peixe Olho-de-barril, Benthocodon, entre outros. Recolhi amostra de sedimentos, rochas e microrganismos para pesquisa.

Foi incrível ver tão de perto um ecossistema que só conhecia por imagens, uma aventura que ficará marcada em nossas vidas para sempre!

DIÁRIO DE BORDO: 1º DIA

Eh... oi gente, meu nome é Josh, e estou no meu submarino junto com meu fiel amigo Noah, vem se apresentar para o pessoal!

- Oi galera, estamos partindo neste momento para a zona mais profunda do mundo, um lugar cheio de animais jamais vistos, ou lugar onde.... EI, ME ATRAPALHOU NA MELHOR PARTE!

- Desculpe, é porque já estamos a 8km de distância da superfície.

- Sério!? Cara que maneiro! Não acredito que estamos chegando... Meu irmão que emoção!!! Sabia que anos de estudo iam valer a pena.

“Base para 01, vocês estão a 2000 metros agora, preparar para o controle do nosso mais novo submarino, EL DIABLO DEL MAR!”

- Entendido! Câmbio desligo.

- Eles não podiam colocar um nome melhor nisso, quer saber, vou chamar ele de Yellow Submarine.

- Esse nome é bem *cringe* cara.

- Virou bilíngue do nada é?

- Deixa quieto.

- Estranho, a central ainda não nos passou o controle. Vou tentar me comunicar: 01 para base, estamos sem controle do submarino.

“0..... vocês prec.... 01.....”

- Josh, estamos sem contato com a base.

- Mas liberaram o submarino, segure-se, agora estamos a 10 km de distância da superfície. Pode ativar o robô.

- Ok!

- Robô fora do submarino!

- Certo, agora vamos estudar um pouco mais este lugar.

- Beleza!

- Cara tudo aqui é feio, que nem você Josh, hahahaha.

- Haha, muito engraçado, Noah, ligue nosso aquecedor, ou você quer morrer congelado? tenho que....

“Aqui é base para 01, estamos com problema na comunicação, e no submarino também, o correto era vocês ficarem ai por 2 dias, mas no programa deu algo de errado, estamos sem o controle do submarino.”

- Isso quer dizer que...
- É, é isso mesmo Noah, código 7.
- Preparar para economia de energia!

“Meninos isso vai ser complicado, mas vocês vão sair daí, aqui é Bia, de base para 01, desligo...”

- E agora Josh, o que vamos fazer?
- Noah, controle a alimentação e a hidratação, 1 barra de cereal por dia e 1 garrafa de água, entendido?
- Mas eu estou contando aqui e só temos alimento para 1 semana.

2º dia:

- 01 para base... 01 para base respondam! Bia res...
- Não adianta Noah, você nem dormiu direito cara, vai ler um livro sei lá, só quero que você fique bem, e me prometa uma coisa, que quando nós sairmos deste lugar, você vai no chá do meu filho, ele vai nascer daqui 2 mês, e eu não vejo a hora de ver minha esposa.

- Beleza Josh, eu prometo, mas acha melhor eu dormir ou cuidar de nosso espaço? Tem várias criaturas aqui, não sabemos o que esperar deste local, já assistiu aquele filme do carinha careca, o Megatubarão, ele apareceu do nada e ainda matou muita gente, e na vida real, eu não quero que isso aconteça com a gente.

- Tanto medo que tens guardado para uma coisa que não existe Noah, o máximo que pode acontecer com você, na verdade com nós, e ser atacado por uma lula gigante, 14 metros de um animal que pode amassar esse submarino como se fosse... como se fosse, ah não sei dizer, mas você iria morrer se encontrasse uma assim.

- Sim mas, se você quer mesmo falar de animais perigosos, temos um grande predador desse seu lula molusco, a baleia cachalote fica entre 16 e 20 metros, e na maioria das vezes, ela prefere comer lulas no jantar, então eu ficaria com mais medo delas do que esse animal com tentáculos

- Mais um ponto importante que você esqueceu foi que esses animais tem meio que uma comunicação, elas conseguem ler o tamanho do predador ou do animal que

está a sua frente, assim, ela meio que sabe o que é perigo, e esse submarino seria um robalo para ela, então fique tranquilo.

- Tá, vamos ficar muito tempo falando sobre esses animais incríveis Josh, vamos dormir agora.

- Ok.

3º dia:

- EU NÃO AGUENTO MAIS FICAR AQUI! PARA MIM CHEGA!

- Calma, aposto que...

“Oi oi meninos, estamos de volta com uma boa e má notícia, a boa e que um de vocês vai sair deste lugar, e a má é que... desculpe, mas a empresa não quer que isso se torne um assunto nacional entendem? que fique em sigilo.”

- QUÊ? mas como vamos decidir isso? ME RESPONDE!

Uma viagem ambiental

Eu me lembro bem desse dia, era uma quinta-feira ensolarada e eu estava com bastante sono, após subir as escadas e entrar na sala do 7º ano, vi a professora Mariana (a chamávamos de Mari). Ela estava aparentemente bem alegre e entusiasmada, sentei na minha cadeira e ela estava mexendo no computador, então achei que não teria problema ir rapidinho para a mesa do Furley conversar um pouco com ele. Isso definitivamente não foi uma boa ideia. A Mari chamou nossa atenção. Depois disso, todos entenderam que era pra sentar e ouvir o que ela queria falar, achei que iria ser uma aula comum, mas eu estava bem enganado.

Quebrando todas as minhas expectativas ela disse:

“Combinamos com a escola de viajar para a floresta Amazônia, e vamos passar uma semana lá!”

Não tenho palavras para descrever o que aconteceu na sala nesse momento, eu vi o rosto de cada um tão empolgado, e claro, com razão.

Uma semana depois, estavam todos no aeroporto conversando e esperando o embarque, a hora chegou e todos estavam entrando no avião, eu me sentei em uma das poltronas, olhei pela janela e ouvi o copiloto falando no alto-falante que o avião estava decolando. No avião eu não me lembro de nada, pois era muito tarde e dormi muito rápido.

O avião pousou, todos levantaram e saíram do avião. Do aeroporto fomos direto para o hotel, como já era noite não fizemos nada. Porém, no segundo dia, fizemos uma trilha na própria floresta amazônica e aquilo era muito bonito, tudo bem verde. Estava muito quente e isso foi um dos maiores problemas, pois todos ficaram cansados rapidamente. Nós tivemos sorte, pois sabíamos que estava bastante calor e levamos muita água e comida. Depois de alguns minutos andando pela trilha e admirando a beleza da floresta, olhei para baixo e percebi que tinha uma cobra ali e não era uma simples cobra, mas sim uma Sucuri, uma cobra de 9 metros, Mari nos instruiu a ficar quietos e por incrível que pareça deu certo, a cobra foi embora.

Havia uma parte da trilha que passava pelo Rio Amazonas e estávamos perto daquela parte da trilha, para mim era a parte mais legal, pois sempre ouvi falar nesse rio, porém nunca realmente tinha visto de perto. Eu já imaginava que era grande, mas nunca imaginaria que era tão grande assim, parecia um mar e mal dava para ver o outro lado, além disso, nós tínhamos que atravessar remando, com certeza não ia ser

fácil, então fomos nos revezando e cada um remava por um determinado tempo, logo foi bem tranquilo. Era realmente bem bonito e o que mais me chamou atenção foi a planta vitória-régia, que bóia sobre o rio e é incrivelmente bela.

Chegamos ao fim da trilha e fomos para o hotel descansar, após essa longa e divertida viagem.

Uma experiência inesperada

Eu era filho de um pescador famoso na minha região. Minha cidade era muito pequena, com um pouco mais de 4.500 habitantes, por isso todos me conheciam. Meu pai era dono da maior e melhor peixaria da cidade, lá ele vendia de tudo, Sardinha, Atum, Salmão, Tilápia, Bacalhau, dentre vários outros peixes deliciosos! Eu o ajudava com as coisas da loja, o trabalho lá era meio pesado, sempre tinha muitos clientes e era eu que atendia, eu que limpava e que preparava os pedidos. Eu sempre ficava com a parte mais difícil, enquanto ele ficava só com a parte da pesca, sendo que a maior parte do tempo ele estava deitado na rede dele tirando um cochilo. Toda vez que eu tentava falar com ele sobre esse assunto, ele falava que ele era mais velho, que eu já tinha idade, tinha mais energia e outras desculpas que ele criou.

Ah! Esqueci de me apresentar, meu nome é Luke e eu tinha 14 anos, quando eu morri, sim, eu morri. Calma, eu vou contar história! Bom, como eu havia dito eu ficava sempre com a maior parte do trabalho e eu já estava cansado disso, até o dia que resolvi ir ao centro da cidade, no final da tarde, depois do serviço, onde tinha internet. Quando cheguei lá, peguei o último computador e abri um post que mostrava fotos da tal Zona Abissal, achei aquelas fotos muito “iradas”, animais muito diferentes, plantas diversas. Então eu comecei a ler sobre isso e era tão interessante. Isso me encantou de uma forma que parecia que eu esquecia dos problemas e de repente eu queria muito ver tudo isso de pertinho, poder ficar cara a cara com cada um desses animais.

Certo dia que a peixaria estava fechada e meu pai estava dormindo/ tirando uma soneca, resolvi ir pescar, fazia muito tempo que não pescava, por conta do trabalho na peixaria. Preparei minhas coisas, peguei o barco e fui. O dia até que estava tranquilo, um vento fresquinho batendo no rosto, um pôr do sol maravilhoso! De repente começou a anoitecer e o vento ficou forte, o mar começou a agitar e foi empurrando o meu barco para longe de casa, comecei a ficar desesperado, gritei pedindo ajuda, mas já estava longe. Uma grande nuvem cinza apareceu em cima de mim e iniciou uma chuva muito forte. Tentei remar, mas obviamente não deu certo, pois a chuva era muito mais forte que eu.

Quando eu achava que não podia mais piorar, começou a trovejar e relampejar, fiquei mais desesperado ainda, a cada onda que passava, minha alma

subia e voltava. Logo me deparei com a maior onda que tinha visto, passou por cima do meu barco e infelizmente me afogou.

Quando a onda passou por cima de mim, eu já não me sentia mais no meu corpo, literalmente vi corpo afundando na água, isso foi bem estranho, mas fui descendo, descendo, descendo...

O General misterioso

Oi, me chamo Camille Durand e hoje vou contar algo que aconteceu há muito tempo aqui, na ilha de Elba.

Lembro-me como se fosse ontem, do dia em que minhas amigas disseram que tinham visto um grupo de soldados franceses. Na época, ninguém sabia o motivo de estarem na ilha e muito menos quem eram eles.

Já havia se passado um mês após a chegada dos franceses e no meio de uma noite fria de inverno, eu resolvi ir à praia para caminhar.

Caminhei por alguns minutos, a praia estava deserta, ou pelo menos era o que eu achava. Bem ao longe avistei um homem sentado na areia da praia escrevendo uma espécie de carta, fui me aproximando aos poucos até que passei por ele e ele me perguntou:

- Moça, com licença, você poderia me dizer que dia é hoje?

Eu me virei em sua direção para olhá-lo de perto, quando o vi meu coração disparou.

- Ah... sim, claro! Hoje é dia vinte e seis de março - falei gaguejando.

- Obrigado! - Disse ele rapidamente.

Naquele momento, algo dentro de mim quis continuar a conversa com ele:

- Me chamo Camille, Camille Durand! - Falei meio que já sorrindo.

Ele fez “uma cara de OK, mas eu não perguntei nada” que fez com que eu ficasse arrependida de ter aberto minha boca. Ele deve ter percebido, porque deu um sorriso e disse:

- Leo Bernard!

Senti-me extremamente aliviada naquele momento, e, a partir daí, conversamos a noite inteira. Descobri que nós tínhamos muitas coisas em comum, como gostar de escrever e de ler poemas. Houve trocas de olhares e sorrisos bobos no meio da conversa.

Ele me disse que tinha sido mandado para a nossa ilha para escoltar um general francês, general esse que não podia ter a sua identidade revelada, o que me deixava cada vez mais curiosa. Dúvidas como: “Quem é esse tal general?”, “Será que ele é perigoso?”, “Por que vieram para cá?”.

Sempre que eu perguntava para o Leo sobre esse tal general misterioso, ele mudava de assunto e isso me deixava furiosa.

Vários meses depois, eu tinha me apaixonado por Leo e ele por mim, juramos o nosso amor várias e várias vezes. Durante todo esse tempo, ele e seus amigos estavam organizando uma fuga de volta para a França e, até o momento, eu não sabia porque eles vieram para Elba, sinceramente isso estava me matando.

O tempo passava e então tinha chegado o momento de sua partida.

Antes de partir, Leo me contou a história de como tinha vindo parar em Elba e me contou o que homem que ele tanto protegeu se chamava Napoleão Bonaparte, o último imperador da França. Depois de contar tudo, me prometeu que um dia voltaria para me buscar e disse que nós teríamos uma ótima vida na França.

Esperei por ele por muitos e muitos anos, mas depois de tudo que vivemos, ele nunca havia me enviado uma carta sequer.

Ainda me pergunto todos os dias: “O que aconteceu com ele?”. E um pensamento ecoou em minha cabeça durante esse tempo: “Será que o verei novamente?”.

Bom, mas isso é uma coisa que só o tempo vai me dizer!

Ideias contidas em um amuleto

Olá, sou Caliel, um dia minha mãe me pediu que eu limpasse o sótão da casa. Enquanto limpava, encontrei um baú velho e empoeirado, ele não tinha tranca então consegui abrir. Não havia muitas coisas lá dentro, só alguns papéis velhos e um amuleto em que estava escrito na frente: “Volte e reviva”. Ao dizer essas palavras, uma luz forte apareceu e ouvi uma voz que disse: “Agora escolha uma época para reviver”.

Como estava estudando revolução Francesa, escolhi a “Era Napoleônica”. A voz também disse que aquilo era como um jogo, que eu iria vivenciar, a época que escolhi e também poderia interagir, mas se em algum evento eu morresse, ou algo acontecesse, era como *game over* e eu voltaria para o mundo real, e a outra forma de voltar era completando a época.

Tudo começou com o golpe 18 de Brumário, assim, o governo de Napoleão também. Eu estava um pouco inseguro com relação ao jogo no início, afinal não é todo dia que você pode voltar no passado e reviver a história do Grande Napoleão. Quando o jogo teve início, eu era um camponês, enquanto eu caminhava pelos campos ouvi sobre um grande homem, era Napoleão e que ele estava pensando em um projeto para ajudar a burguesia. Então fui a sua procura, quando o encontrei, ele foi super gentil comigo, toquei no assunto do projeto e eu dei a seguinte ideia:

- Que tal se o senhor, General, restaurasse a economia dos burgueses, isso nos ajudaria e lhe ajudaria a ganhar apoio político e fama.

- Uma boa ideia para um simples camponês. Se é somente isso que o senhor veio sugerir, pensarei no seu caso. Por agora, se retire por favor.

Com essa ótima ação, ele conseguiu se tornar cônsul vitalício, depois de convocar o plebiscito, que para minha surpresa, eu havia sido chamado. Ele sem dúvidas era uma pessoa que não perdia tempo. Dois anos depois, se tornou imperador e para mostrar que ninguém estava acima dele, ele se auto coroou como imperador. Depois disso, eu queria mostrar minha sincera gratidão por tudo que o Napoleão estava fazendo, por ele ter me ajudado e por ter aceito minha humilde sugestão. Então me alistei para entrar na tripulação de Napoleão e ajudar nas guerras. Dois anos tentando entrar e treinando para que quando conseguisse não fosse mandado embora do navio. Então, um ano depois, finalmente consegui entrar para a tripulação.

Um tempo se passou e eu me acostumei com a tripulação, nunca me trataram mal (apesar de eu fazer parte da burguesia). Como já havia muitas pessoas na tripulação, não tinha nenhuma tarefa nova, então, por uma semana, atuei em todas as tarefas para ver qual que eu ocuparia. Para minha surpresa, me destaquei na cozinha, tanto que quando fui servir o jantar para os juízes eles me elogiaram muito por causa do cheiro e aparência da refeição, além disso eu tinha a tarefa de esfregar o navio, essa posteriormente foi retirada. Eu disse que podia fazer as duas, mas me pediram para deixar um ajudante na tarefa de esfregar o navio. Os primeiros dias com as tarefas foram cansativos, mas consegui não ser repreendido, desde que eu me lembro nunca tive problema em fazer amizades na tripulação, todo mundo se acostumou bem comigo, até o Grande Napoleão me dava algumas dicas, visto que ainda na semana de testes das tarefas eu disse a ele que havia treinado muito para guerras e batalhas futuras, ele ficou impressionado com o tanto que treinei e por ser tão bom na cozinha (pessoas muito fortes na época não eram boas na cozinha).

Um dia, Napoleão disse à tripulação que para acabar com os Ingleses iria implantar o Bloqueio Continental. Eu não disse nada, porque eles eram nossos inimigos. Depois de um tempo, fomos informados que Portugal tinha desobedecido o Bloqueio continental e como toda ação tem consequência, eles foram invadidos por nossa tripulação. Após algum tempo, a Rússia teve a péssima ideia de seguir o exemplo de Portugal, a consequência não foi diferente, mas algo inesperado aconteceu no meio do caminho, começamos a ficar sem suprimentos (ingredientes, comida, remédio e etc) e como saco vazio não pára em pé, na hora da luta contra a Rússia fomos totalmente aniquilados.

Com essa grande derrota, Napoleão perdeu a esperança, mas eu sempre tive esperança de que tudo ia ficar bem. No final, mesmo antes dessa grande derrota, nunca deixei de agradecer por tudo que tenho e sempre pedir para que tudo desse certo. Não acho que Deus vai deixar o Grande Napoleão na mão, mas infelizmente após a derrota, Paris foi invadida por uma coligação de três países inimigos. Mal eu sabia que aquela seria a última vez que eu lutaria para proteger o país que eu tanto amava. Alguns momentos antes de morrer, lembrei-me de uma vez que eu era criança, fiquei muito doente e tive que ir ao hospital, dois dias depois uma amiga minha, muito querida, foi me visitar. Ela parecia muito triste, mas tentou esconder isso ao máximo de mim, “por quê?” Eu não sei, mas quando saí do hospital fui visitá-la também, para agradecer e ver como ela estava, ela me disse que depois da visita

no hospital ela chorou a noite toda por eu estar naquele estado, foi aí que eu entendi o motivo de ela estar tão triste naquele dia. Eu disse a ela que não precisava ter chorado, eu já estava melhor, também disse que odeio ser o motivo dos meus amigos chorarem, ou ficarem tristes porque os amigos são as pessoas mais queridas para mim. Depois que eu disse isso, ela começou a chorar e disse:

- Não fale isso e os meus sentimentos por você como meu melhor amigo? Eles não importam?

Desde de criança eu falava coisas com um sentido, mas as pessoas sempre entendiam por outro, depois daquilo expliquei o que eu queria dizer, mas ela continuou chorando e disse:

- Esse é um problema que você tem desde que a gente era pequeno, você nunca se valorizava, sempre se culpava pelo que acontecia de ruim com os seus amigos. Você precisa parar com isso, eu só estou me preocupando com você porque você é meu amigo querido.

Como eu disse, não sei porque me lembrei disso, mas fiquei feliz por ninguém ter chorado ou sentido minha falta quando morri, isso seria o que me daria mais tristeza naquele momento, além do fato de nunca mais poder ver meus amigos da tripulação que se importavam tanto comigo, mas uns segundos antes de morrer só queria dizer mais uma coisa, então com toda força que eu tinha sobrando disse:

- Muito obrigado por tudo!

Um tempo depois, eu acordei no sótão, então fui perguntar para minha mãe sobre o amuleto e ela disse que era do meu avô. Desde aquele dia, sempre ando com o amuleto para em caso de curiosidade sempre ter mais e mais conhecimento a adquirir.

A Aventura

Olá, me chamo Emma Bernard, tenho 13 anos e vou contar para vocês uma história minha muito louca. Era uma sexta-feira, à meia noite, eu estava terminando um dever da minha matéria preferida, Ciências Sociais. Depois de um tempo, eu apaguei, quando acordei, estava numa casa muito antiga, então eu fui ao banheiro do cômodo e me vi no espelho. Quando olhei o meu reflexo no espelho, eu parecia uma pessoa com aparência de 20 anos, estava alta, aparência de mais velha e minha voz estava muito diferente da minha normal (obs.: eu surto muito fácil, quando fico com muito medo) por isso eu comecei a gritar, logo depois uma moça entrou no meu quarto

e falou:

- Amiga, você está bem? Eu ouvi você gritando!
 Eu sem entender nada, só entrei na onda.
 - Sim, estou bem, sim.

- Ah, que bom, fico aliviada! Mas afinal, por que você estava gritando? – Disse ela.

- E... eu estava tendo um pesadelo, só isso. – Eu falei. – Mas é... talvez essas perguntas que eu vou fazer serão estranhas.... Em que ano nós estamos? E também qual é o seu nome mesmo?

- Quê? Ok... Me chamo Marie Henriette, Marie Henriette de Xaintrilles, e estamos no ano de 1789.

- Ah tá, obrigada por me responder "amiga".

Então ela saiu do quarto e eu fui colocar uma roupa matinal para sair daquele lugar. Quando fiz isso tudo, pulei da janela do meu quarto e sai correndo, mas eu dei de cara com um guarda do Napoleão que me parou e disse:

- Aqui tem uma carta do imperador Napoleão que diz: "Não fiz a guerra como mulher, fiz a guerra como um bravo!". Por favor, volte ao seu quartel com essa carta e declare para as outras mulheres.

Eu fiquei parada por um tempo na frente do guarda, até me lembrar o que a minha professora me falou sobre essa carta, sobre as mulheres-soldados! Logo pensei que eu era uma delas, por isso peguei a carta e fui correndo até o quartel. Quando cheguei lá, eu gritei pelas meninas e falei o que tinha na carta, elas ficaram muito bravas, porque Napoleão falou que as mulheres não teriam direito a uma pensão de ex-combatente do exército, apenas os homens. Quando eu me atentei

para aquilo, fiquei muito brava também.

Então nós todas decidimos fazer um abaixo-assinado para termos nossos direitos cobrados. Depois de muito tempo discutindo sobre isso, eu comecei a ficar com muito sono, então falei para as meninas que eu ia me retirar, troquei de roupa e fui dormir. Até que no outro dia eu acordei no meu quarto e tudo voltou ao normal.

E foi assim que terminou a minha aventura muito louca no passado.

Catherine Bazelaire

Olá, me chamo Dominique Bazelaire e hoje irei lhe contar a história de minha ancestral Catherine.

Na época de 1799, em uma casa de campo, vivia uma simples camponesa que morava com seus pais na cidade de Colmar. Seus pais queriam mandá-la para uma escola de etiqueta a fim de obter modos e conseguir posteriormente um bom casamento.

Porém, Catherine nunca concordou com seus pais, nunca foi a favor de estudar nessa escola e mudar totalmente quem ela era. Catherine era uma moça simples, que gostava da natureza, às vezes saía de casa e ia ao campo cheio de flores para desenhar ou pensar. Tinha o sonho de ocupar um papel importante na Revolução Francesa.

Numa noite, ela ouviu seus pais discutirem sobre o destino dela, fazendo planos sobre o que fariam depois que ela saísse de casa. Catherine não se aguentou, desceu as escadas e falou:

- Pai, mãe, o que estão fazendo?

- Catherine, por que ainda está acordada? - Respondeu sua mãe- Amanhã você vai para sua nova escola.

- Eu não preciso disso. - Retrucou Catherine.

- Catherine, não vamos ter essa conversa de novo! Já está decidido.- Disse seu pai.

- Mas isso não é o que eu quero!

- JÁ ESTÁ DECIDIDO! - Gritou o pai.

Catherine com seus olhos cheios de lágrimas, correu para seu quarto batendo a porta fortemente. Naquela noite, ela decidiu que fugiria de casa durante a madrugada.

Quando era meia noite e meia, ela levantou de sua cama, calçou uma bota, um vestido, amarrou o cabelo em um coque, pegou suas malas e desceu. No dia anterior, de manhã, Catherine havia guardado um dinheiro que seu tio havia deixado de herança para ela. Quando se lembrou disso, Catherine pegou

o dinheiro, escondeu em seu vestido, abriu a porta e saiu correndo sem olhar para trás. Ela foi para um campo e passou a noite ali.

Ao amanhecer, Catherine pegou várias carroças que seguiam em direção à Paris. Ao chegar lá, encontrou uma pensão e se alojou. Passou a noite pensando em como conseguiria se manter sozinha.

No dia seguinte, saiu à procura de emprego como costureira, garçonne, entre outros. Conseguiu um emprego de garçonne na própria pensão onde estava hospedada. Por lá ficou cinco anos e aprendeu muitas coisas com os diversos hóspedes.

No ano de 1804, época da coroação de Napoleão Bonaparte, Catherine completara 24 anos. Estava mantendo um relacionamento amoroso com um dos soldados de Napoleão, meu ancestral.

Ao se descobrir grávida e contar ao namorado, Catherine foi abandonada. Nove meses depois, a criança nasce e é deixada em um convento. Napoleão, na época, ouviu falar de Catherine e quis conhecê-la. Ela foi uma amante secreta de Napoleão, esse romance apesar de desconhecido, até então, durou por 5 meses, mas com a descoberta, Catherine fugiu e ficou escondida para que não fosse achada.

No início de 1805, Catherine se alista no exército e vai para a Guerra da França contra a Inglaterra, a Batalha de Trafalgar, onde a França perde. Com isso, em 1806, Napoleão decreta o bloqueio continental. Catherine é enviada para a Inglaterra como espiã, conseguiu ficar lá por volta de 3 meses, porém, foi descoberta e presa pela Inglaterra. Foi julgada e em 1808 condenada à morte.

Depois disso, o meu ancestral encontrou sua filha e assumiu a criança. Catherine foi conhecida por ser uma das amantes de Napoleão, por ter lutado na Batalha de Trafalgar e ter sido uma espiã de Napoleão na Inglaterra.

O desastre do amor

Olá, meu nome é Lua, sou uma arqueóloga muito famosa do século XXII. Hoje estava explorando uma parte do Coliseu nunca antes explorada e achei um diário, nele li vários trechos que diziam:

“Olá meu querido diário, meu nome é Amélia e tenho 22 anos, sou uma camponesa e hoje estou indo ver uma batalha no Coliseu. Estou mais animada do que nunca, pois descobri que vamos ter um convidado especial, o grandioso Deus cupido estará na plateia hoje.”

“Meu querido diário, já cheguei no meu lar depois da visita ao Coliseu e foi bem estranho lá, estava prestando atenção na batalha naval e de repente veio em minha direção um clarão rosa. Logo depois uma sensação estranha dentro de mim, olhei para frente e vi o convidado especial, logo ocorreu uma troca de olhares na minha cabeça. Foi muito romântico, em câmera lenta, e pareceu que vi até corações saindo de perto dele. Voltei a prestar atenção na batalha, obviamente não deu para ver quem ganhou, pois hoje era o primeiro dia e as batalhas duravam dias. Já vou para cama, pois amanhã terão mais momentos de batalha.”

“Meu querido diário, acordei muito cedo hoje, o sol nem apareceu ainda, mas vou para o Coliseu ver a continuação da guerra de ontem, para minha surpresa o cupido estava lá novamente, mas parecia perdido procurando algo. A batalha estava bem chata, então comecei a fofocar com a menina que estava sentada ao meu lado, conversa vem conversa vai e ela me falou a seguinte frase:

- Você viu ontem que o cupido tropeçou e sem querer acertou uma flecha nele e em outra menina?

Na hora fiquei sem reação e suando frio só conseguindo me perguntar se a garota era eu, então falei para menina que estava passando mal e lentamente fui tentando entrar na sala onde o cupido estava, já que obviamente ele não sentaria na plateia normal junto da gente. Então passei perto dele, consegui entrar na sala e quando finalmente iria conseguir falar com ele, fui barrado pelos seguranças, mas nós conseguimos trocar contato visual e ele falou para os seguranças deixarem eu entrar e foi “amor pela primeira vista”. Entrei no local onde ele estava e ele mandou me sentar do lado dele, eu obedeci, já que ele era um Deus, começamos a conversar e ele era bem legal, tínhamos muita coisa em comum, já era bem tarde,

então resolvi ir embora, já que estava bem cansada, ele falou para eu voltar para conversarmos mais no dia seguinte.”

“Meu querido diário, estou indo para o Coliseu para conversar com o cupido, pois hoje não estou nem com vontade de ver a guerra, eu estava apaixonada por ele e isso dava para ver nos meus olhos. Cheguei lá, e como ontem começamos a conversar estou sentindo um tremor na Terra, mas acho que deve ser algo da batalha, pois como não estou prestando atenção, deve ser algum canhão ou algo assim. De repente comecei a ouvir gritos, mas como estou em uma conversa entusiasmada com o cupido, então não vou ver o que é, mesmo achando bem estranho. Do nada uma base do Coliseu caiu do meu lado, eu e o cupido estamos correndo desesperados, uma parte me acertou, está doendo muito, então gritei o cupido. Ele está do meu lado e começou a voar comigo em seus colos, mas algo acertou as asas dele, assim ficou abalado. Estou gritando, vamos cair e vejo a boca dele vindo em minha direção, nos beijamos e gri...”

O quê? Como assim? Acabou? Por que ela não escreveu mais? Então logo pensei: “Será que eles morreram?” Rapidamente corri para uma sala no Coliseu com uma rasura começada com *cup*, chamei a minha equipe e começamos a cavar e assim me tornei a arqueóloga mais famosa de hoje em dia, achando o corpo do cupido e da sua amada.

Uma Época de Desastres com um Fim Inesperado

Olá, meu nome é Gabriel e hoje irei contar a história de como eu participei da Revolução Francesa.

Eu estava na França, era um burguês, vivia na parte pobre da França, o terceiro estado. Era uma época onde o Terceiro Estado tinha que pagar impostos muito altos para o Segundo e Primeiro Estado, nós do Terceiro passávamos fome por causa dos impostos, por isso protestamos contra a nobreza, para diminuir os impostos, mas o Clero, para acabar com os protestos, aumentou ainda mais os impostos.

Com isso vivi mais revoltas. Convocamos a Assembleia dos Estados Gerais, onde havia a participação do Terceiro Estado, mas o Primeiro e Segundo Estados se juntavam e sempre conseguiam o que queriam. O Terceiro estado também pedia para que em vez dos votos serem por Estado, fossem por deputados e também que o Terceiro estado tivesse o dobro do número de deputados do Primeiro e Segundo Estados somados.

Já que isso não aconteceu, o Terceiro Estado criou uma nova assembleia chamada Assembleia Nacional Constituinte, que tinha participação apenas do Terceiro Estado. Esse Estado pediu ao Clero para que diminuíssem os impostos, mas ele demorou muito para responder, porque iria diminuir a economia da nobreza, por isso o Terceiro Estado declarou o início de uma revolução, com a liderança dos girondinos e jacobinos.

Eu era um soldado que atacou a Bastilha, uma importante construção da França. Atacamos para mostrar que uma Revolução foi iniciada. Após a Queda da Bastilha, ocorreram várias lutas em que eu era o chefe.

Um tempo depois, percebi que os jacobinos estavam mais no controle da revolução, com isso, eles aproveitaram o seu poder e criaram uma guilhotina onde a nobreza era executada, eles também acreditavam na filosofia, mas aproveitaram desse poder e começaram uma era chamada Terror Jacobino, onde o Clero foi executado e várias outras pessoas também.

A França estava em uma era pior do que antes da revolução, havia mais gente morrendo de fome, por isso, os girondinos batalharam contra os jacobinos e venceram em uma árdua batalha.

Após a derrota dos jacobinos, o líder deles, chamado Robespierre, foi executado na guilhotina, na sua própria criação, junto de outros jacobinos, esse acontecimento que marcou o fim da era do Terror Jacobino.

Os girondinos entraram no poder e isso trouxe várias vantagens, como uma melhora na economia do país e a diminuição da desigualdade social na França, porém, depois de um tempo, descobri que outros países estavam se juntando para acabar com a revolução e fazer a França voltar a ser o que era antes da revolução.

Os girondinos e o resto da França se juntaram contra os países, o que deu início em uma guerra longa onde a França estava perdendo. Naquela época, eu estava todo machucado, porque participei dessa guerra. Os soldados inimigos da nossa querida França eram em um número muito maior do que o esperado, por isso estávamos em desvantagem, mais da metade dos meus amigos morreram nessa guerra, eles estavam com muito mais guerreiros do que nós, para acabar com isso, um girondino chamado Napoleão Bonaparte aplicou o famoso golpe do 18 de Brumário e isso declarou o fim da Revolução Francesa.

Além de uma figura paterna

Sr Watson, era como o chamavam, pra mim ele não era somente o meu pai, o cara era minha inspiração pra acordar cada dia e vê-lo suar para me manter feliz e vivo.

Mamãe tinha complicações na perna desde os 29 anos, eu tinha 5 anos quando ela descobriu esse tumor, ela vivia na cama, quase não conseguia andar sem as cadeiras de rodas. Na época, não podia mais ajudar meu pai na fazenda, ele manteve tudo por anos, fazia trabalho em dobro, o que eles faziam juntos ele fez sozinho, nos sustentou a sós na fazenda, seja com artesanatos, modelagem de argila, ou na criação de codornas e galinhas. Porém essa renda não durou para sempre, com a chegada de uma nova forma de criação de produtos, a industrialização se iniciou e a maioria dos nossos ganhos eram trocados por produtos feitos nas fábricas da cidade.

Passaram alguns anos desde essas complicações nesse rumo, papai dizia que logo isso mudaria, pois não daria certo e poderíamos voltar com os lucros. Na verdade, ele só não queria ter que se mudar para a cidade, trabalhar nas fábricas e perder metade dos dias trabalhando sujo e suado, perto de fogaréus quentes, ele não se via naquela situação que muitos passavam.

Eu estava com 9 anos, numa noite de chuva eu escuto alguém chorando no quarto ao lado, era meu pai, eu sabia que era ele, mas não sabia o porquê dele estar chorando, resolvi não sair do quarto, fiquei com medo pensando que ele estava em perigo, tentei voltar a dormir mas não consegui, percebi que ele ia parando de chorar e ouvi ele saindo pela porta de entrada, mais uma hora até o amanhecer e eu descobriria o que aconteceu. O dia amanheceu e eu saí do meu quarto, ninguém em casa, nem meu pai, nem minha mãe, fui para cozinha e peguei uma fruta para comer enquanto pensava no que poderia ter acontecido. Um tempo se passou e vi meu pai chegando na carroça, achei estranho e perguntei o que havia acontecido, ele disse:

- Desculpa filho, você ainda é muito novo pra entender, um dia você ligará os pontos. - Eu não entendia muito bem, porém continuei escutando - alguns médicos levaram a mamãe, cuidarão dela e talvez ela nunca volte.

Naquele momento, eu não sabia se eu ficava feliz pelo fato de minha mãe poder ficar bem, ou triste, pois minha mãe poderia nunca mais voltar.

Depois daquele dia, meu pai ficava mais quieto, não falava muito e parecia deprimido, de novo eu me perguntava o que acontecia, eu me lembro de achar que ele estava pensativo sobre mamãe, mas eu era novo demais para compreender.

Alguns dias depois, ele desistiu e vendeu nossa fazenda, com o dinheiro, alugamos um apartamento pequeno na cidade, um quarto com 2 camas, uma mini cozinha e a sala, aquilo foi o máximo que conseguimos com o dinheiro da fazenda, que era mais confortável, além disso, na cidade as ruas eram estreitas e sujas, havia lixo, ratos e as casas não tinham nem banheiro. Meu pai foi trabalhar numa fábrica, era exatamente o que ele falava, suja, quente e desconfortável, ele voltava para casa suado, com o rosto sujo de carvão e triste cada vez mais por ter perdido o que ele mais gostava de fazer. Papai me disse uma vez que a fazenda era cuidada pelos meus bisavós, foi passada para meus avós e depois para ele, o arrependimento era muito por de ter vendido e trocado de vida, porém era a única coisa que poderíamos ter feito.

Vivemos assim, eu e ele até meus 17 anos, nessa idade, eu comecei a trabalhar junto dele. Na revolução industrial muitas crianças trabalhavam nas fábricas, eu com 13 anos quase comecei a trabalhar com meu pai, porém ele não deixava, pois não queria que eu passasse pelo que ele passava. Como eu havia crescido, ele deixou eu iniciar os trabalhos na fábrica e percebi que realmente era horrível, com o tempo começamos a juntar nosso dinheiro.

Com meus 23 anos meu pai teve tuberculose, muitos trabalhadores tiveram, era uma doença transmissível, eu tive que me afastar dele, até receber alguma notícia dele. O tempo se passou e os médicos me contaram que ele foi contaminado e não resistiu, passou pela minha cabeça todos os momentos em que passamos juntos e como eu o admirava, então eu me lembrei de quando eu tinha 9 anos e ele me disse que mamãe havia sido levada por médicos, que ela poderia nunca mais voltar. Eu saquei tudo, eu não havia entendido por todos esses anos, pois não me lembrava disso, aquilo fez com que eu o admirasse ainda mais e provasse que queria me tornar como ele.

Um ano após sua morte, aos 24 anos, parei de trabalhar nas fábricas, eu tinha paranoias de que aconteceria o mesmo comigo, com o dinheiro que sobrou do salário dele e mais um pouco do que eu recebia, mais a venda do meu apartamento, consegui comprar uma pequena terra, perto da nossa antiga fazenda, meu planejamento seria

plantar árvores e vender madeira e lenha para as fábricas da cidade, assim conseguiria melhorar de vida.

Contando essa história se passaram alguns anos, um pouquinho só, estou fazendo 67 anos e as fábricas continuam comprando madeira comigo, se hoje me tornei quem sou, é por causa dele, Sr Watson, além de uma figura paterna.

As histórias do guarda Pierre Bunker

Hoje tudo começou lendo o jornal, meu turno era às quatro da manhã, mas algo chamou minha atenção: "Revolucionários estão ficando bravos, impacientes e a qualquer momento podem usar a violência". Era aquela notícia dos filósofos iluministas que queriam mudar o regime para uma República. Na prisão, fiquei falando com o prisioneiro Louise, ou conhecido como "Tanga Tanga", eu contei a notícia para ele:

- Sério que eles vão atacar?

- Sim Tanga, mas de todos os lugares tinha que ser aqui na Bastilha?

Tudo estava muito tranquilo, mas até que "BLAM", eu ouvi umas mosquetas atirando, alguém gritou:

- Estão atacando a prisão!!!

Deu para ouvir de dentro o que estava acontecendo: feridos chorando, os tiros de canhões, tudo... até coisas que eu não quisesse ouvir. E as vozes dos revolucionários estavam chegando cada vez mais perto, eles já estavam na porta. Eu fui pegar meu rifle, só que tropecei e a porta cedeu. Quando eles entraram, ficaram surpresos. Um deles falou:

- Guarda! Se você quiser sair com vida, responda minha pergunta!

- T-Tá Bom...

- Tem mais prisioneiros?

- Não, só temos esses dez, o Tanga Tanga, o Bardo Bob, o Ciboulette e outros!

Eu acho que eles ficaram surpresos, pois na prisão só estavam (incrivelmente) dez prisioneiros. Após isso, eu vi sair da multidão, atrás da porta, um homem de cartola, ele fez um discurso lindo, tão lindo que convenceu os guardas a se juntarem. Muitas batalhas foram travadas entre os revolucionários e o exército do rei, até que um dia conseguimos detê-lo e executá-lo.

Alguns meses depois, quando li o jornal: "Robespierre é executado pelos Girondinos", isso foi ruim, tudo voltou a ser como era antes, a desigualdade reina e o povo queima.

Um dia, tive um novo emprego como carteiro, passava pela cidade e via os traços dos Girondinos, ganhava meu salário e minha vida voltou ao normal. Só que após um tempo, eu li no jornal: "O golpe 18 de Brumário é aplicado, Napoleão vira conselheiro". O tempo voa como um carteiro e lá estava eu à tarde, quando escuto um

garoto vendedor de jornal gritando: “Extra! Extra! Napoleão vira imperador e declara guerra contra a Inglaterra!”

Ah não, lá vamos nós de novo!

Tremenda peste

Na antiga Europa, no século XIV, eu era um médico renomado, mas apareceu uma doença originada na Ásia, que se alastrou em uma cidade vizinha à minha. As principais evidências de que você tinha a doença no corpo eram: febre alta, calafrios, dor de cabeça intensa, dores generalizadas, falta de apetite, náuseas, vômitos, confusão mental, olhos avermelhados, calombos vermelhos pela pele. Esses eram os principais sintomas, todos os que contraíram morreram em menos de 24 horas, mortos e mais mortos no chão.

Eu estava desesperado, um simples médico no meio de uma família morta, a rua vazia com apenas corvos (médicos com aquelas máscaras em formatos de corvos), apenas tinha medo de tudo, ainda que eu fosse um deles e todos precisassem e confiassem em mim.

Não tinha planos para sair daquela situação, tinha que ajudar o máximo de pessoas que pudesse, os recursos eram precários, os medicamentos não surtiam efeito e não havia cura, além disso, a falta de saneamento básico e a falta de conhecimento sobre essa bactéria fez com que a doença fosse disseminada. A situação era pior do que eu imaginava. E mal sabíamos como prevenir.

Uns meses antes, havia recebido uma carta pelo correio solicitando minha aparição em um centro de tratamento de uma cidade, aparentemente um novo vírus tinha aparecido. Dentro da carta havia as características de um infectado pela peste bubônica, a principal forma de combater era isolar o infectado, em alguns casos havia algumas medicações para ajudar, mas era esforço à toa, pois a maioria morria do primeiro pro segundo dia. Uma pandemia!

Havia duas semanas que eu estava no combate da peste bubônica, a maioria da cidade já estava devastada, muitos e muitos mortos. A máscara já havia se tornado parte do corpo, minhas esperanças já tinham se esvaziado, pedi que fizessem uma busca do total de mortes até aquele momento, era cerca de 30% da população da Europa, aproximadamente.

Senti na pele quando a doença atingiu a minha família, corri para salvá-los, mas foi em vão, como combater uma pandemia em plena Idade Média? Com tantas dificuldades... Por fim, posso dizer que morri lutando para salvar uma população.

A triste vida de um soldado

Era uma vez um soldado muito feliz chamado Zeca, ele era da marinha da Inglaterra e sua família não tinha boas condições de vida. Quando ele estava lutando contra a França, recebeu uma horrível notícia: sua esposa havia falecido por uma doença. Zeca, depois de receber essa notícia, paralisou. No meio da batalha, ele tomou um tiro na perna e a perdeu, dois dias depois, ele se recuperou e a guerra acabou.

Dez anos se passaram e ele estava com 56 anos, sem uma perna e sem sua esposa, ele não tinha mais quase nada de comércio, pois a França entrou no Bloqueio Continental. Ele estava muito pobre quando encontrou Napoleão Bonaparte e deu uma facada nele por ter estragado a vida na Inglaterra.

Napoleão continuou vivo e com raiva de Zeca, então Napoleão decidiu enviar soldados para raptá-lo. Quando Zeca estava em casa cozinhando, ele foi raptado e levado a Napoleão como seu escravo. Ele pensava cada vez mais sobre como a vida dele ficou ruim depois que sua esposa faleceu, mas ele ainda continuava de pé, vivo, mesmo sendo um escravo.

Lá no castelo de Napoleão, ele conheceu uma escrava que parecia com sua esposa. E resolveu falar com ela, eles viraram ótimos amigos, faziam tudo juntos, até que Napoleão descobriu que eles estavam se encontrando e prendeu um em cada canto.

Eles estavam muito tristes, mas os dois bolaram um plano: algum dia combinaram de lavar os pratos e cozinhar, com o objetivo de se encontrarem na cozinha do castelo de Napoleão. Quando eles iam se encontrar, Napoleão descobriu e esperou eles se juntarem para ver o que eles iam fazer.

Eles não fizeram nada demais, mas isso fez Napoleão suspeitar ainda mais. Na janta de Napoleão, Zeca estava cozinhando e cortou seu próprio dedo. Ele gritava alto, mas ninguém aparecia, então “ela” chegou. Era sua esposa viva. Ele chorava muito de felicidade por ela estar viva. Depois ela contou que era uma prisioneira de Napoleão. Ela conseguiu fugir da cela dela, pois o cadeado estava quebrado, depois foi para a cozinha comer e eles se encontraram. Os três prisioneiros arrumaram um plano para fugirem do castelo.

No dia da fuga eles tinham terminado metade do plano, quando eles foram pegar o barco, ele estava furado, então tiveram que pegar outro. Alugar outra

embarcação acabou com todo o dinheiro que eles tinham, sem comida e dinheiro eles navegaram até fora da França, só comendo peixes que tinham no mar. Quando eles saíram do barco, sem dinheiro, encontraram uma sacola recheada de moedas no chão. Eles conseguiram sobreviver e arrumaram um trabalho. Pouco tempo depois deles conseguirem um emprego, eles foram detidos e tiveram que procurar outro emprego. Eles encontraram o emprego perfeito, eram escritores de livros.

Sete anos depois, estou aqui lendo essa história para vocês.

Em um mar de multidões na busca por respostas

O ano era de 1745. Era de se esperar que, no tempo atual, uma mulher da minha idade estivesse em casa, cuidando de seu marido e filhos ou talvez, no caso das consideradas “fora do padrão”, fazendo de tudo para conseguir isso. Mas aqui estou eu, correndo de volta para casa, torcendo que eu seja rápida o suficiente, para conseguir pegar o *maldito pedaço de papel* que precisava para confirmar que alugamos - que no caso, meu chefe alugou - aquela carruagem que nos levaria à capital da tão conhecida França.

Ao chegar com a confirmação, meu chefe sibila entre os dentes somente para eu ouvir:

- Da próxima vez corra mais depressa. Estava há alguns segundos de fazer algo estúpido.

- E quando que alguma das minhas ações impediu o senhor de fazer algo impertinente? - Respondi com um leve tom de ironia.

Ele me olhou incrédulo com a afirmação ao mesmo tempo em que continha uma risada.

- Aqui está sua carruagem, senhor. - Disse o homem que trabalhava ali.

- Agradecido. - Uma leve reverência de sua parte e então saímos.

Não é muito comum que estudiosos como meu chefe sejam tão novos e muito menos que tenham uma mulher como sua assistente, mas nós funcionamos sendo assim. Na maior parte do tempo, somos eu e ele em seu escritório observando, estudando e fazendo anotações, mas recentemente, meu chefe veio com sua nova ideia e teoria sobre nós humanos e como éramos antes da sociedade que conhecemos hoje. Agora eu e ele nos encontramos em um caminho direto em direção à Paris para descobrir exatamente isso.

Quando ele me fez aquela pergunta - sobre como éramos antes de tudo - a primeira coisa que disse, sem ao menos pensar, foi livre. Ele disse que, de fato, éramos livres, mas seria isso uma coisa boa ou ruim? E é por isso que estávamos naquela carruagem. Ele alegou que precisávamos descobrir como as pessoas agiam em lugares como o nosso destino e então estaríamos na metade do caminho para desvendar nosso novo enigma.

Chegamos em Paris já de noite. Meu chefe comentou que aquela era a hora perfeita para “se enturmar e observar”. Com isso, ele quis dizer, ir para algum lugar

repleto de pessoas e julgar o comportamento delas.

Como, obviamente, eu não ficaria de fora, ele teve a “brilhante ideia” de me fantasiar de homem - já que mulheres não eram permitidas no lugar que iríamos. E assim o fez. Ele mal conseguia olhar para mim sem rir, o que significava que não devia estar muito convincente, mas mesmo assim ele seguiu com o plano, pois, como já dizia ele, “Todos estarão bêbados demais para sequer notarem que isto é um bigode falso e eu necessito que anote cada mínimo detalhe do que vir hoje.”

O bar, se é que tinha condições de ser chamado assim, era nojento. Imundo. Não conseguia pensar em como alguém iria para aquele lugar por escolha própria. Meu chefe estava tentando se enturmar, mas ao que parecia, pessoas de fora não eram muito bem vindas. Eu, é claro, estava tomando nota de tudo.

Ao mesmo tempo em que bebiam, as pessoas ali apostavam, jogavam, brincavam e discutiam. Na maioria das vezes, esses fatores estavam relacionados a objetos, propriedades ou pessoas. Tenho certeza de que tinha uma dupla de irmãos brigando sobre quem ficaria com a mansão da família depois que “o velho finalmente batesse as botas”, como um deles disse.

Meu chefe já estava ficando realmente estressado. Ele tinha quase certeza de que bares serviam para desestressar, mas esse lugar é exatamente o oposto, o que mostrava que ele estava errado. E ele odiava estar errado.

O Sol estava quase nascendo quando decidimos deixar o local. Estávamos andando para a pousada até que, literalmente, do nada, um menino surge correndo e agarra a bolsa que continha os relatos de tudo o que observamos e muito, muito mais. Livros e outros materiais importantíssimos que no momento me pergunto: “Por que raios ele nos trouxe para aquele lugar?”

Antes que eu terminasse o raciocínio, meu chefe já estava seguindo o garoto correndo o mais rápido que podia, e eu, ainda pasma, tentei acompanhar os dois.

Percebendo que seria pego e que a bolsa nem valia tanto assim (para ele, no caso), o menino joga ela bem longe e foge na direção oposta. “Qual o problema dessa gente?”, pensei enquanto olhava o menino desaparecer no horizonte.

Meu chefe veio reclamando o resto do caminho inteiro e não foi um caminho curto, considerando o quanto que tivemos que desviar. Quando chegamos na pequena pousada, ele finalmente explodiu.

- O que há de errado com essas pessoas!? Por Deus!! - ele exclamou.
- O que acontece de tão ruim que até crianças são pessoas más e traiçoeiras!?

- Perguntou ainda indignado.
- Talvez elas queiram o que não têm...? - Sugeriu distraída.
- Então esse é o problema!? Querer o que os outros têm?
- Talvez, o problema seja ter alguma coisa própria. - Quando meu chefe se mostrou confuso, completei - Lembra do nosso enigma? E se, antes da sociedade ser formada, não existia nada privado, nada que nos tornasse ambicioso e presos a coisas materiais e talvez, por causa disso, não tínhamos esses problemas? Logo, éramos livres, como já sabíamos, e bons. Então, quando ela foi criada, todas as coisas ruins vieram à tona. - falei simples e depois me assustei com a minha própria reflexão. Quando tinha ficado tão boa?

- Espere... Isso não está tão errado. - Ponderou ele, e então, depois de um tempo:

- Meu Deus, você é um gênio!

Depois da minha descoberta, ficamos na capital por mais alguns outros dias. Era incrível a sensação de, finalmente, ser alguém maior do que era esperado de mim. Com tudo isso, consigo afirmar que foi assim que, saindo em um mar de multidões, achei a resposta para o mistério que tanto procurava...

Alcançando a Felicidade

Hoje é dia 14 de julho de 1789, ou, para ser precisa, o meu aniversário de 3 anos na Bastilha.

Já havia me esquecido que tinha se passado tanto tempo desde o meu infeliz confronto político com o rei, aquele que me prendeu aqui por ser considerada sua inimiga, quer dizer, a culpa não é minha se o povo estava infeliz com as crises e eu fui a escolhida para depor. Na maioria das vezes, não tenho tempo de me importar com o sofrimento que ele me proporcionou, mas naquela noite eu fiz uma promessa a mim mesma: “Não importa quanto tempo passe, eu sempre irei separar esse dia para sentir raiva daquele homem”.

Esta manhã foi tranquila, os guardas até me deixaram repetir o pão, uma coisa que acontece raramente, por conta da crise que estamos enfrentando. Mesmo com toda a “gentileza” dos funcionários do Rei Luís XVI, meu único pensamento é o mesmo que tenho todos os dias, *fugir*. Como não quero ser morta tentando sair daqui, vou dormir checando pela última vez o pequeno relógio que colocaram em minha parede, que indica que já são quatro da tarde.

Acordo atordoada com gritos e passos altos ao meu redor, volto a olhar para o relógio, mesmo não precisando dele para saber que são aproximadamente oito da noite, e quando percebo que a porta de minha cela está aberta, olho para os lados e não vejo nenhum sinal de guardas, então saio correndo, ou pelo menos tento correr, porque depois de tanto tempo aqui não tive um horário livre para praticar *jeu de paume*.

“Onde está todo mundo?” - Penso em voz alta, tropeçando na escada principal, eu não costumo ser desengonçada, mas meu pensamento principal sempre volta, *eu quero fugir*. E eu *vou fugir*.

Ao amanhecer, tenho um sentimento estranho, de que hoje seria um dia melhor... E aqui estou eu, há exatos vinte metros da liberdade. Para ser sincera, uma pequena parte de mim ainda se pergunta o que aconteceu com os outros 7 prisioneiros que moravam aqui? Esse não é um bom momento para pensar nos outros, tenho que pensar em como minha vida será a partir de agora.

Finalmente saio do estabelecimento, e, para a minha surpresa, encontro vários cidadãos, eu sabia que tinha algo suspeito na falta de guardas cercando a cela, mas agora me dou conta de que eles estão tentando impedir o povo de roubar a pólvora.

“Mas o que...” - Me interrompo. Dane-se, não me importo com esse “movimento revolucionário”. Depois que fui presa, o Rei Luís fez questão de, pessoalmente, me explicar os motivos pelos quais de eu não ser considerada uma cidadã francesa, então eu não ligo se o querido povo dele quer explodir alguma coisa, eu sou livre e, principalmente, sou livre dele. E como não preciso me preocupar, me dou a liberdade de sentar atrás de uma moita escondida e começar a pensar no meu futuro como foragida. “Como será que arranjarei comida?”, “Como será que sairei da França?”, “ Como vou me estabilizar em um outro país sem dinheiro algum?”. Depois de pensar, finalmente chego em uma resposta. Nada disso importa, porque serei feliz e felicidade é a certeza de que a nossa vida vale a pena.

Memórias de Napoleão um dia antes de sua morte

Hoje, dia 04 de Maio de 1821, eu, Napoleão Bonaparte, relato aqui, alguns trechos do que vivi e que retratam as memórias históricas durante o meu império.

Em 21 de novembro de 1806, decretei o Bloqueio Continental. Pensei muito, refleti, mas “quem teme ser vencido tem a certeza da derrota.” Então, percebi que a única forma de derrotar a Inglaterra era arruinando a sua economia, por isso à minha escolha, os países da Europa ficaram proibidos de comercializarem com os ingleses.

As guerras desgastaram o meu exército e além disso vários países da Europa não obedeceram meu decreto, como por exemplo, a Inglaterra em 1807. Isso muito me entristeceu, pois “cada hora de tempo perdida na mocidade é uma possibilidade a menos nos sucessos do futuro.” Todavia, sigo e seguirei sempre forte a lutar.

A Rússia, no verão de 1812, rompeu o bloqueio e assim eu tive que invadi-la. Nós, eu e minha tropa, avançamos sem resistência, mas no caminho encontramos casas, pastos e plantações destruídas, o que dificultou bastante a nossa sobrevivência.

Em setembro, nós conseguimos chegar até Moscou, só que encontramos a cidade toda incendiada, estávamos sem suprimentos, fomos castigados pelo frio e o exército russo estava na retaguarda, o que infelizmente causou a aniquilação das nossas forças.

Depois do fracasso da campanha na Rússia, eu perdi bastante apoio político dentro da França e para piorar a situação, em março de 1814, Paris foi invadida por um exército formado pela Áustria, Rússia e Prússia. Diante dessa situação, eu tive que me abdicar do trono e me exilar na Ilha de Elba, no Mar Mediterrâneo.

Com o meu exílio, o governo foi assumido por Luís XVIII, que fez com que a maioria da população considerasse esse ato como uma imposição dos países vencedores e um retrocesso em relação às conquistas obtidas durante a revolução.

Na ilha de Elba, eu sempre recebia várias notícias de insatisfações dos franceses, então em 1815 eu finalmente consegui fugir e retornar a Paris, onde fui recebido pela população e pelas tropas e retornei ao poder.

Porém, meu governo durou apenas cem dias. Em junho de 1815, a Rússia, Inglaterra, Áustria e Prússia uniram-se novamente e me derrotaram na Batalha de Waterloo, na Bélgica. Após isso, fui detido e encaminhado para a Ilha de Santa Helena, onde permaneço até hoje.

Não sei como seguirá a minha vida, mas fiz questão de registrar essa carta para que todo o povo possa conhecer e continuar contando as ocorrências surgidas no Império Napoleônico.

Quero que saibam que posso morrer hoje, ou amanhã, ou daqui há alguns anos, mas enquanto eu puder viver, lutarei para resgatar a segurança política e a estabilidade social e financeira que desapareceram durante a revolução francesa, pois “todo o homem luta com mais bravura pelos seus interesses do que pelos seus direitos”.

Sem mais, assim sigo crendo que “um líder é um vendedor de esperança.” Estou sentindo algo estranho, um vazio na barriga, uma sensação nunca vivida antes. Não quero pensar no meu fim, pois “a morte é um sono sem sonhos” e com a realização de muitos sonhos ainda preciso seguir.

Um soldado da Revolução Francesa

Meu nome é Rainier e sou um simples e pobre trabalhador na Revolução Francesa, mas que tem um grande sonho: mudar a França, para torná-la um país melhor (com uma melhor economia, qualidade de vida e que o absolutismo acabe, para que os mais pobres tenham alguma chance de viver.)

Certo dia, os pobres impacientes se rebelaram contra os nobres, o rei e a igreja católica, iniciando uma nova era: a Revolução Francesa.

Nessa revolução, famintos e indignados, nós tomamos a Bastilha (lugar de extrema importância para os nobres e o rei, símbolo do absolutismo) e saímos atrás do Rei, nobres e católicos para matá-los.

Criamos a república e surgiram dois grupos nessa revolução: jacobinos e girondinos, que dominaram a França. Primeiro, os jacobinos ficaram no poder e matavam as pessoas da alta classe e girondinos, mas dominados pelo poder, começaram a matar também os que se opuseram a eles. Eu, morrendo de medo de ser morto, acabei entrando no grupo, mas infelizmente para mim, logo depois, os girondinos entraram no poder e começaram a matar os jacobinos, igual ao que eles faziam quando estavam no poder.

Por sorte, há algum tempo já estava me preparando para fugir do país por causa da revolução, e como era um Jacobino, era óbvio que os girondinos não iriam me poupar. Então resolvi navegar até achar um lugar em que eu pudesse viver em paz para o resto da vida.

Depois de um longo tempo navegando, encontrei terra firme, e logo depois descobri que era a Inglaterra e, por sorte, não fui descoberto. Consegui fazer um documento falsificado e viver em paz até que um dia me dei mal.

A França declarou o Bloqueio Continental na Inglaterra, que tentou isolá-la comercialmente. Fiquei encarregado de um importantíssimo trabalho: vender mercadorias para outros países escondido, sem ser percebido. Até lá estava tudo bem para mim, mas quando estava em Portugal vendendo minhas mercadorias, um espião da França suspeito me viu e, pior ainda, ele já me conhecia. Então ele reportou isso para seus superiores, mas eles disseram para ele não agir ainda, para que eles continuassem a espionar e que depois eles cuidassem de mim.

Eu, como nem percebi que tinham me encontrado, continuei a fazer isso todos os dias, sem saber que estavam me vigiando. Até que em um dia, já sem paciência,

resolveram me matar. Eu fugi demais, ainda bem que tinha levado umas armas por precaução, fui considerado traidor e todos da França me perseguiram. Sem contar que por eu ser um invasor na Inglaterra, fui duplamente perseguido, mas consegui chegar até o mar e, inacreditavelmente, escapei deles.

Família Scarlet

Olá, me chamo Emilly! Bom, pelo menos era o que eu achava há alguns minutos... Tenho 14 anos e vivo em Rye, uma pequena cidade da Inglaterra. Algo muito estranho aconteceu, fui dormir no meu quarto, como faço normalmente, mas acordei em um lugar totalmente diferente.

Logo ao despertar, notei que não estava na minha casa, muito menos em 2021 (tudo à minha volta parecia ser antigo). Acordei ao som de uma senhora procurando por uma tal de Agatha Scarlet, como não a conhecia disse:

- Não a conheço, mas posso ajudar a procurá-la! Como é a aparência dela?

- Uma menina ruiva, com olhos esverdeados, pele pálida e sorriso marcante.

Seria fácil encontrá-la! - Respondeu com um tom sarcástico.

- Preciso de mais informações.

- Sem brincadeiras, Agatha! Você sabe que estou te chamando. Se arrume para ajudar seu pai no serviço, já está quase no horário!

- Senhora, houve um engano, eu não sou Agatha.

- "Senhora"? Você nunca me chamou assim... Será que minha aparência está começando a ficar envelhecida? Preciso urgente passar no salão de Stephanie!

Ela simplesmente ignorou o fato de eu não ser essa Agatha! Acho que realmente existem pessoas que se importam muito com a "velhice".

- Moça, eu realmente não te conheço! Você pode achar estranho, mas não tenho ideia de onde estou, em que ano estamos, quem é você e o porquê de isso estar acontecendo! Te peço, por favor, me dê informações. - Falei assustada.

- Eu sou amiga da sua mãe, meu nome é Marjorie. Ainda bem que você contou isso antes para mim, não sei qual seria a reação do seu pai se soubesse! Você também tem sorte de eu entender um pouco sobre assuntos peculiares. Provavelmente foi uma troca de realidade com a verdadeira Agatha Scarlet. Finja ser a Agatha, você deve ajudar o seu pai no trabalho dele, no caso ele é um artesão. O nome dele é Oliver Scarlet e o da sua mãe, que está buscando por matérias-primas, é Célia Scarlet. Vou fazer de tudo para te ajudar!

- Obrigada, Marjorie! - Agradei.

- Pegue as roupas que estão separadas no móvel ao lado e vá logo, antes que o Oliver brigue com você.

Quando fui me arrumar, me vi no espelho, minha aparência era totalmente diferente da vida real. Foi exatamente o que Marjorie disse, ruiva, olhos verdes... Tive que ir logo, não queria levar sermão de alguém que eu nem conhecia. Desci um andar e cheguei na parte do serviço, era impressionante a quantidade de ferramentas para apenas duas pessoas.

- Bom dia, filha! - Disse Oliver.

- Bom dia, pai! Nós já vamos começar o trabalho? - Perguntei.

- Que entusiasmo é esse para trabalhar? Nunca vi você animada para isso! Sim, vamos começar agora! - Falou espantado.

Comecei a ajudar na confecção, era para consertarmos algumas peças que um homem pediu. O trabalho era duro, bom eu estava apenas ajudando o Oliver, se para mim era difícil, imagina para ele que era quem realmente estava trabalhando.

Depois de algum tempo trabalhando e viajando em pensamentos profundos, percebi que eu estava na época do artesanato e produção manufatureira, um tempo antes do surgimento das fábricas na Inglaterra. Isso explicava o motivo de Oliver e Célia serem responsáveis por todas as fases de produção do artesanato: buscavam a matéria-prima, confeccionavam o produto e vendiam-no. Além disso, eram responsáveis por ritmo, tempo e ferramentas de trabalho.

Foram horas de trabalho, foi uma experiência nova e interessante, porém não posso negar o cansaço. Após terminarmos, Oliver foi entregar as peças para o homem e vender alguns produtos na praça.

Depois de um tempo, anoiteceu e eu fui dormir, após uma longa noite de sono, acordei na minha verdadeira casa em 2021, eu era Emilly novamente!

“Calma, então tudo aquilo foi um sonho?” - Acabei pensando alto.

Fui tomar café da manhã com a mente quase explodindo, tentando entender o que aconteceu. Notei uma folha na minha escrivaninha que não me recordava ter deixado lá. Li a folha curiosa e estava escrito: “Não foi um sonho, você mudou de realidade e viveu tudo aquilo, só não posso te dizer como”.

Minha grande navegação

Em 22 de abril de 1500, participei da expedição portuguesa que chegou ao Brasil, fui escolhido para liderá-la e nomeado cavaleiro da Ordem de Cristo desde 1494.

A expedição contava com 13 embarcações e também com 1200 a 1500 homens. Saímos de Lisboa no dia 9 de março de 1500. Após sairmos, navegamos diretamente para o arquipélago de Cabo Verde.

A nossa rota da expedição foi a seguinte: em 22 de março passamos por Cabo Verde; em 23 de março desaparecemos na nau de Vasco Ataíde; em 29 e 30 de março: adentramos na região de calmaria na zona equatorial; em 10 de abril: passamos a 210 milhas de Fernando de Noronha; em 18 de abril: estávamos próximos da Baía de Todos os Santos; em 21 de abril: avistamos sinais de aproximação da terra; já em 22 de abril: avistamos o Monte Pascoal.

Nesse mesmo dia, numa quarta-feira pela manhã, topamos aves que chamamos de fura-buchos e entre 15h e 18h avistamos terra! Primeiramente um grande monte, muito alto e redondo, depois outras serras mais baixas, da parte sul em relação ao monte mais terra, chão. Com grandes árvores, para o monte alto dei o nome de Monte Pascoal e à terra, Terra de Vera Cruz.

No dia seguinte, fui enviado com outros homens para as margens da praia, em um bote, para estabelecer uma relação com os índios e esses contatos, naturalmente, foram pacíficos.

Fiquei admirado com as aparências deles, porque foi a primeira vez que estava de frente daquele tipo de pessoas: pardas e nuas, sem coisa alguma que escondessem as suas partes íntimas. Eles traziam nas mãos arcos e flechas. A feição deles era algo avermelhada; tinham bons rostos. Eles tinham a parte de baixo dos lábios furada e metido nele um osso branco. Tratava-se de pessoas indígenas.

O contato com os índios foi calmo, houve troca de presentes entre nós e alguns deles foram levados à embarcação onde estávamos, para que nós os conhecêssemos, demos alimentos e vinho, mas eles rejeitaram a comida e não gostaram do que experimentaram, pois o costume deles era outro.

Essa foi a viagem da minha grande expedição que participei e depois dessas vieram outras, que eu também participei e fiquei muito satisfeito com os resultados.

A História que ninguém te contou

Se você já conhece a história de Prometeu, vou contá-la um pouquinho diferente. Prometeu e seu irmão Epimeteu criaram todos os animais do planeta, deram as melhores qualidades a eles e no final não restou nenhuma. Quando fui criado, não estávamos indo bem, nos escondemos nas cavernas, quase sem comida para todo mundo, éramos macacos sem pelo, sem nenhuma habilidade que diferenciava as pessoas de outros seres vivos.

Até que Prometeu nos deu o fogo dos deuses, evoluímos bastante com o fogo que Prometeu nos dera, mas como tudo que é bom dura pouco, Zeus percebeu que estávamos com o fogo e logo foi tirado de nós o que era mais precioso.

Então, quando estávamos descobrindo o mundo, o deus dos deuses decidiu nos roubar uma coisa que era nossa direito, afinal quem nos deu foi nosso próprio criador. Prometeu às vezes ia em nossos lares para ver como estávamos, ele era muito alto, eu chutaria uns 18 metros de altura, mas ele sempre estava com um olhar melancólico e depois de pensar um tempo, decidi que iríamos tentar evoluir sem o fogo sagrado.

Tivemos vários testes e nenhum bem sucedido, mas o que não sabíamos era que Prometeu estava nos vendo o tempo todo e se sentiu iluminado com os nossos esforços.

Com isso ele decidiu roubar novamente o fogo divino, ele foi com todo cuidado do mundo e não deixou nenhuma gota de suor cair no chão. Infelizmente ele conseguiu, quando nós homens estávamos de bobeira, relaxando, Prometeu nos deu o fogo celestial, todos comemoraram de alegria, mas como tudo que é bom dura pouco... enquanto estávamos comemorando, a fumaça da fogueira chegou até os céus, Zeus percebeu e quando chegou onde estávamos, começou discutir, lutar e até fazer pirraça. Obviamente Prometeu não derrotou a divindade.

Depois do ocorrido, o líder de todos os deuses, amarrou nosso criador em uma pedra com uma águia que comia seu fígado todos os dias (como ele é uma divindade, o corpo dele regenera) e por isso ele estava condenado a passar o resto da eternidade sofrendo.

Mas o filho de Cronos e Reia, não deixaria barato o ocorrido com os humanos, ele mandou a primeira mulher chamada Pandora.

E o que vai acontecer é uma outra história...

Lágrimas de Prata

“17 de Novembro de 1892.

Oh querido diário, finalmente poderei ir ao baile de jovens senhoritas. Prometo que junto de meu irmão, procurarei o homem da minha vida.

Agora, irei para a alfaiataria favorita de minha mãe, junto de meu pai, pois uma dama não deve andar desacompanhada...”

- Srta. Benningfield, seu pai está à vossa procura. - Diz Ana, uma serviçal de meia idade enquanto segura a porta entreaberta de meu aposento.

- Sra. Ana, sabes que pode dirigir-se a mim somente com o primeiro nome.

- Perdoe-me, Srta. Adelaide. - Ela diz enquanto se retira, fechando a porta de forma cuidadosa.

Levanto-me e vou em direção a sala de visitas, pois já estava trajada adequadamente. Encontrei meu pai sentado em sua poltrona, lendo enquanto não partimos.

- Sr. Benningfield. - Faço uma reverência, enquanto ele levanta.

Fomos em direção a saída, onde nosso coche estava. Entramos e fomos em direção ao alfaiate. Após ter escolhido o vestido, meu pai pagou e então voltamos para nossa residência.

Como o vestido é belo! Com mangas bufantes e detalhes bordados com fios de ouro, além de ser feito com seda pura, tendo um tom champagne, cor apropriada para uma dama solteira.

“23 de Novembro de 1892.

Querido diário, hoje é o grande baile! Portanto, irei passar o dia me aprontando para ele. Minha expectativa é encontrar um bom rapaz, com quem gostaria de me unir matrimonialmente.”

Após um belo banho de imersão em arsênico, Ana me auxilia a vestir o meu novo e refinado vestido. As criadas entram e fazem um belo trabalho em minhas madeixas castanhas, criando um formoso penteado.

Antes de ir ao encontro de meu irmão, aplico um pouco de colírio de *Bella Donna*, para criar um efeito lacrimejante em meus olhos, os deixando maiores, em consequência, me tornando mais atraente aos olhos masculinos.

Ao chegarmos no baile, permaneço ao lado de meu irmão, enquanto alguns jovens moços se apresentavam a ele, com a finalidade de terem seus nomes anotados em meu cartão de baile.

Ao toque da corneta, os organizadores se aproximaram do centro do salão, onde a orquestra começou a tocar. Meu irmão estende sua mão em minha direção. Era necessário que a primeira dança ocorresse junto de seu acompanhante.

Após algumas danças, meu irmão se retirou para a casa de banho, então, abri o cartão de baile preso em meu pulso, observando que na próxima música eu estava sem um par.

Olho em volta, vejo então um jovem esbelto, com cabelo em um tom ruivo, tão brilhante quanto um fogaréu. Ele era o homem mais vistoso que já vi. Ele então me olha. Em seguida, vem em minha direção. Ao se aproximar, ele faz uma reverência e estende sua mão direita enquanto se pronuncia:

- Concederia-me sua mão para a próxima dança? - Ele diz de forma sedutora, me olhando profundamente com seus olhos castanhos ardentes.

Mesmo sabendo que aceitar seu convite era algo errôneo, me sentia tão atraída por ele, com o sentimento de tentação consumindo meu frágil ser.

- Adoraria. - Respondi de forma calma, escondendo minha querença.

Entrego para ele meu cartão de baile, onde ele anota seu nome: *“Ethan Hughes”*.

Logo que a música começa a tocar, Ethan vem em minha direção, sem demora. Começamos a dançar. Tivemos um breve diálogo. A forma como ele dançava era glamurosa!

Terminada a música, ele faz uma reverência de leve e me conduziu de volta à cadeira que eu estava ocupando anteriormente. Ele faz outra reverência e se retira. O baile segue normalmente.

“ 5 de Dezembro de 1892.

Oh querido diário, após o baile, venho encontrando Ethan às escondidas. Meu amor por ele só cresce! Mas, para minha infelicidade, meus pais querem que eu me una matrimonialmente com o Sr. James Turner, por isso, decidi junto a Ethan, que iremos fugir para a América, onde todos os sonhos podem se realizar! “

O relógio já marca 23 horas, logo Ethan estará pronto. Tudo ocorrerá às 23 e 15 minutos. Dando o horário, desço por uma corda até o jardim da mansão,

encontrando Ethan escondido atrás de algumas roseiras. Ele sinaliza para mim o caminho.

Subimos em Tenebris, seu cavalo negro, que contrastava com a neve espalhada pela grama. Ao passarmos pelo portão, os guardas seguem-nos até o porto, onde o barco de Ethan está.

Quando estávamos próximos do cais, os guardas começaram a atirar contra nós. Quanto mais perto chegávamos, mais os guardas se aproximavam. Logo, um guarda acaba ficando ao nosso lado. Ele então sacou uma espada de prata, apontando para Ethan e o acertando em cheio.

Em seguida, o guarda derruba Tenebris com ajuda de seu cavalo. Os guardas então param, observando a cena, montados em seus cavalos. Corri com dificuldade em direção ao Ethan. Ajoelhei-me ao lado dele, já aos prantos. Ethan estava gravemente ferido, nem mesmo conseguia manter os olhos totalmente abertos. Segurei em suas mãos, juntei nossas testas, misturando nossas lágrimas. Ele, com extrema dificuldade, pronuncia em um sussurro sôfrego suas últimas palavras:

- Eu te amo.

Ele fechou os olhos, seu coração já não batia mais. Senti um vazio imenso, como se meu mundo tivesse se desmoronado. Mesmo se conhecendo a pouquíssimo tempo, sentia que havia uma forte ligação entre nós.

Os guardas se aproximaram, me puxando pelos ombros, tentando me levar para casa. Enquanto era puxada, via o meu reflexo choroso na lâmina prateada. Eu deixei a pessoa que eu mais me importava partir, para além das estrelas. Naquela noite fria, não foi somente ele que morreu.

Minha querida Johanna

À minha esposa, Johanna, envio-te esta carta, meu primeiro e último (por enquanto) relato da batalha contra o rei Barrie do feudo inimigo, onde pude presenciar a morte frente a frente.

Estávamos com a tropa de 500 soldados do feudo do Lr. Chesnr. Havíamos ido para a frente da batalha contra a tropa de, mais ou menos, 450 soldados inimigos de Barrie.

Todo esse conflito começou quando alguns soldados inimigos interceptaram a nossa carroça de suprimentos para as nossas tropas a mando do rei deles. Quatro bravos guerreiros partiram dessa para melhor.

Bem, invadimos ao amanhecer. Não consegui dormir uma hora sequer de tanta agonia vivida naquele momento. E pelo visto não era só eu que estava sob toda aquela tensão, pois toda a tropa parecia nervosa. Não atacamos gritando que nem os bárbaros, mas sim na surdina. Havia tropas vigiando o feudo por todo o canto. Se tivesse um espaço de 10 metros entre cada guarda inimigo já era muito. Tínhamos uma boa vantagem, com 50 soldados a mais, poderíamos tirar um bom proveito sobre aquela situação toda.

Começamos atacando com os nossos 25 arqueiros. Atacamos pelo ponto cego dos inimigos.

“Um, dois, TRÊS”, os arqueiros flecharam.

Mas se não fosse por um erro de um de nossos arqueiros, aquela “primeira fase” do ataque poderia ter sido perfeita. Esse tal arqueiro, um “veterano”, errou uma flechada e em decorrência desse erro gerou um alerta entre os inimigos.

Iniciou-se batalha, mas que batalha. Nunca havia presenciado algo como aquilo e espero nunca mais presenciar tudo o que vi.

Sabíamos certamente sobre a nossa vantagem, por isso cantávamos vitória. Não deveríamos ter pensado dessa maneira. Nunca vivi tantas horas em poucas, porque a droga do tempo parecia congelado, não passava de maneira alguma.

Quase morri, minha querida Johanna. Pensei que nunca mais teríamos bons tempos sozinhos juntos como de costume. Após um breve duelo de espadas que tive contra um inimigo maldito, onde eu consegui empunhá-lo e levar a melhor, seu corpo fora do peso e imundo caiu em cima de mim, levando-me ao chão, quando um outro inimigo veio pra cima de mim. Naquele momento, só consegui pensar em você,

querida, não tinha nada mais que passava além de todos os momentos que passamos juntos, mas então aquele arqueiro, que antes havia errado aquela flechada se redimiou. Quando aquele soldado inimigo vinha para cima de mim com sua espada acima de sua cabeça com sangue nos olhos, o arqueiro atirou uma flecha que atravessou o braço daquele miserável e atingiu a cabeça dele. A única coisa que eu vi depois disso foi ele caindo que nem “bosta” no chão, pertinho de mim. Agradei a meu bom Deus por aquele livramento.

Por fim, saímos vitoriosos daquela batalha, graças a Deus.

Saudades, minha linda Johanna (Esta carta custou seis cenouras e quatro batatas).

Será que valeu a pena?

Até hoje me lembro... dos cheiros, barulhos, pessoas, lugares em que passamos, de cada detalhe vivido. Meu sono já não é o mesmo, todas as noites acordo no susto, achando que os nazistas estavam lá. Estou falando da 2ª Guerra Mundial, na qual eu estava. Conto minha história a todos, para que saibam como realmente é uma guerra.

Perdi muitos amigos, mas na guerra, não há espaço para perdas e luto. Eu não sabia se iria sobreviver ao próximo dia, então vivia cada um como se fosse meu último. Na hora do almoço, sempre passavam cerca de cinco caminhões cheios de corpos de soldados, isso mexia muito comigo. Pensava nas vidas perdidas, poderiam ser pais, filhos, amigos, todos eram importantes para alguém. Ah, o holocausto. Os judeus eram torturados todos os dias e tratados como ninguém. Não tinham nome, mas sim números e letras para serem identificados. As condições nos campos de concentração eram inexplicáveis. Logo após a guerra, eu fui em um desses, para recolher os corpos que haviam sido deixados lá. Vi tudo com meus próprios olhos, uma cena devastadora. Tinham milhares de adultos, mas o que mais me assustou foi também ver crianças. Como alguém poderia fazer isso? Elas tinham uma vida pela frente, mas eles acabaram com tudo isso.. O cheiro de sangue e cadáveres era intenso. Era uma sensação estranha, você fica devastado.

Fiz parte dos aliados, mais precisamente do exército dos Estados Unidos. Onde lutamos pela liberdade e democracia do nosso povo. Eles davam boas condições para nós, soldados, na medida do possível. Estávamos lidando com o nazismo, uma ideologia de punho extremo, com atos que chocam qualquer um. Como as pessoas conseguem apoiar algo como isso? Participei de muitas batalhas contra eles e posso dizer com propriedade que eram uma das piores. Suas armas eram muito avançadas. As nossas também eram, então a disputa era grande. Lembro-me bem de uma batalha, onde eu fiquei à beira da morte. Eu estava em uma das nossas trincheiras com um grande amigo chamado John. O barulho de tiros era intenso, junto às granadas que eram atiradas de um lado para outro. Em um momento, lembro-me de John falar: “Fica comigo! Você consegue”. Nessa hora, olhei para minha perna e meus ossos estavam todos expostos com sangue para todos os lados. John se sacrificou por mim. Ele me entregou a equipe médica, mas quando estava voltando, ele levou vários tiros, um deles no seu coração. Eu estava olhando para ele quando

aconteceu. As lágrimas escorrendo em meu rosto, a dor do meu ferimento e da minha perda, era uma mistura de emoções que não consigo explicar, mas no final, eu sobrevivi. Por pouco não perdi a minha perna. Depois de tudo isso, continuei na guerra por seis meses. Retornei para casa, pois minha perna estava com uma infecção que deveria ser tratada em um hospital.

Essa experiência ficará marcada para sempre em mim. Foram momentos de tristeza, raiva, felicidade e de dor, porém tudo me deixou mais forte como pessoa. Sabia que eu podia vencer qualquer desafio. E estou vivendo não só por mim, mas pelo John e por todas as pessoas que não tiveram a mesma oportunidade que eu, de voltar para casa vivo.

Ainda me pergunto: “Será que valeu a pena?” E a resposta? Eu ainda não sei.

A vida segue

Quando chegou essa doença na Europa, eu estava na Inglaterra. Essa crise tinha três eixos principais: fome, guerra e a própria peste. O continente Europeu sofreu alterações climáticas que destruíram plantações e, assim, diminuiu a quantidade de alimentos disponíveis, gerando fome. Além disso, ocorreu a guerra entre a Inglaterra e a França, que deixou fortes impactos econômicos e sociais nesses países, e nessa mesma época a doença foi espalhada.

Após a doença se espalhar, ela causa uma inflamação e em estágios avançados, as bolhas se abrem e se tornam feridas. Meu pai morreu assim e minha mãe, perdi quando era muito pequena. Ele era comerciante, então foi um dos que disseminaram a doença pelos navios vindos do Oriente. Meu pai junto a eles morreu mais cedo graças às expedições. Felizmente meu pai não teve uma morte lenta e nem muito dolorosa, pelo menos é o que seus companheiros me contaram quando voltaram de umas das expedições. Eles também morreram dias depois que me contaram isso, suas mulheres acabaram pegando também e a maioria morreu deixando seus filhos órfãos como eu. Algumas dessas crianças morreram de fome e outras conseguiram encontrar seus parentes que ainda estavam saudáveis.

Após o fim dessa doença, eu já estava sozinha, todos que conhecia haviam morrido, fui forçada a viver na rua e as pessoas pararam de ficar doentes.

Conseguí comer trabalhando como engraxate e não havia mais nenhuma oferta de trabalho, com a falta de segurança na rua fui molestada, era desrespeitada frequentemente e quando não aceitava isso, eles me espancavam. Cortava meu cabelo, pois era encaracolado e as pessoas me olhavam diferente por conta deles, só os meus olhos verdes me salvavam e assim continuei minha vida, as pessoas estavam desesperadas com a falta de alimento e muito sentidas com as perdas dos parentes e amigos. Assim a vida em Londres era caótica e sem direção.

Passei os anos seguintes da minha vida pulando de trabalho em trabalho e até consegui um lugar pra morar um ano depois. Aqui as coisas estão melhorando, além de novas ofertas de trabalho, o governo está tomando direção e, assim, espero que as coisas continuem.

O que me prende aqui?

O mundo passava pela Primeira Guerra Mundial quando notícias de dor e agonia foram soltas pela imprensa espanhola, uma doença, que se espalhava enquanto o mundo e suas potências estavam em conflito.

A grande gripe espanhola, uma pandemia, que apesar de não ter começado na Espanha, recebeu esse nome por ter sido divulgada pela imprensa espanhola. 500 milhões de pessoas infectadas, 50 milhões de mortes. Muitos pensaram que, uma doença até então desconhecida ser “solta” em meio a uma guerra, onde o objetivo era ganhar a qualquer custo, foi uma mera coincidência. Afinal, com tantos regimes totalitários e/ou se baseando em um para governar o povo, deixar as pessoas cegas, com censura, sem direito à educação, e sem questionar nada, era mais que necessário para que se conservasse a elite.

Diante disso, pode-se imaginar que em momento de grande escassez e demanda de recursos, como água e alimentos, a elite acreditou que diminuir a população mundial seria a solução, assim, a criação de um vírus mortal capaz de exterminar parte da população, foi posta em prática. Contudo, de forma intencional ou não, a doença se espalhou, transformando-se em uma pandemia em escala mundial, levando sofrimento a milhares de pessoas, em sua maioria, os menos abastados, na classe onde me encontrava. A elite por sua vez, devido às suas condições de moradia e higiene, embora não tenham sido totalmente poupados, foram proporcionalmente menos atingidos que os menos favorecidos, que à época habitavam cortiços e outros tipos de moradia sem acesso a condições básicas de higiene.

Diferente do que pretendia a elite, o que se imaginava como solução pode ter contribuído para pôr fim a primeira grande guerra, que teve seu cessar fogo em 11 de novembro de 1918, mas a pandemia já havia se alastrado por grande parte do globo, contribuindo ainda mais para o aumento da pobreza mundial e o declínio da economia, que acabou afetando todas as classes sociais, pois perdeu-se grande parte da força de trabalho. Ao final da pandemia, que ocorreu oficialmente em abril de 1920, o mundo viu-se obrigado a recuperar-se de duas crises. As perdas provocadas pelos eventos da guerra, que vitimou cerca de 40 milhões, entre mortos,

feridos e inválidos, além dos prejuízos econômicos, colocou a Europa financeiramente dependente dos Estados Unidos.

Após minha família ser uma das muitas que foram destruídas, não somente pela guerra mas também pelo cansaço de lutar contra algo inevitável, já não havia mais nada nesse mundo que me mantivesse com o mínimo de esperança na humanidade. Aqui é o fim da minha jornada, mas espero que as coisas tenham melhorado para você que acaba de ler o meu relato.

O esconderijo

Era 1938 na Alemanha, mesmo sendo apenas uma criança, eu sabia muito bem o que estava acontecendo, estava escondido em uma pequena base debaixo do solo construída pelo meu pai para ele, minha mãe, minha irmã e eu. Era um lugar frio e abafado, mais grande o suficiente para que nós pudéssemos ficar escondidos, nos escondendo da morte. Era aterrorizante ficar sem saber o que estava acontecendo no mundo lá fora, mas pelo menos nós tínhamos alguns panos para nos proteger do frio e algumas roupas.

Meu pai saía para pegar comida, como frutas, ele tentava ser rápido para que ninguém o percebesse. Ele fazia isso de dez em dez dias. No meu aniversário de 15 anos, ele me explicou o que ele fazia quando saía para pegar alimento, pois caso um dia ele acabasse sendo pego, eu, minha irmã e a minha mãe teríamos pelo menos alguém que sabia buscar comida. Um tempo depois, meu pai me disse para eu sair com ele e tentar pegar umas frutas, nós conseguimos pegar bastante, para um mês inteiro! Assim, eu e ele ficamos pegando frutas de mês em mês. Eu me lembro de que eu sempre morria de medo que alguém encontrasse a gente. Dois anos depois, eu acabei torcendo o tornozelo e acabei ficando no esconderijo por um mês, por causa disso, ele ficou saindo sozinho e, em uma dessas vezes, ele acabou não voltando mais.

Eu fiquei saindo toda semana para pegar comida, até que um dia, enquanto eu estava saindo, eu vi minha salvação. Estava de madrugada, na hora de pegar comida. Levantei, vesti meu casaco bege, abri a escotilha, que dava para fora do meu lar, silenciosamente e fui em direção às macieiras. Quando respirei o ar de fora, percebi que estava mais frio que o normal, então pensei em pegar mais maçãs. Como sempre, fui agachado para não ser flagrado, porém fui mais atento, pois tive a sensação de que um dos soldados tinha tocado em meu ombro. Alarme falso, era só uma folha.

Continuei o meu caminho até chegar a uma poça que cobria o resto do caminho. Como queria ser o mais silencioso possível, fui por um caminho diferente, entretanto muito mais longo. Estava com medo de ser pego, todavia continuei forte no novo caminho. Eu não sabia no que iria dar. Não tinha escolha, então segui. Eu passei por algumas árvores sem vida como meus sentimentos, pois estava longe do

meu pai. Uma dessas árvores tinha sido escolhida para ser um ninho de vespas. Enquanto eu olhava as vespas, eu acabei esmagando uma delas e, conseqüentemente, as vespas começaram a me atacar furiosamente. Você já sabe. Eu comecei a correr como um desesperado. corri até o primeiro lago que eu vi e me joguei dentro dele. Um tempo depois, as vespas foram de volta para seu ninho e eu sai do lago logo em seguida, enquanto eu saía, eu vi uma forma gigante se aproximando, era um navio, por um momento eu pensei que era o fim, mas logo descobri que aquilo era o começo para uma vida melhor, onde eu e o resto da minha família pudéssemos viver sem nos esconder do mundo.

Uma dor que nunca irei esquecer

Lembro-me como se fosse hoje, os barulhos ainda ecoam dentro da minha mente, meu corpo carrega marcas de uma guerra que nunca irei me esquecer. Estava eu, meus pais e minhas irmãs em casa, tínhamos acabado de acordar e como tradição da minha família sentamos na mesa para orar e logo após tomar o nosso sagrado café da manhã. Estávamos felizes, pois minha mãe tinha acabado de receber uma proposta de emprego, quando ouvimos a buzina que algo se aproximava.

A Palestina tinha acabado de lançar um míssil no vilarejo no qual morávamos e Israel entrou em alerta. A guerra das duas nações começou. Infelizmente morávamos na faixa de Gaza, onde até hoje ainda dão ataques e rumores de guerra. Papai sempre nos falava que onde morávamos era muito perigoso, mas nunca demos muita importância para o que nossos pais diziam, sempre queríamos ser donos do nosso próprio nariz. Um dia, o que ele falava se concretizou.

Naquele dia, o míssil veio com uma rapidez que não deu nem tempo de pedir ajuda ou de dizer “ Pai e Mãe socorro”, foi tudo muito rápido, como um “flash de luz” a fumaça nos atingiu com uma força quase sobrenatural, fui arremessado para fora da minha casa, estilhaços atingiram o meu corpo, minhas irmãs foram, infelizmente, consumidas pelo fogo, o zumbido e a dor me doem até hoje.

Herdei uma guerra que não merecia, carrego sangue nas mãos dos inocentes que tentei ajudar, pois não fui tão atingido como os outros foram. No meu vilarejo havia muitas creches e escolas quando o míssil nos atingiu, a maioria estava na hora do lanche, muitas crianças e jovens morreram, por conta de uma guerra do passado que nunca terminou.

Prédios, casas e edifícios, todos eles estavam em ruínas, aquele míssil atingiu o centro da cidade e não tinha para onde correr, as tropas israelenses chegaram lá somente depois de horas, pois achavam que a Palestina ainda iria atacar, mas então preferiram deixar sobreviventes morrerem ainda mais, por se preocuparem consigo mesmos.

O ego do ser humano subiu a cabeça, a empatia e a reciprocidade não existiam mais. Eu achava que pelo menos meus pais eu acharia, mas infelizmente virei órfão, a minha casa desabou em cima deles e os entulhos os sufocaram. Prometi para mim mesmo que nunca me esqueceria deles e daquele dia que marcou a minha vida. Marcas existem até hoje, mas nada se compara com o vazio que há dentro de mim.

Essa carta eu escrevo e desse livro faço parte, e afirmo a vocês: “Vivam cada momento que vocês puderem ao lado das suas famílias”, o que eu mais queria hoje era um abraço do meu pai, um cheiro da minha mãe e a alegria das minhas irmãs. Essa guerra me ensinou a preservar os momentos em família.

Relatos de um Sobrevivente.

Vírus 1 (cancelados) x Vírus 2 (canceladores)

O ano era 2020 quando uma pandemia invadiu o mundo, um vírus desconhecido matava, adoecia, ou simplesmente passava sem ser percebido por alguns, que contaminavam outros. Cemitérios lotados, hospitais sem vagas, ruas desertas e a população trancada em casa.

Escolas e empresas tentando se adaptar, reinventar e aprender, mas era inevitável o reflexo na economia de todos os países do mundo, com empresas fechando, famílias perdendo o sustento, causando muito choro, sofrimento e dor.

Como se não bastasse, a internet inicialmente aliada ao trabalho e ao estudo remoto, tornou-se o terror psicológico sem cura. O cancelamento, deslumbramento, dividiu o mundo em dois enormes grupos com bilhões de integrantes: cancelados e canceladores, como eram chamados.

Os grupos rivais, eram organizados, disciplinados, com ideologias, pautas, uniformizados como um exército e a guerra era iniciada e declarada, sem armas, baseada em postagens de poder devastador imensurável, uma verdadeira guerra sem causa, com rebeldes incompreendidos, que ganham credibilidade, admiradores, seguidores, sempre prontos a curtir, compartilhar, comentar e até criar robôs para espalhar rapidamente, sem freios, sem barreiras de língua, sem leis, sem controle, sem fim. Inicialmente, as grandes celebridades da classe artística, políticos, jornalistas e até atletas, foram os principais alvos dos cancelamentos. Infelizmente não demorou muito para anônimos, homens, mulheres e até crianças, pessoas de todos os tipos físicos, de todas as cores, de todas as classes sociais, serem vítimas dessa violência virtual, que se misturava com a violência social, urbana, rural, sem fronteiras e sem barreiras.

Os cancelados acabavam em hospícios, loucos, ou então vítimas de suicídio. Os canceladores, ficavam cada vez mais viciados em cancelar e já nem lembravam mais de suas vítimas. Eram tão obcecados em encontrar novas vítimas e recrutar soldados prontos a curtir, comentar, compartilhar notícias falsas ou não, com padrões morais ou até mesmo de beleza física.

O ano de 2020 acabou!

A grande Guerra de Cancelados x Canceladores ainda não.

Em meados de 2021, o vírus ainda faz vítimas, mas a população está em fase de imunização e os protocolos para evitar o contágio foram implantados. Ao contrário,

a Guerra entre cancelados e canceladores ainda perpetua, sem trégua, sem fim, sem objetivo ou finalidade definida, sem alvo certo, com muitos perdedores da vida, da paz, do sossego, ganhando credibilidade, discípulos e sem vencedores reais, apenas falsos ganhadores de uma euforia passageira, alegria irreal as custas de tristezas, revoltas e com previsão de nunca terminar, chegaremos ao ano 2022, 2032, 2050, 3000 com essa guerra crescente, sem armas de fogo, sem armas brancas, sem as temidas e devastadoras bombas ou criação de armas biológicas. Os soldados usam apenas telas, teclados, uma boa conexão com a internet, energia elétrica e maldade para formar opiniões e espalhar mundo afora, sucessivamente, rapidamente, silenciosamente, não importa, afinal a guerra não pode parar.

Mofo Moderno

Fui visitar um amigo adoecido. Fazia muito tempo que eu não o via. Tive notícias de seu estado recentemente e logo me disponibilizei para tomar conta enquanto a mãe (sua cuidadora) estava fora.

Toquei na campainha. Era um prédio velho, as paredes verdes escuras descascavam à minha volta. Lembrei-me então de que eu estava com as chaves. Destranquei primeiro a grade de ferro, depois a porta de madeira. O olho de peixe me deixava inquieto, eu via alguém me olhando. Quando abri, o vi sentado à mesa. Ele assistia à pequena televisão quadrada que ficava no canto do teto, como uma câmera. A luz branca no topo da cozinha era forte, eu não conseguia olhar diretamente para ela. Me sentei à mesa junto a ele. Falei sobre como a minha vida ia indo, e indo, e indo... Falei também do preço que desejava ser remunerado. Ele não me deu muito ouvido, me olhando de relance apenas uma vez ou outra. Com certeza ele não me reconhecia. Estava muito atento à televisão. Passavam notícias sobre assuntos desinteressantes. Eu cortava o frango que sua mãe havia preparado. Estava bem seco, parecia plástico. Comia aos poucos, sempre derramando um pouco em seu avental.

Ele se levantou de repente e correu para se esconder no armário. Esperei por quase duas horas, quando ele finalmente voltou. Disse que tinha ouvido barulho de tiros. Eu o abracei e disse que estava tudo bem.

Era quase onze quando decidimos deitar. Estava chovendo e a cada relâmpago ele gritava, se levantando e ficando a postos por quase 20 minutos todas as vezes. Eu tentava fazê-lo deitar novamente, mas ele não se permitia; muitas vezes me chutava do topo de sua cama. Tinha ficado violento, sua mãe me alertou sobre isso.

Os dias passavam lentamente. Eu o via deitar-se por horas sem levantar-se para nada. Eu o via olhar para os lados em agonia enquanto comia o que restava de suas unhas. A casa se mantinha escura a maior parte do tempo, a luz o lembrava de coisas que ele preferia esquecer. A única luz que acendíamos era a da cozinha, pois à noite não se conseguia ver nada. Aquela luz me deixava um pouco enjoado. Ela balançava de um lado para o outro, sempre muito forte, sempre muito branca, esfriando o ambiente.

No começo eu ainda saía para fazer caminhadas, mas aos poucos fui deixando meus afazeres de lado para me dedicar ao paciente. Nós nos falávamos cada vez mais, e aos poucos comecei a entender melhor seus medos. Bebíamos e conversávamos sobre os gloriosos dias de guerra. Como eu sentia falta de estar em seu batalhão. Ele liderava muito bem. Contamos sobre como conseguimos cada uma de nossas cicatrizes. Bebíamos cada vez mais. Ríamos, lembrando de como era ter um propósito para continuar. Entre uma conversa e outra ele se jogava para debaixo da mesa, esperando a granada cair, agora me puxando junto. Ficávamos calados por horas, abraçando nossas pernas esperando o momento chegar. Eu tinha que fingir junto para não o preocupar. Com o tempo comecei a apagar a luz da cozinha também. Aquela luz branca, tão forte, que me engolia, me fazia cair no chão babando, tremendo, que me fazia engasgar com meu vômito, enquanto meu amigo ria.

Na décima segunda noite, desisti de esperar pela volta de sua mãe e comecei uma lista de compras, pois os mantimentos estavam acabando. Fui ao banheiro e encontrei sua pilha de remédios: eram todos produzidos nos estados do Sul. Estavam dopando meu amigo! Traidores! Joguei todos na privada e dei descarga.

O caminho ao supermercado foi difícil. A muito não via a luz, mesmo saindo de noite. Fiquei tonto várias vezes, mas continuei seguindo. Não havia uma alma na rua. Andava devagar, o vento forte me mexia, balançava minha cabeça. Perto do supermercado, deparei-me com um bosque, de no máximo 20 metros. Eu conseguia ver o seu final. Lá estava o supermercado, brilhando com sua luz néon do outro lado. Sentei-me e esperei. Não queria atravessar o bosque. As árvores tinham olhos. Na lama alta nada crescia, mas de lá o cheiro saía, queimando forte, o cheiro de podridão. Comecei a chorar. Eu só queria chegar do outro lado.

Não me lembro de ter chegado em casa. Comíamos calados os fandangos espalhados pela mesa. De repente ele gritou. Dessa vez também ouvi os tiros. Saímos correndo e nos escondemos no armário, esperando os dias. Eu só queria chegar do outro lado.

Prisioneiro R-8920

Ter que voltar à vida normal depois de anos sendo tratado como um nada, foi uma surpresa para mim. Andar de cabeça baixa era tão automático, que me peguei olhando para meus pés enquanto caminhava pela praça. Ajeitei-me e olhei em volta, tentando perceber os olhares que recaiam sobre mim. Crianças e adultos, ainda me olhando como se eu fosse um animal, me encarando com olhar espantado e puxando seus entes queridos para longe de mim. Tentei ignorar esses alemães e fui até a fonte, que jorrava uma água cristalina para os céus, formando um pequeno arco-íris. Cambaleei de um lado para o outro, tentando me manter sob minhas pernas magras e finas.

Olhar para aquela água limpa e potável bem na minha frente ligou novamente os meus instintos de sobrevivência e me fez lembrar das câmaras de gás que passei. Lembrei também da sede, precisando beber minha própria urina para não ressecar por completo. Sem pensar muito, enfio minha mão magra na água, formando uma concha, e bebo o máximo que pude aguentar no momento. Sentia os olhares julgadores batendo nas minhas costas, mas ignorei. Olhares doem muito menos que chicotadas que eu recebia diariamente. Quando acabei, olhei em volta. Todos me olhando como se eu fosse um predador devorando sua presa sangrenta. Ajeitei-me novamente, passando a mão sobre minha cabeça careca e deixando visível minha tatuagem no braço.

R-8920.

Lembrei da dor intensa que a agulha fez no meu pulso quando ela penetrou minha pele. Ardia, parecia fogo. Qualquer coisa que nos diferenciasse, que nos fizesse humanos, não eram tolerados nos campos de concentração. Uma criança como eu em 1940 não estava preparada para tais horrores que os nazistas e o *führen* separavam para nós judeus.

Ao lembrar de tudo o que passei, aquelas pessoas na praça pareciam todas crianças, comparadas às atrocidades que vivenciei. Inocentes de que o mundo é capaz de tais horrores. Mesmo que as contasse em detalhes, tudo seria mil vezes menos doloroso do que lhes passasse pela cabeça. Mal consigo imaginar como seria a minha adolescência, com meus pais, minha família sem todo esse período nos campos de concentração. Todos daquele lugar sabiam como era, mas eu não. Elas

tiveram comida, casa, água e a família intacta apenas pelo fato de não acreditarem em Javé.

Fui levado com 10 anos. Eu, minha irmãzinha e meus pais estávamos orando em polônês antes da nossa refeição da noite, antes de sermos interrompidos pelos gritos e tiros do lado de fora. Corremos para fechar as janelas, mas de nada adiantou. Eles arrombaram a porta e arrastaram papai e mamãe pelos braços enquanto minha irmã soluçava em desespero. Foram carregados por dois nazistas com armas pesadas, e eu me lembro muito bem daquela cena em que minha mãe escapou, por alguns segundos, das mãos nojentas dos guardas. A sangue frio, ele mirou a arma para a cabeça da minha mãe e atirou, bem na frente da minha irmã.

A partir daquele dia, eu só soube ceder às ordens dos nazistas sem hesitar ou questionar. Levaram minha irmã e meu pai logo após minha mãe, e eu nunca mais os vi... Até agora.

Recebi uma carta anônima há uns dias, ela dizia que meu pai e minha irmã estavam vivos e seguros no Alabama. Teria mil e um motivos para desconfiar, mas se fosse mentira, o que eu teria a perder? Minha vida inteira já estava aos pedaços, mal conseguia andar. Aquela praça seria o fim de uma vida de escravidão para o começo de uma liberdade, e na Hungria, então? Não pude negar.

Tirei minha carta do bolso, checando o endereço: Praça Alexanderplatz. Sem perceber, um homem careca, uns seis anos mais velho que eu, se aproximou com cuidado:

- Prisioneiro R-8920? - perguntou - Ou devo chamá-lo de Krestopher?

Me viro bruscamente em direção à voz, já olhando para baixo, como os nazistas nos ordenaram a fazer. Ele dispensou apresentações e me disse com um ar leve e sereno:

- Não lembra de mim? Sou eu, prisioneiro J-5440.

O homem puxou sua manga e mostrou sua tatuagem no pulso. Minha memória quebrada o fez parecer familiar. Se apresentou como Kokot e me lembrou que o ajudei com comida uma vez e, sem aquele mísero pedaço de pão, ele com certeza viraria um *Muselmann*.

- Você salvou minha vida, amigo - ele disse - Devo uma a você.

Kokot me explicou que tinha encontrado meu endereço e pediu para um conhecido entregar a carta e nos encontramos pessoalmente depois de tanto tempo. Retirou do bolso um cigarro e me entregou um bilhete de trem com destino a

Budapeste. Recusei o pedido mas ele insistiu. Ficou me lembrando de que salvei sua vida e insistiu constantemente em me dar uma segunda chance num país novo. Me alertou que era a última chance, pois os trens em direção a Hungria seriam desativados daqui a alguns meses e não seriam mais vendidos nenhum bilhete para viagem. Ele me instruiu a como chegar em Budapeste e a como prevenir possíveis furtos.

“Que furtos?”, pensei. “Não tenho nada de valor, a não ser essas roupas maltrapilhas e marcas de chicotes”.

Kokot me levou até a estação com um carro muito elegante para quem tinha saído recentemente de um campo de concentração. Com um abraço apertado, entrei no vagão e senti os olhares repressores pelas minhas costas. Sentei num banco vazio e olhei pela janela, acenando para meu amigo do lado de fora. Com um pesado suspiro, o trem partiu.

Um jogo maior

“As Nações Unidas foram criadas para promover paz e união”. Esse lema na verdade, é uma das controvérsias mais impuras que existem nos dias de hoje. Claro que há realmente um mínimo que seja, um ar de verdade, porém, poucas pessoas sabem sobre algumas verdades de expedições militares “pacíficas”(se podemos assim dizer) de alguns países em nome das Nações Unidas. E é sobre isso que eu vou contar.

Mali, 2012...

Em nome da ONU, as tropas da marinha real australiana e mais alguns soldados de países distintos (como Bélgica e França), chegaram no Mali para trazer segurança e dar um fim no conflito que surgiu no país. Em 2012, a Guerra civil do Mali havia chegado em seu auge, deixando mortos e pessoas em estado miserável, além das cidades arrasadas. Eu, sendo o único soldado brasileiro no local, seguia ordens dos australianos, já que na época, cursava na marinha da Austrália, o que era relativamente bom, já que não sabia falar francês, não entendia nada do que os nativos e nem meus outros companheiros falavam.

A nossa chegada foi bem tranquila, sem tiroteios, sem feridos e sem dor de cabeça, logo em seguida, passamos por cidades pequenas até chegarmos em Cutiala, uma das maiores cidades do país, onde seria nossa instalação. Até aí tudo beleza, recebemos algumas instruções e fomos nos agrupar no centro de treinamento. Alí recebemos nossa primeira missão: Havia indícios de que em uma sinagoga imensa, e junto a ela um complexo na região de Sicasso, existiam focos rebeldes e impediam o tráfego de comboios de ajuda para os feridos. A instrução era, entrar, interceptar e prender os envolvidos, se respondessem com violência, teríamos permissão para abrir fogo.

E lá fomos, subimos num helicóptero “Black Hawk”, em direção de Sicasso. De cara, já avistamos a torre da sinagoga e lá em cima, havia homens com metralhadoras antiaéreas enormes esperando nossa chegada. Pensei logo que seria o fim, além de tudo, achei estranho, como os diabos sabiam que iríamos lá. Isso não encaixava, mas não era hora de pensar nisso, estávamos sob ataque, e tínhamos que retrucar! Pegamos nossos fuzis, e atiramos de volta. O tiroteio seguiu por um tempo, foi assustador, era tiro para lá e pra cá. Demorou mais de 1 hora e meia, até que conseguíssemos descer do helicóptero e neutralizar o local. Mas não pense que foi

dito e feito, pegamos os inimigos armados até os dentes bem na nossa frente, atiraram sem piedade! Três dos nossos acabaram morrendo, sem chance de salvamento, todos tomaram tiros tanto na região do tórax, quanto do crânio.

Quase sem munição, tivemos que pegar os cartuchos dos coletes não tão metralhados dos nossos amigos que, então, acabaram de morrer. Pensei que não poderia gritar “missão completa!”, nós ficamos encurralados num beco, com quase zero proteção, e quase zero chances de sair vivo, eles não paravam de atirar em nossa direção, e nossa munição não parava de diminuir. Tomei coragem, me levantei e comecei a atirar de volta, mas quando menos esperava, meu fuzil trava e “Pow”! Um estrondo alto, um zumbido em meus ouvidos, senti fraqueza e logo quando percebi, meu colete jorrando sangue. Fui baleado, num beco onde os inimigos não paravam de atirar, eu ia morrer ali, sozinho! Naquela hora, tudo passava em minha cabeça: meus irmãos, meu pai, minha mãe, minha esposa. Eu iria deixá-los. Tudo porque morri em uma troca de tiros na África, em uma missão cujo meu único objetivo era apenas promover a paz. Mas em toda escuridão, há uma luz. Um blindado das Nações Unidas chega! E dá todo o apoio possível, foi a distração que nós precisávamos para sair de lá. Isso deu poder de reação. Nossos homens começaram a retalhar o ataque, e agora com dois problemas para cuidar, os rebeldes finalmente se rendem! Conflito que tirou muitas vidas, e quase a minha. Me senti feliz e aliviado, pensei que morreria ali! No fim, conseguimos abrir caminho pros comboios e prender os então terroristas!

Dias se passam, mas algo ainda me atormentava, como sabiam que estaríamos indo para lá? No interrogatório, quando perguntamos como sabiam de nosso ataque, a resposta me deixou tanto indignado quanto revoltado: eles sabiam disso, pois quem financiava a barricada eram soldados franceses da ONU, para que não chegássemos em garimpos ilegais que a França tinha no Mali. Sem comboios, o garimpo iria funcionar normalmente, mas agora, seriam descobertos e fechados, causando prejuízo aos franceses. Quando ouvimos isso, ficamos extremamente revoltados! “Como assim?” “Eles deveriam estar ali para ajudar o país e não acabar com as riquezas dele!”, o sangue veio nos olhos, perdemos vidas de soldados para aqueles homens e ainda, quem os financiava eram... Nossos aliados? Reportamos aos superiores, mas nos disseram: “É assim que o sistema funciona, filho! O mundo não é feliz e fofinho, ele é movido por interesses em comum, não esqueça isso soldado!”. Então, não iríamos fazer NADA?

Ali percebi que, mesmo lutando por uma causa nobre, nós, que vamos ao campo de batalha, dar nossas vidas, somos apenas peões de um jogo muito maior, com causas desumanas e podres.

Que raça é essa?

O dia foi muito cansativo, deitei para dormir no quintal e comecei a observar as estrelas após ler meu livro “O Prisioneiro B-3087”, que é uma ficção baseada em fatos reais e desumanos, aquilo realmente mexeu muito com o meu psicológico. Quando de repente, comecei a alucinar e voltei no tempo, como se eu estivesse vivendo na época do livro, mais precisamente na 2ª Guerra Mundial.

Era final de 1938, eu morava na pequena cidade polonesa de Oswiecim, era judia e sentia muita dor de cabeça, era um desespero, correria e caos, o país já não era o mesmo há anos, eu vivia escondida e não podia dizer nem que isso era uma vida, eu apenas sobrevivia, mas não sabia que o pior estava por vir. Por causa do expansionismo da Alemanha nazista, todos nós judeus tivemos que fugir, já existiam milhares soldados e judeus em campos de concentração, mortos e queimados e sem culpa alguma.

Eu estava perdida e não sabia o que fazer, quando me puxaram pelos cabelos, me tiraram da minha família e me arrastaram a um dos campos de concentração. Lá fui marcada com uma estrela e me deram uma espécie de pijama (uniforme) para vestir, todos estavam marcados e vestidos da mesma forma, as condições daquele local eram precárias e tínhamos que trabalhar se quiséssemos sobreviver... Encontrei umas amigas minhas lá, mas percebi que quando entravam nas câmaras de gás não voltavam.

Quando eu estava na fila de marcação, e antes da minha vez chegar, avistei uma greta na grade, consegui fugir e fui correndo para a cerca, infelizmente um dos nazistas me avistou e eu acabei caindo e estourando uma de minhas veias, eles me viram caída no chão e me massacraram mais ainda, me pisaram e me chutaram, fiquei jogada num canto e eles acharam que eu estava morta. Na verdade eu só estava fingindo, me levantei e continuei lutando pela minha vida.

Quando o Exército soviético chegou ao campo de Auschwitz em 27 de janeiro de 1945, os soldados vislumbraram um cenário terrível: poucos prisioneiros esqueléticos e doentes terminais haviam sobrevivido, eu era um deles. Mal conseguíamos ficar de pé, muitos estavam deitados no chão, apáticos. Eu tentava gritar, mas parecia que minha voz não saía, aos poucos fui ficando tonta, pois estava fraca e acabei caindo de cabeça no chão.

Acordei e eu estava no meu quintal deitada no chão. Foi tão revoltante que acordei suando e com marcas em meu corpo, uma delas era de uma estrela, será que eu estava mesmo dormindo?

Nunca saberemos de verdade do que o ser humano é capaz... tanto sangue derramado por uma conquista em nome da colonização alemã, da exploração e quem sabe de um futuro império alemão, raça pura. Que raça é essa?

Uma história para meus netos

Em 1939 atacaram a Polônia. Soldados com uniformes pardos e com um símbolo no braço direito. Marchando pelas ruas principais, como se estivessem prontos para tomar qualquer iniciativa. Mal sabia o que estava por vir.

Logo começaram com os toques de recolher, depois foram para a restrição de quantidade de família para cada casa, vivíamos com quatro famílias em um apartamento de dois quartos, afinal, tínhamos que nos acostumar a conviver em conjunto, já que depois seria pior. Isso tudo só era o começo, estavam construindo os campos de concentração, onde realmente tínhamos que ficar e permanecer até a nossa morte (o que por sorte eu consegui escapar desse fim).

Quando os campos de concentração ficaram prontos, os soldados nazistas começaram a recolher os que eles chamavam de “imprestáveis”, os idosos que não conseguiam trabalhar, e pessoas com necessidades especiais, não sei o que fizeram com eles, somente desapareceram, tenho minhas teorias, porém, prefiro não dizer.

Ao longo do tempo, começaram a pegar pessoas sem critério, somente pegavam os que viam pelas ruas, e isso me deixava com mais medo ainda. Até que chegou o meu dia, eu era um menino esperto, não dava bobagem, sempre de olho em tudo, por isso eles não me pegaram nas ruas, me pegaram em casa. Meus pais já tinham ido, talvez para um campo de concentração, ou direto para a morte, o que era melhor, entre poucas opções.

Chegando no campo de concentração, depois de longas horas em vagões em pé, sem água e muito menos algum tipo de alimento, fomos separados entre os que serviam para trabalhar e os que “dariam trabalho”. Éramos vestidos com siglas para destinar quem era judeu, cigano, homossexual... Também numerados e a partir dali nossos nomes não importavam mais.

Visivelmente frágeis, claro, mal tínhamos o que beber, nem cuidados, mas tentávamos ao máximo nos mostrar fortes e resistentes numa luta que muitos de nós já a considerava perdida. Eles sempre repetiam uma frase da qual me lembro bem: “Não se implora por direitos, se luta por eles.”. Mas como? Não conseguíamos lutar por um pão, imagine por direitos.

Às vezes escutávamos alguns estrondos e muitos de nós acreditávamos que eram os aliados vindo nos salvar, porém, na época não sei se acreditava bem nisso, mas não deixava de ser uma esperança lá no fundo, mesmo que fosse pequena.

Até que, no amanhecer de uma parecida primavera, os Estados Unidos invadiram a Polônia e logo apareceram no nosso campo de concentração. O exército nazista trocou tiros com os soldados americanos, tentando usar alguns prisioneiros como escudo, mas alguns de nós corremos para nossos barracões e tivemos sorte de estarmos vivos. Entre as brechas das madeiras do barracão vi cada vez mais soldados nazistas caírem e meu coração se enchia com esperança. Então o exército americano conseguiu, acabou com o inimigo, os nazistas acabaram ali caídos, mortos onde muitas outras pessoas inocentes morreram, pessoas que eles mataram.

Flor da Guerra

1º dia

Finalmente os ataques que aconteciam na nossa tribo acabaram. Eu, Luna, sou italiana filha de colonizadores e a Anaya africana filha de escravos.

Quando tínhamos 3 anos, o barco que nos levou (eu, meus pais biológicos, a Anaya e a sua grande família) enfrentou uma tempestade à noite. Não sei o que aconteceu, porém acordei abraçada com a Anaya na costa de uma praia e, depois que ela despertou, fomos levadas para uma tribo. Nos ensinaram a caçar, mas eu aprimorava minha leitura, fala e escrita iniciada com 1 ano e a Anaya via a nossa avó adotiva costurar.

Foi assim por 6 meses, até que muitos homens brancos que chamamos de soldados britânicos começaram a aparecer em nosso lar e levar os jovens daqui. Que a Anaya só sabíamos chorar quando levaram nosso pai adotivo. Depois, foi nossa mãe adotiva. Por fim, torturaram e esfaquearam a vovó na nossa frente até ela ceder. Nós passamos 4017 dias fugindo de espanhóis e indígenas de outras tribos.

Hoje em dia, nós estamos com 14 anos e somos as últimas da tribo, todavia temo que logo, logo serei a última. A Anaya está gravemente ferida e doente, devido às torturas dos soldados e da picada de uma cobra venenosa achada aqui perto.

Vou procurar uma antiga cigana, como contava minha mãe adotiva. Diziam que ela salvava vidas, mas também destruía. Acho que a aventura vai ser longa.

2º dia

Partirei em busca da velha cigana hoje. Sei que não posso deixar a Anaya sozinha, pois essa pode ser sua única esperança de sobrevivência. Minha bolsa está equipada com tudo e eu já avisei e alimentei minha amiga. Estou pronta.

No momento, estou dando uma pausa. Andei muito e, é claro que, marquei várias árvores por onde passei, mas nada da Beldam e a noite já está caindo. Pergunto-me como está a Anaya. Admito, tem uma lágrima percorrendo meu rosto.

Acabo de ouvir um barulho de arbustos sendo remexidos. O que farei?

Alarme falso. Era somente uma raposa perdida. Ela estava estranha, então eu a enrolei em um pedaço de pano e a levei na beira do rio, assim ela pode matar sua sede. Também a alimentei. Ela está livre, mas ela continua me seguindo, como se algo estivesse puxando-a para mim, como uma coleira. Meu pai já me contou uma

vez que quando eu chegasse na puberdade, eu poderia ver o meu espírito companheiro, um animal que me ajudaria nas caçadas e na sobrevivência. Será que essa raposinha é o meu espírito? Tão pequena, entretanto, tão sábia.

Estamos andando mais um pouco e as árvores estão se abrindo. Estou sentindo o ar mais... como posso dizer, poluído. Um momento. Ouvi algo. Parece que alguém está colhendo flores. Será a Beldam? Não, é muito pior. É o Corvo! Minha mãe sempre contava a história do Corvo, um homem com bico de corvo. O qual fixou seu bico a terra debaixo das águas deixando um pouco de terra à superfície, onde nesse espaço só poderia estar a casa do Corvo e de sua família. O dia surgiu quando o Corvo estava brincando com uma bexiga e a rasgou. Como o pai a tirou antes que ele a destruísse, ainda existe noite.

Estou preocupada. O Corvo me encontrou, pediu para eu entrar em uma casa e me sentar ao lado de uma senhora doente. Eu não me atrevi a perguntar o que aconteceu com ela, mas tenho um palpite. Acho que a moça está com a mesma doença que minha mãe teve, uma que ataca as vias respiratórias. Finalmente perguntei o que aconteceu. Ele me disse que esta senhora o chamou para examiná-la, então eu o questionei sobre seu cargo e fui respondida com: "Sou doutor". Acabei falando que sabia o que ela tinha e sabia ajudar. Ele riu.

Agora, este "doutor" está boquiaberto, porque depois dele ter rido de mim eu me levantei, fui para o jardim da casa, arranquei duas plantas distintas e voltei para dentro. Após isso, fiz dois chás. Por fim, os dei para a mulher beber, ela bebeu um e depois o outro. Passou-se um tempo e a paciente recuperou-se. Então, o homem me perguntou como sabia que ela iria melhorar e eu o expliquei que a folha do primeiro chá era guaco, uma planta que já ajudou a minha mãe com uma doença respiratória misteriosa e que a do segundo era alecrim, uma planta que inibe a degradação de substâncias químicas responsáveis pela sensação de bem-estar.

Conversei com o doutor e ele me disse que seria retribuída, então falei que minha amiga estava ferida e doente. Fiquei aliviada quando ele me perguntou a situação dela, idade e o que causou isso e eu respondi tudo sem esconder nada.

Estamos com uma especialista em cobras para descobrirmos qual picou a Anaya. Ela acabou de me mostrar várias fotografias de serpentes venenosas, entretanto somente uma abriu minha memória daquele dia, uma cobra cinza escura com diamantes amarelos, então eu rapidamente apontei pra ela e a bióloga me disse que o nome específico dela era *Crotalus adamanteus*.

No momento, estamos esperando o farmacêutico nos dar um remédio que vai curar minha amiga. O moço chegou com um frasco de vidro, o doutor acabou de entregar uns pequenos círculos reluzentes e agora pega o recipiente.

Sáímos da residência e percebi que a raposinha ainda está me seguindo.

3º dia

Estamos muito cansados, mas tudo vai valer a pena. Já estamos dando o remédio para Anaya. Agora, só me resta esperar.

Anaya acordou e ela parece muito melhor. Estou tão feliz!

Achava que as coisas não podiam melhorar, todavia estava enganada. O Corvo, ou melhor, o doutor acabou de nos convidar para sermos suas filhas. Nós aceitamos e estamos arrumando nossas coisas para irmos até a casa dele. Creio que não preciso mais escrever sobre minha vida agora, porque vocês já sabem o que vai acontecer

Milagres são bons?

Bombas botaram cidades inteiras de joelho hoje. Os refugiados embarcaram sabendo que seus pés talvez nunca mais toquem o solo desse país. Os soldados do Talibã mataram pessoas inocentes a tiros, vi mães perderem os filhos. Não posso deixar de acreditar que minha vida é nada menos que um milagre, mas acho que preferia não ter esse milagre na minha vida.

Nós, mulheres afegãs, estamos sendo usadas, tocadas, abusadas diariamente. Eles fizeram uma lista com nossos nomes decidindo com quais integrantes do Talibã seremos obrigadas a casar, já tiraram algumas da própria casa para serem escravas sexuais, algumas estão sendo mortas por “crimes” como adultério. Segundo as regras do Talibã não podemos mais sair de casa sem estar acompanhada de um homem da família, para trabalhar precisamos de permissão, temos que usar o niqab ele cobre todo o corpo deixando amostra somente os olhos, sem maquiagem, não podemos mais estudar e nem rir. Estamos tendo todos os nossos direitos conquistados nos últimos 20 anos sendo não só ameaçados,mas, sendo tirados de toda a população feminina.

Um grupo de afegãs incluindo-me fizemos uma tentativa de fuga, juntamos dinheiro para assim sair do país, estava quase tudo certo para a nossa escapatória, mas, 6 mulheres do grupo foram levadas à força para ser escravas, infelizmente não conseguimos ter mais informações delas. Algumas conseguiram sair do solo afegão para o leste europeu, eu não tive a mesma sorte, minha fuga foi mal sucedida e ainda quase foi pega por um dos homens. No final, eu tinha voltado à estaca zero, minha situação não estava boa. Tive que ficar em uma casa abandonada mais afastada da área urbana, mas nada que esteja ruim que não possa piorar. Acharam-me, levaram-me e colocaram mais um nome na lista de quem seria obrigada a casar, o meu nome. Aparentemente eu tenho perfil para ser uma ótima reprodutora.

O grupo extremista está fazendo um apelo para que as afegãs se juntem ao governo deles, estão tentando se mostrar mais moderados e diz respeita os direitos das mulheres desde que estejam dentro das leis islâmicas, mas as ações são totalmente contrárias, até agora só se mostraram moderadas na mídia. Milagres são considerados bons, mas às vezes estão te dando mais sofrimento.

LYA BARROS DE SANTANA

Relatos de uma afegã.

Bruxas do Leste

31 de março de 1831. Aquele inferno tinha finalmente acabado. Depois de mais de 300 anos de perseguição e guerras, nós finalmente poderíamos parar de fugir. Não é fácil manter seus costumes e ideologias intactos quando tantas pessoas já foram mortas por serem iguais a você. Mas esse era o fim. O fim dos segredos. Nada mais de fugir, se esconder, ser presas, apedrejadas e queimadas. Ou era isso que eles queriam que nós pensássemos.

No ano de 1511, meus antepassados, mais especificamente, os homens de minha família, ficaram com uma doença não diagnosticada e incurável na época, levando-os a perecer. Essa doença genética permaneceu em minha família por muitos anos, e por causa dela, Teodora, minha ancestral, perdeu seu irmão e pai para o "mal desconhecido". Se sentindo muito inconformada por não poder ajudar aqueles que amava, Teodora decidiu que faria alguma coisa. Ela se disfarçou de homem e entrou em uma renomada faculdade de medicina, ao mesmo tempo começou a "recrutar" outras mulheres que tinham o mesmo desejo de ajudar as pessoas.

Depois de um tempo, esse grupo foi crescendo e se transformou em uma comunidade. Mas com o crescimento, vem o reconhecimento, o que nesse caso, não era nada bom. Em 1531, éramos só um boato para os habitantes, porém já uma ameaça para a igreja. Com o decreto da inquisição, finalmente tinham uma desculpa para nos perseguir e aniquilar.

Hereges, bruxas, crias do diabo, entre outros adjetivos menos amigáveis que já fomos chamadas, eram a parte menos pior do que foi a perseguição que sofremos. As que não admitiam seus "crimes" eram queimadas vivas, enquanto a punição mais leve para aquelas que admitiram era ser privada de sono e comida por vários dias, e as piores, acho melhor não mencionar.

Desde então esse grupo, chamado pela população de "Bruxas do Leste", viraram nômades, devido a constante necessidade de fugir. Por mais que elas tivessem que viver se escondendo, suas habilidades e seus conhecimentos medicinais foram aumentando, até um ponto em que elas conseguiram temporariamente curar o "mal desconhecido".

Agora, em minha geração, a inquisição finalmente acabou. Depois da aniquilação (ou guerra civil, pelo que os nobres gostavam de chamar) de uma vila que nós fomos vistas. Não é como se eventos parecidos nunca tivessem acontecido

antes, mas aquela foi a pior. Adultos, crianças, velhos e doentes, nenhum sobreviveu. Por sorte nós não estávamos mais lá quando essa catástrofe aconteceu. Mas isso só aumentou os rumores de como nós éramos amaldiçoadas e que trazíamos desgraça para aqueles em nossa volta.

Porém, como a pessoa que ordenou o ataque não sofreu consequências? Quem mandaria soldados para combater civis? Essas perguntas só possuem uma resposta...O rei.

Ele acha mesmo que vai se safar por ser um rei? Pois eu terei minha vingança.

Traummas eternos

Eu estava no meu alojamento, quando escutei muita confusão e gritaria. Hitler estava morto. Ao ouvir essa informação não pude ficar mais feliz, já que se o líder nazista estava morto, a guerra teria acabado e eu estaria livre. O que eu não sabia e imaginava era que eu estava muito enganado.

No momento em que fui para fora do campo, descobri toda a verdade. Mesmo com a morte de Hitler a guerra não havia acabado. Os nazistas, revoltados com a morte de seu líder, prometeram vingança contra seus inimigos. A guerra estava entrando em uma nova fase.

Como os americanos mataram o líder nazistas, os apoiadores dessa ideologia votaram e colocaram outra pessoa no poder, Petrus Brand, que prometia vingar cada gota de sangue de Adolf Hitler, derramada pelos Estados Unidos.

Petrus começou na liderança fazendo drásticas mudanças e uma delas nos envolveu (os poloneses). Agora, além vigiar judeus e realizar algumas tarefas no campo, nós iríamos lutar na guerra também. Os nazistas prometeram para aqueles que lutassem com o objetivo de derramar sangue, que após a guerra seriam libertos e receberiam uma recompensa. Houve uma seleção dos melhores poloneses para entrar em combate. Esses tiveram acesso a diversos alimentos e a médicos, para se fortalecerem e irem à guerra. Eu, felizmente ou infelizmente, não consigo responder essa incógnita até hoje, anos após toda essa guerra, fui escolhido para ir à guerra. Com tudo que os nazistas deram para mim e meus companheiros, nós conseguimos ficar mais fortes, porém logo já fomos encaminhados para os combates.

Nas batalhas que fui obrigado a participar era notável o quão instável estavam os nazistas. Eles estavam perdidos. Mesmo tendo um novo líder, nada conseguiria substituir Hitler. Seus inimigos, muito inteligentes, souberam usar dessa fraqueza a seu favor. Muitos ataques não tinham só como principal objetivo o domínio de territórios, mas sim abalar drasticamente o psicológico dos nazistas e poder assim fazer ataques maiores sem um bom preparo do lado inimigo.

Era de se esperar que a guerra não duraria muito mais com essa situação dos nazistas. Porém, o que me deixava sempre muito pensativo era se eu iria conseguir sobreviver até isso chegar ao fim. É claro que nos campos de concentração eu era muito mais explorado, além de quase não ter muito do que comer, entretanto eu não

corria frequentemente o risco de levar um tiro ou morrer por explosões causadas por bombas.

Estávamos em um grande batalha, quando o que eu mais temia aconteceu. Eu havia levado um tiro no meu ombro direito. Cai lentamente no chão e fiquei inconsciente. Acordei apenas algumas horas depois, em uma tenda onde alguém estava fazendo um curativo em mim. Lembro até hoje de suas palavras:

“Você foi ferido no ombro direito A bala não saiu. Vamos fazer uma cirurgia em você, porém você corre um grande risco de vida.”

Ao ouvir essas palavras meu mundo desabou. Eu não estava acreditando que iria morrer por uma bala, após tudo que eu vivi. Nesse momento eu apenas fechei meu olho e dormi, não esperando acordar mais.

Surpreendendo muitos, inclusive a mim mesmo, eu havia sobrevivido! Obviamente teria que ficar de repouso até poder voltar para a guerra, claro que não seria o descanso ideal, mas seria algo. De qualquer forma, eu só conseguia pensar que eu estava vivo! Isso me deixou com uma sensação de felicidade que ninguém, nem eu consegui explicar.

Quando faltava apenas uma semana para eu poder voltar para o combate, eu recebo a notícia que os alemães e seus aliados perderam a guerra. Finalmente os americanos venceram! Eu estava livre!

Após essa última semana de descanso, eu fui para um alojamento, onde recebi água e comida, fiquei lá por alguns dias, até receber a notícia que eu receberia uma casa no meu país de origem, a Polônia, que nesse momento estava destruída. Os Aliados deram todo apoio e suporte para as vítimas de Hitler, principalmente nós, poloneses, e os judeus. Apesar de todas as perdas que tive, eu não podia estar mais feliz, minha vida estaria voltando a ser o que era antes de Hitler aparecer.

Era tudo mentira...

Somente hoje sei do que realmente aconteceu, era tudo uma mentira do meu pai. Para me proteger...

Depois de muito tempo fiquei sabendo o que, exatamente, foi o holocausto, sem meu pai do meu lado para agradecer pelo que ele fez por mim.

1940, Polônia

Depois de anos fugindo de pessoas das quais eu não sabia quem eram, pegaram a gente e marchamos até um lugar, com pessoas muito tristes. Então fiquei com medo e perguntei ao meu pai:

- Pai, o que está acontecendo?

- Filho, agora entraremos dentro de um jogo, uma gincana!

Gostávamos muito de brincar, de qualquer jogo que fosse, então logo fiquei animado e sorridente.

- Qual tipo de jogo?

- Um jogo perigoso meu filho, as regras são: ande sempre sem postura e de cabeça baixa, ok?

- Ok!

- Depois, não tenha emoções, se não eles vão te punir e você perde o jogo

- Ok!

Sempre fui muito competitivo, então não queria perder por nada nesse mundo.

- Você tem que fazer o que eu mandar sempre. Se não, perde!

Todos os dias ele me mandava fazer algo, os mais comuns eram: me esconder embaixo de uma madeira ou me esconder em um alçapão que ficava no chão. Outros machucavam, mas eu fazia por que não queria perder a gincana, como: carregar pedras de um lado pro outro com ele, esse eu nunca entendi o propósito, mas mandavam ele fazer, então eu fazia também! Meus braços eram cortados de fora a fora, sempre tinham machucados ou cicatrizes. Outro deles era ir para uma câmara com um ar perigoso, que podia tirar suas vidas no jogo, então ficávamos brincando de quem segurava mais a respiração, era bem divertido, tinha gente que parava de respirar e dormia, por um longo tempo.

Um dia fomos para um lugar que faziam tatuagens na gente! Doeuse um pouco mas eu gostei muito. Era uma letra e quatro números, a minha era: **M-1627**.

A do meu pai era: **E-4589**.

Eu já estava ficando cansado do jogo, já haviam se passado dois anos desde o início da brincadeira. Eu estava magro, muito magro mesmo. Meu pai também.

Passamos por um lugar, em uma caminhada que durou vários dias, que tinham pessoas jogando comida pra gente pelas janelas, dei a sorte de pegar duas baguetes bem grandes, e meu pai também, comi uma inteira e guardei a outra para outra ocasião importante em que estivesse com muita fome.

- Pai, não sei se quero mais jogar esse jogo, quero voltar pra minha vida normal

- Você vai me deixar jogar sozinho? Não acredito nisso! Você? A pessoa mais competitiva e que não desiste de nada, vai parar?

Odiava quando ele me desafiava dessa forma, então falei:

- Não! Eu falei brincando né!

Dias atuais...

Não consigo acreditar, que mesmo no meio de todo aquele sofrimento nosso, ele me fazia continuar ainda, pensando que era tudo uma brincadeira e que eu tinha que ganhar a tal da “gincana”...

Eu era tão inocente, e nem percebia...

Era tudo uma mentira...

Uma caminhada

A noite. Lanternas piscavam ao longe. A traição, a ignorância e a força bruta do golpe que fora proferido, tudo isso soava ao longe como um eco incessante.

A relva verde e macia, que crescia no bosque por todos os cantos, era a armadilha perfeita. Ela encobria uma lama extremamente escorregadia, fruto de dias de chuva constante. Em alguns pontos, era tão escorregadia que todos caíamos e nos derrubávamos uns aos outros, como pinos de boliche. Em outros, era tão profunda que eu mesma, após um passo em falso, precisei de ajuda para tirar minhas pernas que ficaram enterradas até os joelhos num buraco.

Mas naquele dia a garoa estava fraca e as raízes das árvores centenárias daquele bosque davam conta de segurar o solo. Folhas verdes daquelas enormes plantas que nos protegiam caíam ao nosso redor (Apesar da garoa fraca, o vento não parecia querer dar trégua).

De qualquer forma, nós pensamos que aquele seria um ótimo lugar para descansar. Muitos caíram ali mesmo e adormeceram, fruto de uma longa caminhada que já durava várias horas. Eu olhei em volta. Ao meu redor, aqueles que me acompanhavam naquela viagem fadada ao fracasso, as figuras sem rosto e de pensamentos irrelevantes para o mundo, mundo esse que insistia em nos encarar, todos tão certos de seus pensamentos, alguns até bem parecidos com os meus. Todos estavam mergulhados em sonhos profundos agora, longe dos perigos e inseguranças que nos sondavam durante o dia. Mais ao longe, vi uma árvore com raízes grossas e retorcidas que pareciam um ótimo lugar para me encostar. Cambaleei a passos cansados até lá, tropeçando em pedrinhas e derrapando um pouco na grama até a minha bela cama criada pela natureza. Caí com tudo na raiz e bati minha cabeça. A dor e a raiva de minha estupidez não foram um empecilho para que eu adormecesse quase instantaneamente.

Na manhã seguinte, seguimos em frente com nossa caminhada. Não foi preciso mais que uma hora de trilha para que encontrássemos uma casa. De lá, podíamos ver, abaixo, depois de um barranco um tanto íngreme, uma pequena cidade caindo aos pedaços.

Resolvemos nos instalar naquela pequena casinha de tijolos, já que os donos já deviam tê-la abandonado há muito tempo. E, para falar a verdade, a casa até que era bem bonita, com a porta verde descascada, as paredes cheias de trepadeiras

com folhinhas verdes e flores brancas, que eram tão pequenas quanto a pontinha do meu dedo mindinho. Do lado de dentro, não tínhamos muito, só uma pequena mesa de madeira meio bamba, duas camas sem colchão e um velho fogão a lenha extremamente sujo. De frente para nossa mesa era onde ficava a única janela em toda a casa. Ela tinha a vista para uma jabuticabeira, com um córrego de água limpa ao lado e, bem ao fundo, a cidade. Onde, a julgar pelos barulhos de tiros e gritos que soavam agora, estava tendo um confronto ou uma execução.

Naquela noite, recebi o encargo de cuidar de alguém que tinha machucado o joelho durante a caminhada do dia anterior. Ele sentia sede, então resolvi ir até o córrego que tinha visto para encher alguns cantis. Saí da casa sem lanterna, a lua estava cheia e iluminava o caminho suficientemente bem. Passei pela jabuticabeira e quando ia me abaixar em frente ao córrego para colocar o primeiro cantil sob aquele fio de água... Ouvi um estrondo. Uma dor alucinante tomou conta da minha perna direita e eu cedi. Imediatamente saíram dois vultos camuflados do arbusto mais próximo e me obrigaram a levantar. Eles seguraram meus braços para trás e me algemaram, depois me obrigaram a andar, mesmo que minha perna explodisse de dor.

O caminho todo pareceu uma eternidade, com aquela dor horrível sempre se fazendo presente, enquanto seguíamos até a cidade. Lá, a cara escancarada, cruel e triste da fome espreitava em todo canto, corpos espancados e sem vida de quem ousara sair da linha preenchiam o meio fio, valetas, e se acumulavam em alguns pontos da calçada. Tudo que se tornara tão comum para eles e que pra mim era tão horrível. Bandeirinhas de nosso país estavam penduradas em todos os postes. Como se alguém tivesse orgulho daquele horror, de tudo que havia de pior pelo que tantas pessoas passavam. Viramos na esquina para subir uma ladeira com vários guardas, quando pedras, tiros e bombas começaram a voar em nossa direção. Eu me joguei no chão e consegui rolar para longe do foco dos rebeldes. Logo um grupo armado começou a descer a ladeira com grande entusiasmo e botar os soldados pra correr aos gritos de:

- FASCISTAS! NÃO VOLTEM MAIS AQUI! VAI CHORAR PRO SEU DITADORZINHO, VAI!!

Nos dias seguintes, uma velha senhora tomou conta de mim, em sua casa velha, cheia de cupim e com cheiro de naftalina, até que minha perna sarasse. Ela me contou que costumava ser médica mas que a profissão parou de dar dinheiro e

que os policiais estavam levando todos para trabalhar nas “frentes de combate ao comunismo” (como eram chamadas pelos comedores de pasto as milícias de extermínio que atuavam em periferias e bairros pobres, matando qualquer um que levantasse a voz ou que parecesse levemente suspeito), me contou sobre tudo que ela e os amigos passaram vivendo naquela cidade e como fora organizada a revolta que eu presenciara. Quando minha perna estava melhor e era a hora de ir, fiquei triste por me despedir daquela mulher, que no final das contas se tornara uma grande amiga. Atravessei a porta carcomida com a qual já tinha me acostumado e fui embora, para sempre.

A grande guerra

Cansamos desse governo, cansamos de ser marionete desse presidente medíocre, está na hora de nós cidadãos darmos um fim nisso, ele está há mais de 7 anos no poder, cansamos da ditadura, nós queremos ser livres! Livres para votar, livres para termos nossas escolhas ou qualquer outra coisa, já chega.

Vamos organizar um ataque, amanhã irá ter uma manifestação em que ele vai, vamos nos preparar para acabar com esse ditador facista. Vamos aglomerar mais de 1000 pessoas para atacar ele e seus seguranças, vamos precisar de armas de boa qualidade, não queremos machucar ninguém além dele.

Não entendo o motivo de ainda existir ditadura, isso é coisa do passado, nós já estamos evoluídos, isso só existia no passado, onde as pessoas eram influenciadas facilmente pelo governo, era pra gente ter melhorado.

E o problema veio... tinha um infiltrado na reunião, contou tudo para o governo e assim... a discórdia foi feita. Os de dentro começaram a reunir o povo deles para se protegerem no dia seguinte. Ia acontecer coisa feia, disso ninguém tinha dúvida, os de fora estavam com sangue nos olhos para matar o presidente, eles queriam descontar o ódio todo, de tanto tempo sendo feitos de bobos pelo governo.

Chegou o dia, a chacina começou no centro da cidade, foram mais de 100 mil pessoas, foi bizarro o ocorrido. Bombas para todos os lados, tiro, explosão, gritos, dor, morte. A batalha se estendeu para a cidade toda, e assim ... começou uma grande guerra no país.

A vida se tornou um caos, estava complicado viver alí, cada dia mais difícil sobreviver, cada dia mais difícil conquistar o pão de cada dia, alguns fugiam, alguns roubavam, virou terra de ninguém.

Até que uma bomba de hidrogênio foi criada, sim, o governo venceu, eles tinham mais dinheiro, mais soldados, mais poder, o pior aconteceu, nosso plano deu errado, milhares de pessoas morreram, milhares de famílias. E agora? o que resta deste país? Vai ser assim para sempre?

Infelizmente o que nos resta é esperar, esperar isso tudo acabar, esperar alguém fazer alguma coisa, pois desse jeito... não dá.

Quatro anos depois...

A vida se tornou um caos, estava complicado viver alí, cada dia mais difícil sobreviver, cada dia mais difícil conquistar o pão de cada dia, alguns fugiam, alguns roubavam, virou terra de ninguém.

Até que começaram a chegar forças armadas de outros países para ajudar esse pobre país falido. O estado estava ganhando cada vez mais força e cada vez mais soldados, mas não demorou muito para acabarem com todos, todos que apoiavam essa ditadura genocida. Esse ficou conhecido como “O dia da paz”, o que é bem contraditório, pois este foi o dia mais sangrento da história da humanidade.

Recomeço do Soldado Hans

Tudo começou quando algumas tropas alemãs foram enviadas em uma missão de procura e possível salvação de civis, a região não era segura, pois havia o perigo de uma bomba radioativa. O soldado Hans muito abalado com a derrota em seu país decidiu ir em busca de sobreviventes. Mesmo estando ferido, com toda sua determinação, ele se prepara e vai em busca de sobreviventes! Depois de um tempo andando, Hans chega em um campo minado, ele fica muito assustado e logo se lembra do que tinha acontecido antes. Hans se lembra perfeitamente do estrago que uma bomba pode causar.

Então, com bastante cuidado, ele vai andando pela área minada, olhando atentamente para o chão. Quando chega ao final, ele fica bem ofegante e agradece por ter conseguido sair sem nenhum ferimento grave

Ele chega em uma parte onde possui um prédio abandonado e todo destruído, vai até lá. Já na entrada tinha uma pessoa no chão em meio aos destroços muito ferida. Hans chega perto e tenta ajudar, a pessoa estava respirando, ele a leva até a parede quando percebe que aquela pessoa é um grande amigo seu... Após ele ver que era seu grande amigo Albert, Hans pega em sua mochila um kit médico e cuida das feridas do seu amigo, depois de ter ajeitado Albert, ele deixa seu amigo encostado na parede descansando e vai em busca de mais vítimas.

Depois de muito tempo andando, ele achou uma bomba nuclear enterrada no chão, formando uma cratera e ali havia alguns soldados alemães que estavam feridos. Então Hans teve a ideia de ir atrás de um comunicador que poderia estar por aí, já que os soldados estavam com seus *Walkie-talkie*. Quando chegou neles, pegou uns *Walkie-talkies* e tentou chamar reforços... nenhuma resposta... Então pegou sua bolsa e decidiu chamar por um sinalizador, para isso teria que pegar um ponto alto para lançar, olhando em volta ele encontra uma torre bem alta, parecia ser para *snipers* ele vai até lá, pega o sinalizador e tenta acender, mas acaba falhando e não consegue enviar o sinal. Hans então volta ao local, pensa em algo novo, se lembra que talvez possua sinalizadores na bolsa dos soldados, procurou e acabou encontrando, voltou até a torre e enviou o sinal pedindo ajuda.

Depois de umas horas, ele avistou um helicóptero no horizonte, dava para ver perfeitamente da onde ele estava. Quando o helicóptero chegou, Hans falou o que tinha acontecido: “Eu achei eles gravemente feridos por aqui e também tem um cara

lá no prédio...” Depois de Hans ter salvo a vida de alguns soldados e ter encontrado seu grande amigo Albert , tudo o que ele queria era voltar para casa e rever seus amigos e familiares, ainda mais por conta das lembranças que teve enquanto vagava pelo local devastado por conta da guerra...

Hans não desistiu, mesmo em meio ao caos da guerra teve coragem e voltou para resgatar seu amigo, tudo o que ele queria agora era recomeçar sua vida com seus familiares e amigos.

Sobreviver, mas a que custo?

Conseguia ouvir uma pessoa gritando de fundo, mas minha visão estava muito embaçada e minha cabeça doía muito. “O que está acontecendo?” Eu me perguntava. Estavam gritando comigo. Estavam gritando para eu me levantar. Eu olho em volta e vejo todo o meu redor destruído, com muitos destroços para todo lado. Tinha poeira e fumaça em meus olhos. De fundo, vejo uma pessoa. Eu conheço esse corpo. Minha visão ficou muito afetada por seja lá o que tinha acontecido ali. Vou chegando mais perto e percebo. Era a pessoa na qual, antes da tragédia, eu namorava.

Antes da tragédia, porque logo após eu ter forças para me levantar, homens armados começaram a atirar sem parar no ser que eu mais amava. Eu tive que fugir dali antes que me vissem. Atrás de mim tinha uma pilha de tijolos e cimento, me escondi por ali e garanti que não me achassem. Não conseguia acreditar no que tinha acabado de acontecer comigo.

Olhando em volta eu tento me localizar, o local era familiar. A estrutura era do lugar onde eu morava, ela estava destruída. Tinha um buraco enorme na parte de trás da casa. Depois de um tempo procurando se tinha mais algum ser humano vivo no local, os homens foram embora e era minha oportunidade de ver meu amado. Não vi apenas o corpo dele, como vi de toda a minha família... até hoje eu me sinto péssimo, só de pensar me dá arrepios e o meu coração fica muito pesado. Queria nunca ter passado por isso.

Tive que ser forte e seguir em frente... mas era impossível, eu nunca iria conseguir. Só conseguia pensar no que acabara de me acontecer. Queria gritar, mas não podia, iriam me ouvir. Mesmo tendo visto a pessoa que eu mais amava e toda a minha família morta, eu tive que sofrer em silêncio, sem ninguém para me ajudar. Fiz uma promessa a mim, eu sobreviveria a qualquer custo.

Passei por muita coisa, me acostumei a ver corpos espalhados pela cidade todos os dias. O cheiro era insuportável e minha alimentação era péssima, quando eu conseguia comer alguma coisa que não estivesse estragada era meu dia de sorte. Durante todo o tempo a mesma cena se repetia várias vezes na minha cabeça e eu sempre me perguntava “por que estou fazendo isso? No final vai valer a pena?”.

Ao longo do tempo, conheci pessoas que ficaram comigo por um tempo, umas me deixaram, outras se mataram e outras foram mortas. Teve indivíduos que eu não

queria nem chegar perto, pareciam muito perigosos. Graças à ajuda de alguns eu consegui sair vivo em meio daquele caos.

Sobreviver à uma guerra, perder seu amor, amigos e familiares, ver toda aquela carnificina sem poder fazer nada... passar por tudo aquilo que eu passei é um pesadelo. Às vezes eu preferia estar morto. Não queria ter passado por esses eventos traumáticos e que mesmo depois de tantos anos ainda me abala. Por que eu fugi? Por que eu não morri ao lado do meu ente querido? Essas perguntas circulam pela minha cabeça diariamente.

Garotas na guerra

Nenhum Holandes imaginava que isso fosse acontecer tão rápido, há nove meses os Alemães começaram a invadir a Polônia, e agora eles chegaram no meu país, a Holanda.

Estava na casa da Freddie, uma grande amiga minha, ajudando ela a fazer bonecas para as crianças que sofreram com a Guerra Civil Espanhola, quando ouvimos pelo rádio que os primeiros nazistas haviam chegado aqui.

- O que será da gente Freddie?

- Isso, só o tempo dirá - Respondeu com um semblante sério.

- Onde será que estão Saul e Khai agora? - Eu a perguntei.

Saul e Khai eram mãe e filho que moravam na casa dos Oversteegen por um período durante a guerra, mas foram mandados para o campo de concentração.

- Provavelmente mortos.

Uma batida forte na porta nos tirou da nossa breve conversa, em seguida Truus e Hannie Schaft, entram na sala ofegantes.

Hannie, uma menina de cabelos ruivos, largou a faculdade de direito após se recusar a jurar lealdade à Alemanha, ela era a mais velha e a mais responsável de nós três.

- Frans pediu uma reunião urgente para poder conversar com a gente. - Truus anunciou.

- Frans? em Frans Van Der Wiel? - Perguntei assustada.

- Sim! Frans Van Der Wiel - Hannie respondeu.

Frans era o comandante do Conselho de Resistência clandestino de Haarlem, nossa cidade. Nós fazíamos parte da resistência holandesa, nosso trabalho era espalhar cartazes e distribuir panfletos antinazistas.

- Mas o que será que ele quer com a gente? Fizemos algo de errado? - Foi a vez de Freddie perguntar.

- A única coisa que sabemos é que a reunião vai ser essa noite.

Assim passamos as próximas horas, nervosas e com medo do que estaria por vir. Quando chegamos no esconderijo para a reunião, já era de madrugada.

- Meninas, boa noite - Frans disse.

- Boa noite, Sr. Van Der Wiel - nós quatro respondemos em sincronia.

- Podem me chamar de Frans e por favor sentem-se.

- Certo, vou direto ao ponto, como viram os nazistas estão na nossa cidade, então com a autorização de suas mães gostaria que ajudassem mais ativamente contra eles. Será um trabalho simples, por enquanto precisamos que descubram os Holandeses que traíram nosso país.

- Certo, então precisamos descobrir quem são eles, mas como iremos fazer isso e quando acharmos eles o que acontece, os matamos? Se sim, com quais armas? - Eu perguntei eufórica.

- Calma. Isso, vão descobrir quem são eles, depois os homens tomaram conta do resto. - Ele me explicou.

- Mas teremos dicas de como achá-los? - Hannie dirigiu a palavra.

- Sim.

Um dia depois, começamos nossas buscas por traidores, não era fácil, tínhamos que ir em bares e conversar com todos os homens, e quando descobrimos um traidor ou nazista, o convidávamos para dar um passeio pelos bosques, onde os homens da resistencia estavam, e depois disso eles tomavam conta dos soldados.

Infelizmente passou a ficar difícil fazer o nosso trabalho, pois alguns homens passaram a nos reconhecer, Hannie era a mais reconhecida por conta de seu cabelo, e por isso em 1945 ela foi capturada e morta pelos nazistas.

Eu, Freddie e Truus sobrevivemos, e criamos em 1996 a Fundação Hannie Schaft, em homenagem a nossa grande amiga.

À morte

A névoa moldada de pólvora destrói a visão dos poucos que sobraram. São João, São José, eu clamava pela misericórdia de qualquer nome de santo que vinha na minha cabeça, mas eu sabia que não ia mudar em nada. Vejo todas as coisas que fiz no passado, mas acima disso, vejo as que não fiz. Amigos ou estranhos, família ou bastardos, todos agora eram apenas pedaços de carne em que os ratos dançavam. Eu sabia que eu era o próximo, olhar em volta e perceber que essa será a última vista em que seus olhos vão alcançar, ou os últimos suspiros que seus pulmões cansados vão dar, todos os meus sentidos agora não são mais confiáveis, minha existência agora é totalmente insignificante.

Quanto mais eu penso, mais perto aquelas sombras chegam de mim, o meu mundo está desabando, e estou aqui tentando romantizar o resto de vida que me falta, talvez romance não exista, as coisas apenas acontecem, e é isso. Eu sinto meu coração cada vez mais pesado, e me transporto pra quando era criança, mas logo volto. Qual o ponto de me lembrar? Será a morte algo que eu me lembre antes de nascer?

Eles estão mais perto, penso neles, sem piedade com ninguém, mulheres, crianças, mas penso que são os mais miseráveis daqui, são cegamente levados ao campo para vomitar todas as suas mágoas naqueles que não tem poder pra revidar, talvez eu seja um deles, talvez eu sou o que não revida. Então devo eu acabar comigo mesmo? Não, eu não fui o espermatozóide mais rápido pra chegar no óvulo da minha mãe para usar minha própria garrucha contra mim. Talvez voltar a ser um espermatozoide fosse o melhor pra mim, acabar com esse sofrimento que é conseguir pensar.

Eles chegaram.